REVISTA DA SEMANA

N. 35 27-8-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

Em côres:

CARMEM
e a sua privilegiada arte de ser baiana

Ainda:

Entrevista com
AURORA MIRANDA

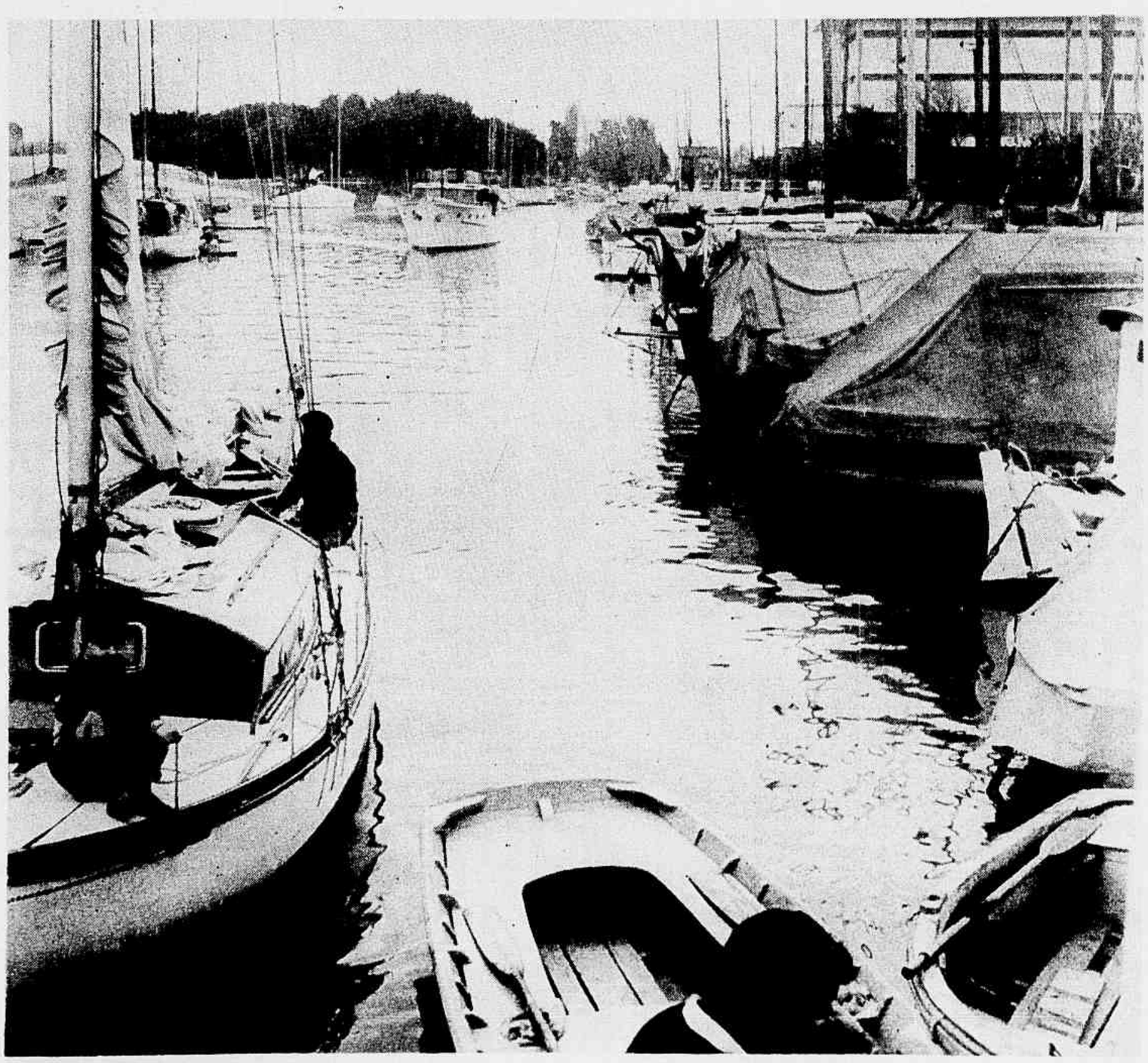
FLAGRANTES DA CAPITAL PORTENHA

ASPECTOS DA URBS PORTENHA ★ COMÉRCIO CASAS DE DIVERSÕES, CAFÉS E RESTAURANTES ★ RÁDIO E TELEVISÃO ★ O PANDEMÔNIO DAS RUAS, SEM SINAIS LUMINOSOS E SEM GUARDAS DE TRÂNSITO ★ A VIDA É CARA, MAS COME-SE BARATO ★ OS TRANSPORTES EM BUENOS AIRES ★ A «BROADWAY» PLATINA ★ SEM EXAGÊRO A DENOMINAÇÃO DE «A PARIS DA AMÉRICA DO SUL»

Texto de LINCOLN DE SOUZA

● BUENOS AIRES chamava-se antigamente (1716) Santíssima Trindade de Pôrto de Santa Maria de Buenos Aires. E, como o Rio, era «a mui nobre e leal cidade», segundo se lê numa lápide que se encontra no Cabildo, na praça de Maio, onde são expostas as relíquias da fundação da capital portenha.

Buenos Aires diminuiu de nome, mas aumentou em população, vias públicas, lavoura, comércio, indústria e tudo mais. Hoje é a denominada «Paris da América do Sul». Título merecido. Sem exagêro e sem favor. Suas «calles» e avenidas lembram bem a «Cidade Luz» pelo tom cinzento e linhas arquitetônicas de suas edificações, pelo movimento turbilhonante de suas artérias, pela elegância e riqueza de seus «magazins», pela profusão de seus centros de diversões: cinemas, teatros, buates...



PELO RIO TIGRE, que banha Buenos Aires, grande número de iates pertencentes ao Yacht Club Argentino — um dos mais importantes do mundo — navegam diàriamente. O Tigre está para Buenos Aires como o Sena está para Paris.

RECANTO DOS MAIS conhecidos

RUAS, avenidas, praças. Sem conta o número de ruas modernas na capital portenha. Avenidas como a nossa Rio Branco há muitas e mais longas: Rivadavia, Sta. Fé, Maio, Callao, Leandro, Além, Belgrano, Córdoba, Corrientes, Entre Rios, Puyerredon, Las Heras, Juan de Garay, Independência, Libertador San Martin, Anchorena e outras mais.

As avenidas Libertador San Martin e Rivadavia têm, respectivamente, 11 e 16 quilômetros de extensão. A General Paz, que divide uma parte da capital federal da província de Buenos Aires, tem nada menos de 25 quilômetros de comprimento.

Quanto a praças, são extensíssimas. A Libertador San Martin, por exemplo — 330 x 200 me-

de Buenos Aires: à esquerda, em cima, o Forum Nacional; em baixo, à direita, o Teatro Colon, um dos mais célebres do mundo no gênero.

tros. A dos Estados Unidos do Brasil — 600x200 metros e a 9 de julho, simplesmente isto: comprimento 1.600 metros, largura 140!

As ruas, tôdas retas, planas, asfaltadas (calçadas a paralelepípedos, só fora da área urbana) com um movimento intenso de pedestres e veículos.

★

TRANSPORTES. No gênero, nada a desejar. Há de tudo: automóveis, táxis, micro-ônibus, troleibus, bondes (todos fechados, como em São Paulo), subterrâneos (metrô) e até tílburis, dêsses que ainda se vêem nas ilhas de Paquetá e Governador. Alguns caindo aos pedaços, ao lado de «Cadillac» de mais de um milhar de contos. O preço do transporte é um só — 40 centavos por seção, seja em ônibus, micro-ônibus, bonde elétrico ou subterrâneo. Só os tílburis têm outra tarifa. Também digno de registro: fora da hora do «rush» (que é angustiante em qualquer capital de não importa a que parte do mundo) pode-se viajar sentado. Aqui, no Rio, isso só é possível quando o passageiro toma o veículo no comêço da linha, depois, aliás de «moíar» numa fila um tempo enorme.

★

TRÂNSITO. E' curioso como não haja grande número de desastres em Buenos Aires, dado não haver lá sinais luminosos para o tráfego de veículos, nem guardas de trânsito, (a não ser numa ou noutra rua) nem marcação no solo em tôdas as «calles». Resultado — carros de todo lado e uma complicação tremenda para o forasteiro.

Nisto — folgamos dizê-lo — o Rio está acima da capital platina.

★

MOVIMENTO urbano. Intensíssimo. Mesmo durante a madrugada há gente nas ruas e casas abertas. A avenida Corrientes é qualquer coisa de indescritível à noite, com seus milhares de letreiros coloridos a gás Neon, seu tráfego de veículos, seus teatros, cinemas, casas de chá, bares, cafés, restaurantes, hotéis de luxo, etc. A iluminação daquela via pública lem-

FLAGRANTES...

AINDA EXISTEM, em Buenos Aires, os românticos tilburis, que há tantos anos desapareceram das ruas do Rio de Janeiro. Eis um, estacionado aos fundos do Teatro Colon.

bra vagamente a nossa Rio Branco em noites de carnaval.

Buenos Aires é uma cidade que encanta, não pelos seus aspectos naturais, mas pelas formidáveis realizações humanas, merecendo, sem favor, o título que tem de «A Paris da América do Sul».

★

POVO. O povo, bem enroupado e bem nutrido, é educado e atencioso para com o estrangeiro, mas sêco, sem a transbordante amabilidade carioca. Nada de conversas fiadas com desconhecidos. As mulheres são mais amáveis. Em qualquer loja recebem tanto o cliente compatrício quanto o alienígena, com o mesmo lindo sorriso e a mesma gentileza cativante.

Fato que merece menção: ausência de mendigos e de gente descalça ou maltrapilha.

★

COMÉRCIO. Espantoso. Em cada rua, casas às dezenas, de roupas, calçados, «marroquinería» (artigos de couro), cafés, modas, fiambreria (frios) e uma ou outra «pelluqueria» (cabeleireiro).

Há anos atrás, com o pêso a Cr$ 1,10 e os preços pela metade dos de hoje, havia cêrca de 50 mil brasileiros, dia e noite, comprando no comércio de Buenos Aires. (Estatística oficial). Agora, com tudo pelo dôbro e o pêso a Cr$ 2,40 não é mais negócio fazer compras na capital portenha.

★

RESTAURANTES, cafés, bares, etc. Se os artigos de vestuário aumentaram sensìvelmente de preço, a alimentação, para os brasileiros, apesar de ter subido também em Buenos Aires, é ainda muito barata para nós, que estamos acostumados a pagar os olhos da cara por um simples bife com fritas, em qualquer restaurante de segunda classe.

Algumas informações sôbre preços: calçado e artefatos de couro — mais caros lá do que no Rio. Aluguel de casa — mais ou menos igual. Note-se que quem compra um imóvel alugado não o pode pedir ao inquilino, nem mesmo para morar, embora não tendo outra propriedade. Nos restaurantes, tudo pela metade ou menos da metade dos preços daqui. Um filé com «papas» (batatas), numa casa de primeira ordem, custa apenas, em pesos, 6,50 o que em nossa moeda (a Cr$ 2,40 o pêso) representa Cr$ 15,60. Frango («pollo») com arroz, — mas frango de verdade e não osso como servem nas petisqueiras cariocas — Cr$ 18,20. A sopa vem numa sopeira cheia e o freguês se serve à vontade, repetindo se quiser, sem pagar mais por isso.

Também as frutas são baratíssimas. Maçãs escolhidas, tipo exportação — 4 pesos o quilo (Cr$ 9,60). Não escolhidas — 2 pesos o quilo. Laranjas — 2 pesos; uvas 4,50 também o quilo. Outras mercadorias: leite — Cr$ 2,40 o litro. Manteiga — Cr$ 31,20. Queijo prato — quilo Cr$ 24,00.

Casas de chá, à feição da Brasileira, há em quantidade, muitas mais luxuosas. Os cafés tipo «expresso» se vêem por tôda parte, (1 pêso a xícara, que equivale a duas das diminutas xícaras cariocas). Existem também casas em que o freguês pode saborear um bom café sentado cômodamente à mesa, e ler calmamente o seu jornal ou «bater papo» tempo sem conta com amigos, sem que o «garçon» venha passar o pano sôbre a mesa, — sinal evidente de que o lugar deve ser desocupado...

★

CINEMAS, teatros, buates. Cinemas há cêrca de 200. Só numa rua (não sei se Flórida — a Ouvidor buenairense, mas com o dôbro de largura desta — ou Lavalle) contei 18, em poucas quadras. Os cinemas não são, no geral, luxuosos. Nem mesmo o mais chique dêles — o Ópera — se pode comparar internamente aos nossos Metro, Plaza, S. Luís ou Imperador. Dois dêles são demasiado grandes — o Broadway (1.800 lugares) e o Rex (2.200 assentos), ambos na Avenida Corrientes. Quanto a luxo, porém, nenhum dos dois se pode comparar aos nossos cinemas já citados.

No que tange a teatro, destaca-se o Colon, muito parecido por dentro com o nosso Municipal, mas bem maior do que êste. As revistas a que assisti são pobres de cenários, de guarda-roupa, de montagem, enfim. Salvam-se as «girls», na verdade, bonitas. No «El Nacional» está trabalhando a nossa Mary Gonçalves. E com grande êxito, — seja dito de passagem. A antiga cantora da Rádio Nacional está falando o «criollo» como qualquer portenho, e à noite, na buate «King's», seu sucesso é ainda maior. Os freqüentadores daquela grã-fina casa de diversões a aplaudem calorosamente, máxime quando ela canta sambas, de que os argentinos gostam imenso.

No Politeama trabalha Palitos, nosso velho conhecido, que atuou a última vez, no Rio, na Companhia Argentina de Revistas. Simpaticíssimo, Palitos quando entra em cena é acolhido com uma salva de palmas da platéia. O mesmo acontece ao deixar a ribalta. E' um «enfant gaté» do público de sua terra. Na peça «Pistoleiro!» êle desempenha nada menos de seis papéis e sempre com invulgar brilho.

A vida noturna da capital platina é bastante intensa, mas os programas das buates são menos bons, menos finos que os das casas do gênero em Copacabana. Em compensação, os seus proprietários não exploram tanto os seus fregueses como aqui, com preços proíbitivos para a classe média. Em Buenos Aires todos podem divertir-se econômicamente, sem a obrigação do escorchante consumo mínimo das nossas buates, pagando apenas o que tiverem comido ou bebido, a preços razoáveis.

★

O TIGRE. Uma excursão em barco pelo Tigre é um dos números clássicos dos programas turísticos. Qualquer coisa como, no Rio, um passeio ao Corcovado, ao Pão de Açúcar ou à Tijuca.

O Tigre, que corre na localidade que lhe tem o nome, já na província de Buenos Aires, mede aproximadamente uns 40 metros de largura e em suas margens se vêem pitorescas casas de campo para «week-end» de ricos e remediados. Há também casas de madeira, de pessoas pobres, que ali residindo, cultivam a terra, dedicam-se à fruticultura ou comerciam com lenha extraída das suas matas.

O Tigre, com as vivendas que pontilham suas margens, faz lembrar o Sena nos arredores de Paris.

★

RÁDIO. Televisão. O rádio na terra de Perón regula como aqui. Os mesmos programas. As mesmas tolices de auditório: «Bem. O sr. sabe qual o nome de um grande guerreiro francês, que venceu várias batalhas, entre as quais a de Austerlitz e que morreu numa ilha? — Sim senhor. — Como se chama? — Napoleão Bonaparte. — Muito bem. O senhor é um homem muito instruído. Aqui estão seus 20 pesos. Passe bem!»

Em matéria de instalação, a da Rádio El Mundo é simplesmente modelar. Quanto à televisão só há uma estação — a Belgrano. Tal qual como aqui: ora ótima, ora passável, ora tremendamente ruim a projeção.

PALITOS, o artista a quem o Rio admirou em diversas temporadas, exibe-se agora no Politeama, na revista «Pistoleiro», desempenhando seis papéis diferentes simultâneamente.

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 35 — Rio de Janeiro — 27-8-55

REDATOR-CHEFE ..... Celestino Silveira

ASSISTENTE .... José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO ..... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinícius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Flagrantes da Capital Portenha 2/ 4
Terror e Morte No Edifício em Chamas 6/ 8
O Rio Diz Adeus a Carmem 11/15
Carmem Deixaria o Cinema e a Televisão 18/23
Carmem e sua Inigualável Arte de Ser Baiana 26/29
Hipnotiza Meio Mundo 40/41
A Morte Superou a Beleza 44/46
O Brasil Consome 49/52

● SEÇÕES

Champanhota 9
Puxe pelo Cérebro 10
Artes 16
AV Em Revista 17
Feminina 32/33
Revista Há 50 Anos 34
Por Êsse Mundo de Deus 36/37
Palavras Cruzadas 38
Literária 39
Música 42
Semana Astrológica 46
Cinema e Teatro 47
Figura em Foco 53
Fortuna 54/55

● LITERATURA

Motoristas e Pedestres (A. Nery) 5
O Presente (Aloísio G. Branco) 24/25
Adriana Lecouvreur 30-31

CAPA: Jeanne Crain
(Foto de Alberto Ferreira)

Este número consta de 56 páginas.

Desenho de MARIA TEREZA

Motoristas e Pedestres

FALAMOS muito dos motoristas que dirigem os seus carros sem atenderem as possibilidades dos desastres. Mas nunca falamos contra o bisonho pedestre que atravessa as ruas na hora cerrada de trânsito, com o olhar vago no céu à procura da estrêla Dalva em plena luz solar! Estacionam à beira das calçadas. Nada indica o movimento para atingir o lado oposto das avenidas. As businas podem gritar como as sirenes do corpo de bombeiros e os carros passarem com a velocidade da descarga das metralhadoras. O carioca, no seu poder notável de abstração, coloca-se num deserto. Imaginando, sonhando, flutuando sôbre os seus problemas ou sôbre a delícia dos seus prazeres mentais, se despenca da calçada e com uma serenidade de Jesus caminhando sôbre as ondas bravias, êle avança pelo espaço como se o seu corpo tivesse poderes de repulsão às máquinas movidas à gasolina.

● É claro que só uma proteção desmedida do anjo da guarda não o faz bater às portas da eternidade embora muitas vêzes acorde espantado por se encontrar numa sala de hospital. Enquanto experimenta as dores resultantes da sua imprudência, o pobre motorista sofre os interrogatórios do delegado e experimenta algumas horas de cadeia.

Tudo isto porque o carioca é o grande sonhador, é o grande dono das ruas de trânsito! Há mesmo uma reação infantil daqueles que andam a pé contra os que dirigem um carro. Os motoristas não têm culpa que todos os homens não tenham sido aquinhoados com um automóvel! Já presenciei muito pedestre, entre ônibus, fazendo sinal como um guarda de trânsito, porque deseja atravessar em momento e lugar proibidos! E às vêzes os freios não atendem aos pedidos rancorosos do transeunte e o anjo protetor cochila!

● **Precisamos ser justos quando atacamos ùnicamente os motoristas. Nem sempre são êles os culpados das nossas fraturas! É bem verdade que também não somos culpados que os sonhos se incrustem nos nossos pensamentos numa hora inadequada! Se algum dia fôr atropelada por um homem no volante, se não fôr possível pronunciar uma explicação ou um esclarecimento porque me falte a vida, já sabem: foi por culpa minha exclusivamente. Tenho o vício de observar com encantamento tôdas as criaturas, tôdas as coisas que se movimentam em meu redor, sentir a tristeza e a alegria de tôdas as fisionomias e isto, pode provocar uma imprudência da minha parte e não do motorista. Se até hoje não sofri avarias nos ossos devo ao meu anjo da guarda a presteza com que sempre está no cumprimento do seu dever. Mas reconheço que assusto constantemente os motoristas com as minhas inesperadas travessias de uma calçada para a outra oposta.**

ADALGISA NERY

TERROR E MORTE NO EDIFÍCIO EM CHAMAS

Fotos de ÚLTIMA HORA

● **NO MEIO DE TÔDA** a grande desgraça, a tragédia do jovem cantor norte-americano Warren Hayes, que, terminada a sua série de audições na própria «boite» Vogue embarcaria no dia seguinte para os Estados Unidos, avulta extraordinàriamente. Por mais de uma hora, pendurado pràticamente de uma janela sôbre o espaço, vendo se se furtava assim ao intenso calor e à fumaça que o ameaçavam a cada instante, Warren clamou desesperadamente por socorro. Do sétimo andar, até onde chegavam, através da Magyrus, os bombeiros com suas mangueiras, os jatos d'água se projetavam sôbre as chamas. Houve um momento em que o artista, atingido por um dêsses fortes jatos, desfaleceu, assim ficando cêrca de dez minutos. Ao recobrar os sentidos, a despeito dos gritos da multidão, ràpidamente galgando o parapeito, atirou-se ao ar. Seus dedos ainda tentaram, num último esfôrço, atracar-se à extremidade da grande escada. Um baque surdo, segundos depois, atestava a inutilidade da tentativa: no chão, ainda com vida, jazia o corpo do malogrado cantor que, levado para um hospital, logo viria a falecer. Quem responderá por essa morte?

Terror e morte...

● INCÊNDIO QUE ASSUMISSE as proporções daquele que destruiu os quatorze andares do edifício onde funcionava a «boite» Vogue, roubando a vida de cinco pessoas, e que o carioca presenciou aturdido, nada podendo fazer por amainar ou minorar a tragédia, o Rio de Janeiro jamais havia assistido. Suas causas não estão ainda bem determinadas: Supõe-se ter o fogo nascido de uma explosão no interior do aparelho de ar refrigerado da «boite», ràpidamente se propagando dali para os demais andares. As primeiras horas da noite, um mar de chamas, contrastando com o verdadeiro, de Copacabana, erguia-se sôbre as cabeças dos moradores do elegante bairro, tão desacostumado aos grandes dramas. Intimado a comparecer, o Corpo de Bombeiros mandou da primeira vez apenas uma pequenina guarnição, já que ignorava a extensão do sinistro. Em seguida, porém, ante a iminência da catástrofe, que já então nìtidamente se desenvolvia, ameaçando inclusive o quarteirão inteiro, e o pôsto de gasolina que fica próximo, o Quartel Central foi notificado, enviando diversas guarnições e a escada Magyrus, capaz de chegar ao tôpo de um edifício de altura razoável. Era tarde, porém. O fogo, alimentado por um vento intenso, que soprava da orla marítima, lambia os últimos andares. Para cúmulo da infelicidade, a escada Magyrus sòmente atingiu até ao sétimo andar, enquanto no décimo um homem, rosto semi-envolvido numa toalha, debruçado sôbre o abismo, desesperadamente implorava socorro. Momentos antes, o jornalista Raul Martins e o proprietário do «Scotch Bar», o francês Pierre André Rijswir, haviam-se lançado ao espaço, certamente transtornados pelo calor, pela fumaça e pelas chamas, vindo estatelar-se no solo, ante uma enorme e silenciosa multidão. Não faltou água, mas as mangueiras revelaram-se obsoletas, quando não estragadas; por isso as labaredas continuaram sua faina pela madrugada a dentro, indiferentes à aflição do povo, em baixo, e de alguns moradores do edifício, acuados no interior do mesmo. Um casal, o sr. Waldemar Schiller e espôsa, sra. Glória Neder Schiller, casado há poucos meses, morreu asfixiado pela intensa fumaça que invadia a todos os aposentos. E o jovem cantor norte-americano Warren Hayes, que acabara de cumprir seu contrato com a «boite» e se preparava para voltar aos Estados Unidos, imitando o exemplo de duas vítimas anteriores, precipitou-se de encontro ao chão, tendo tido morte horrível. Os bombeiros sòmente penetraram até ao décimo andar por volta das 23 horas, para recolher os corpos, já sem vida, de Waldemar Schiller e senhora. De tudo, o que se constatou é que nosso Corpo de Bombeiros não está convenientemente adaptado para enfrentar incêndio de tais proporções. E de quem é a culpa?

EIS COMO FICOU a cozinha da «boite» Vogue. O incêndio parece ter surgido nas tubulações do ar refrigerado da casa de diversões, ràpidamente se propagando, primeiro à cozinha, depois aos demais aposentos. Em pouco tempo, o edifício inteiro se transformara num oceano de chamas.

● CONSTATADA A INEFICÁCIA do material utilizado pelos nossos bombeiros, que, diga-se de passagem, portaram-se com o desapêgo das ocasiões anteriores, inclusive o Coronel Saddock de Sá, seu Comandante, que tomou parte pessoalmente nos trabalhos de salvamento, sendo mesmo o primeiro a chegar ao décimo andar do edifício sinistrado, onde encontrou os corpos já sem vida de Waldemar e Glória Schiller, nasceu a idéia, imediatamente apoiada por diversas pessoas, de uma subscrição popular que permita a compra dos últimos tipos de equipamento contra o fogo fabricados nos Estados Unidos e na Europa. Ora, quer-nos parecer que tal subscrição representa um absurdo, de vez que os contribuintes do Tesouro Nacional, o que fazem mediante o impôsto é prever às despesas do Estado com inúmeros serviços, entre os quais a segurança pública ocupa lugar de relêvo. Se as verbas do Corpo de Bombeiros já não chegam para o volume de suas despesas em equipamentos e pessoal, aumente-se-as; se o material é velho e não mais preenche as finalidades a que se destina, renove-se-o; se existem aperfeiçoamentos no campo do combate ao fogo, em vários países cujo adiantamento industrial e técnico é indubitàvelmente maior que o nosso, que se procure ao menos dotar nosso Corpo de Bombeiros de tais melhorias, para que não se repita a tragédia de cinco pessoas sacrificadas às chamas, por causa de deficiências no material de salvamento. Mas não se constranja o povo a arcar duas vêzes com uma despesa que êle paga (e de bom grado, acreditamos), obrigatòriamente, mediante taxas e impostos de várias espécies e feitios. Seria o cúmulo, nessa época de sacrifícios.

WARREN HAYES, jovem cantor americano, quando era examinado por dois médicos da Assistência, após ter se precipitado do décimo andar do edifício da Avenida Princesa Isabel. Ainda vivia, mas pouco depois, já no hospital, não resistiria aos ferimentos.

CHAMPANHOTA

PETER

UM BAILE SÓ DE CABEÇAS PROMETE TORREÃO — OS CARIOCAS BATERAM OS FAMOSOS TORTUGAS AURORA.

• *Quando o clube Central, em Niterói, ofereceu uma grande recepção à Martha Rocha, que terminava seu mandato de beleza, o cronista Torreão, de quem nós éramos convidados, contou-nos da sua idéia de promover um baile de caras bonitas e que se chamaria "Le bal des têtes", sob o patrocínio da sra. Miguel Couto. Naquela ocasião êle submeteu-nos uma lista de moças para que nos pronunciássemos sôbre a beleza das mesmas. Trata-se de um acontecimento de caridade que promete ser diferente. Aguardemos.*

De maneira surpreendente e pelo escore de seis a cinco, o grupo de pólo bateu os internacionais Tortugas Aurora, jogadores argentinos. O sr. Carlos Eduardo de Souza Campos jogou com eficiência, malgrado o tombo sem conseqüências. Os adversários ficaram surpresos.

★

Parece que o baile do Jockey Club foi organizado às pressas. Tanto que não foi possível aos convidados saberem o traje oficial. Havia gente de «smocking» e de traje quase esporte. A coisa andou muito feia mesmo.

★

No dia primeiro de setembro casam-se Ângela Roxo e Benjo Harbib. Aliás, êste acontecimento já foi noticiado por esta coluna, que agora adianta o nome dos padrinhos, que serão: Almirante Salustiano Lessa e Senhora, sr. e sra. Gastão Veiga, sr. e sra. Carlos Guinle (ela é irmã do noivo), S. A. I. Príncipe Dom João de Orleans e Bragança e Princesa Dona Fátima, sr. e sra. Paulo Bittencourt, srs. Heitor Willemsens e Harry Onessi.

★

Os jornais italianos têm feito, na sua parte social, os mais completos elogios à Embaixatriz Arlete Moura, destacando sua elegância e parecença com Consuelo Crespi. Não há grande recepção ou coquetel que ela não esteja presente.

★

Se se confirmar a notícia de que o «maitre» Renato, do Copacabana, irá dirigir o hotel de Araruama, pertencente ao govêrno do Estado, o carioca noturno terá perdido o seu melhor «maitre».

★

A sra. Sydney Murray convidou os patronesses e jornalistas para discutirem os detalhes da festa que se realizará em favor da Associação Brasileira Beneficente, de Reabilitação. Antes de mais nada, é preciso explicar que a citada organização é particular e visa reabilitar as pessoas que foram prejudicadas na sua capacidade física pela paralisia infantil. As senhoras que patrocinam o acontecimento social de caráter filantrópico são Victor Bouças, Arnaldo Brenha, Carlos Calderaro, Oswaldo Pinheiro Campos, Dreyfus Catan, Adolpho Claudio Graça Couto, Leopoldo Figueiredo, Jorge Faria, Julio Lima Neto, Argemiro Hungria Machado, Celso Rocha Miranda, Paulo Paranaguá, Rodrigo Octávio Filho, Mario Pitaluga, Nereu Ramos, Berthe Grandmasson Salgado, João Henrique Vieira da Silva, Alfredo Tomé, Eduardo Duvivier e Sydney Robert Murray.

Ficou determinado que o baile será dia 18, quinta-feira, às 21 horas, na Hípica, tendo contado com a colaboração, na parte artística (escolhendo os artistas, é claro) dos srs. Luiz Barroso e Bené Nunes. Esperamos que seja um sucesso, pois a finalidade humana do baile bem o justifica.

★

A srta. Emília Correa Lima de volta dos Estados Unidos ficou no Ceará, anunciando que não pretende fazer propaganda comercial com a sua beleza e o seu título de «Miss Brasil». A bonita cearense cooperará com a sra. Anna Amélia Carneiro de Mendonça, numa festa em favor da Casa do Estudante do Brasil.

No baile de máscaras, em São Paulo, a Sra. Gilda Assumpção fêz sucesso com êste pássaro.

★

Parece que o novo samba sôbre pessoas de Sociedade é ofensivo às mesmas. Tanto assim que, num gesto de bom caráter, o cantor Jorge Veiga (que gravou «café society») negou-se a cantá-lo.

★

A sra. Anna Amélia Carneiro de Mendonça promoveu, no Copacabana Palace, um desfile de modas, com a colaboração da casa Etam, apresentando modelos de Balmain. O referido acontecimento faz parte da campanha que a citada senhora está desenvolvendo em favor da Casa do Estudante, abrigo e lar de tantos alunos.

★

Promete repetir-se o sucesso da Feira de Decoradores, no Copacabana. A nova está marcada para começos de outubro. Esperamos que pela experiência as falhas passadas sejam sanadas.

★

A Chancelaria do Brasil em Buenos Aires informou que o nosso govêrno condecorou o Embaixador Carlos Amaya, sub-secretário das Relações Exteriores, com a Ordem do Cruzeiro do Sul, no grau da Grã-Cruz. As insignias serão entregues, brevemente, pelo Embaixador Leite Ribeiro.

★

A sra. Paulo Sampaio promoveu um grande chá, comemorativo do 36º aniversário da Federação das Bandeirantes do Brasil. A campanha financeira daquela organização, dirigida pela citada e eficiente senhora está continuando em grande estilo.

Aspecto da recepção que o prefeito Alim Pedro e Senhora ofereceram ao Legado do Papa, Aloisio Masella e demais dignitários da Igreja presentes ao Congresso.

• *Aqui nesta* ***REVISTA DA SEMANA****, há mais de um ano e a convite do sr. Joel Silveira iniciei-me na crônica social. Outro dia, num programa de televisão, tive o prazer de verificar que o citado e experimentado jornalista está satisfeito com o seu iniciado. Antes assim, meu caro. E obrigado.*

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★

A qualquer hora do dia ou da noite a RÁDIO RECORD de São Paulo tem um PROGRAMA que VOCÊ ouvirá perfeitamente em qualquer ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1) A Química parece ter nascido:
   — **no Egito?**
   — **na Arábia?**
   — **na Pérsia?**
2) Jesus Cristo falava:
   — **hebraico?**
   — **aramaico?**
   — **Caldaico?**
3) A capital da Arábia é:
   — **Meca?**
   — **Djeda?**
   — **Er Riad?**
4) Um dêsses poetas foi também grande crítico de artes:
   — **Verlaine?**
   — **Baudelaire?**
   — **Mallarmé?**
5) O rio Lena fica na:
   — **Grécia?**
   — **Sibéria?**
   — **Tchecoslováquia?**
6) «Mais où sont les neiges d'antam»? — um verso de:
   — **Chartier?**
   — **Mehum?**
   — **Villon?**
7) Limburgo é província:
   — **islandesa?**
   — **holandesa?**
   — **irlandesa?**
8) Inventou o submarino:
   — **Da Vinci?**
   — **Fulton?**
   — **Dämler?**
9) Foi chamado «Mestre de Aix»:
   — **Gauguin?**
   — **Toulouse-Lautrec?**
   — **Cézanne?**
10) Escreveu «Se sa ninga»:
    — **Carlos Gomes?**
    — **Offenbach?**
    — **Boildieu?**
11) Que é o Benelux?
    — **união dos três Países Baixos?**
    — **uma substância plástica?**
    — **Simples marca de enceradeiras?**
12) Beograd, capital da Iugoslávia, quer dizer:
    — **Cidade Branca?**
    — **Cidade Bela?**
    — **Cidade Guerreira?**
13) Escreveu uma «História do Brasil»:
    — **Robert Burns?**
    — **Robert Southey?**
    — **Walter Scott?**
14) A Questã Coimbrã se relaciona com:
    — **Política?**
    — **Literatura?**
    — **Diplomacia?**
15) Escreveu a «Messiada»:
    — **Klopstock?**
    — **Korngold?**
    — **Kierkegaard?**

1) No Egito; 2) Aramaico; 3) Er Riad; 4) Baudelaire; 5) Sibéria; 6) Villon; 7) Holandesa; 8) Da Vinci; 9) Cézanne; 10) Carlos Gomes; 11) União da Bélgica, Holanda e Luxemburgo; 12) Cidade Branca; 13) Robert Southey; 14) Literatura (em Portugal); 15) Klopstock.

TACOS

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS, Estado do Rio — Av. Rio Petrópolis, 1451
RIO — Rua Benedito Ottoni, 62/4
Tels.: 28-2591 e 48-4807

CHUVEIROS REY

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS, Estado do Rio — Av. Rio Petrópolis, 1451
RIO — Rua Benedito Ottoni, 62/4
Tels.: 28-2591 e 48-4807

O RIO DIZ ADEUS A CARMEM

A EMOÇÃO DE QUASE DUZENTAS MIL PESSOAS ACOMPANHOU CARMEM MIRANDA EM SUA ÚLTIMA VIAGEM — O SÃO JOÃO BATISTA FOI PEQUENO PARA CONTER A MULTIDÃO — PRÓXIMA AO TÚMULO DE FRANCISCO ALVES, A LOUSA DA GRANDE INTÉRPRETE POPULAR.

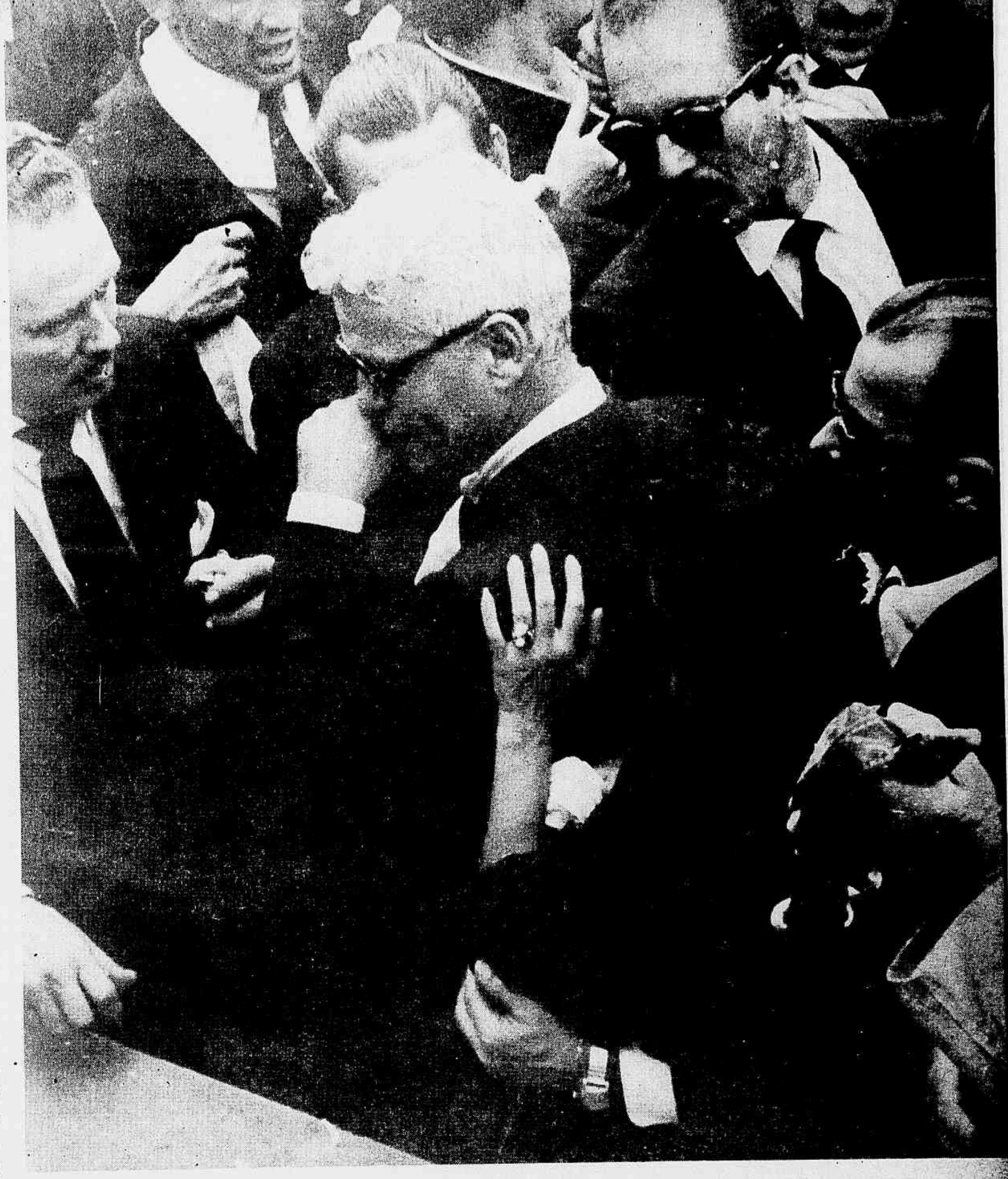
Fotos de A. FERREIRA e S. ANDRADE

A SAÍDA DA CÂMARA dos Vereadores onde ficou exposto todo o resto anterior, o caixão que contém os restos mortais de Carmem Miranda, tomar o rumo do cemitério, acompanhado por imensa e comovida multidão.

A MULTIDÃO que, há alguns dias, partindo da Câmara dos Vereadores, atravessou a cidade e foi desembocar no Cemitério de São João Batista, que se mostrou pequenino para contê-la, levava, sôbre o coração e sôbre os lábios, um só nome, uma única legenda: Carmem Miranda. Na véspera, essa mesma multidão, mal refeita ainda do espanto que lhe causara, havia poucos dias, a dramática notícia do falecimento da estrêla, comparecera solícita ao salão nobre da Câmara dos Vereadores, para apresentar seu último adeus àquela que na opinião geral dos críticos e leigos, foi a maior intérprete da música popular nacional, a própria incarnação do Samba. Encontrara-a fria, encerrada no esquife solene, as mãos, que outrora viviam, que se movimentavam em graciosos gestos, que **cantavam**, que tinham alma em suma, cruzadas sôbre o peito, o rosário entre os dedos, os olhos cerrados, o rosto calmo, muito calmo, livre já de fadigas e de contratos.

Fechada a urna, e conduzida aos ombros de velhos companheiros de Carmem (aquêles que, a seu lado, nos tempos heróicos da radiofonia nacional, tantas alegrias — e tantas tristezas — juntos haviam desfrutado), para o carro do Corpo de Bombeiros que finalmente a transportaria até ao derradeiro abrigo, compreendeu afinal a multidão que tudo estava consumado. Sua emoção, que vinha sendo experimentada havia mais de uma semana, explodiu com intensidade, contaminando a todos com sua sinceridade e fôrça.

No cemitério, repetiram-se as cenas de dor e desolação. O povo, chorando junto às sepulturas, viu, impotente, baixar ao seio da terra, próximo ao local em que Francisco Alves — êsse outro grande intérprete do samba — está enterrado, o corpo de Carmem Miranda — aquela menina cheia de vida cuja voz servira tantas vêzes para animá-lo, para consolá-lo após as tarefas quotidianas, e, que, transformada em célebre estrêla de cinema, conservara a mesma simpatia, a mesma graça de quando, adolescente quase, interpretava aos microfones seus primeiros estrondosos sucessos.



DAVID SÈBASTIAN mal pôde ocultar sua grande emoção, durante o longo trajeto entre a Câmara e o São João Batista. Já no cemitério, não mais suportando a grande dor que lhe morava na alma, rompeu em pranto. As cunhadas e os amigos em vão tentaram consolá-lo da grande perda sofrida.

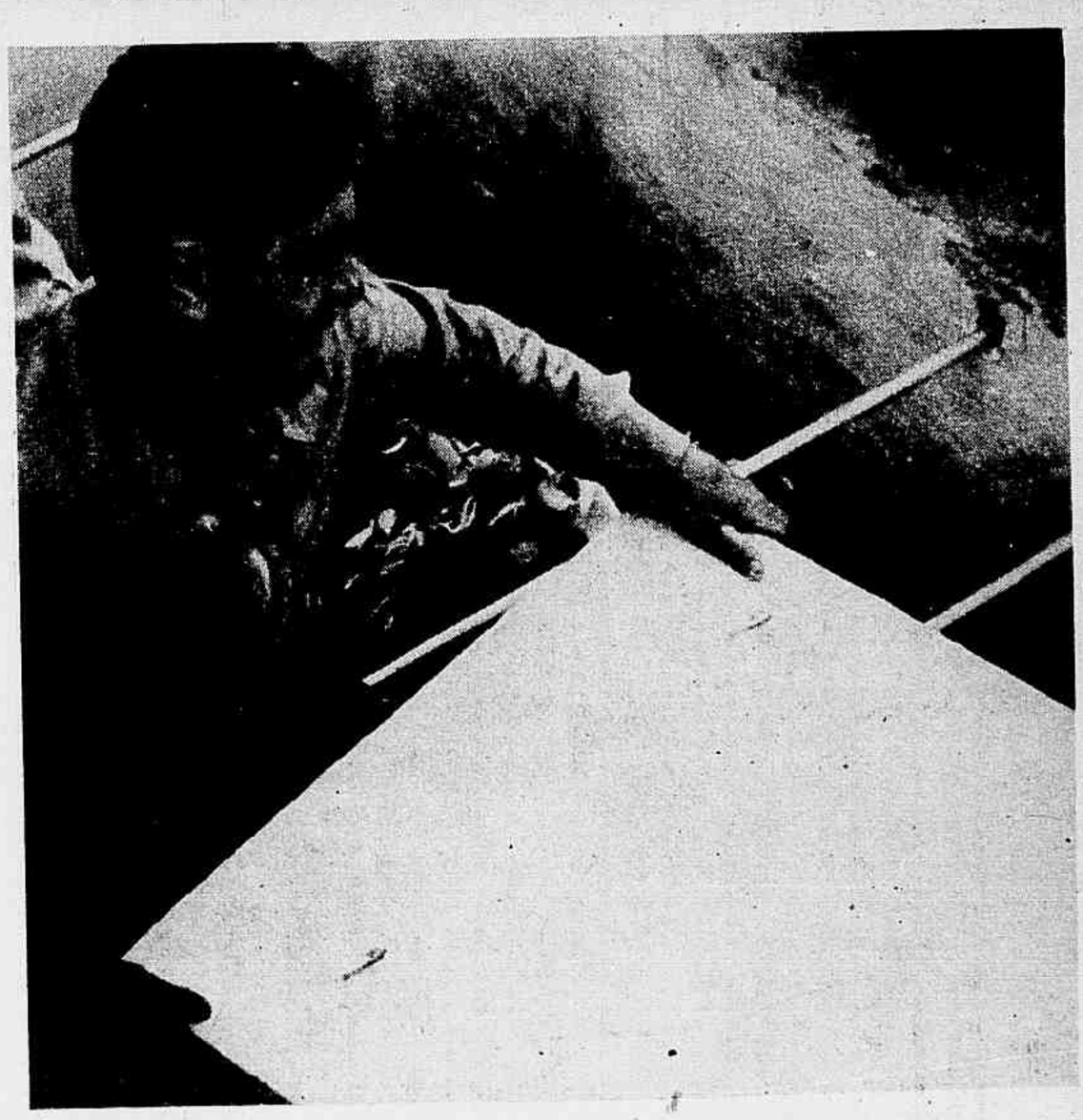
EM LONGAS FILAS, que se estendiam em frente à Câmara dos Vereadores, e pelos arredores, noite e dia, o povo foi prestar sua derradeira homenagem àquela que foi sem dúvidas a maior cantora popular do Brasil. À esquerda, ante o ataúde, uma jovem contempla em silêncio o rosto de Carmem; ao centro, Aurora Miranda e demais irmãs da estrêla dela se despedem; finalmente, ante o corpo imóvel, uma senhora emocionada.

CARMEM MIRANDA

O SAMBA EM PESSÔA BAIXOU À SEPULTURA, LEVADO POR IMENSA MULTIDÃO, QUE ASSIM IA

ATÉ NAS ÁRVORES, transformadas em arquibancadas para o grande drama que ali se desenrolava, havia espectadores. O entêrro de **Carmem foi talvez o maior jamais presenciado no Rio** (foto à esquerda). À direita, instante em que as bandeiras do Brasil e da Casa dos Artistas eram **recolhidas.**

PRESTAR, À SUA MAIOR CANTORA, UMA ÚLTIMA HOMENAGEM, COM ÉSSE ATO DE PIEDADE CRISTÃ.



SÔBRE A URNA, pétalas de flores e um lírio, simbolizando aquela existência colhida pelas mãos do destino. À direita, já descido o caixão ao sepulcro, o coveiro coloca a pesada laje de mármore, sôbre a qual em pouco há de cair a terra, como um último adeus e o princípio de um merecido repouso.

COMO SERÁ O MUNDO NO ANO 2000?

•

VENCEREMOS O DESGASTE DA MOCIDADE?

•

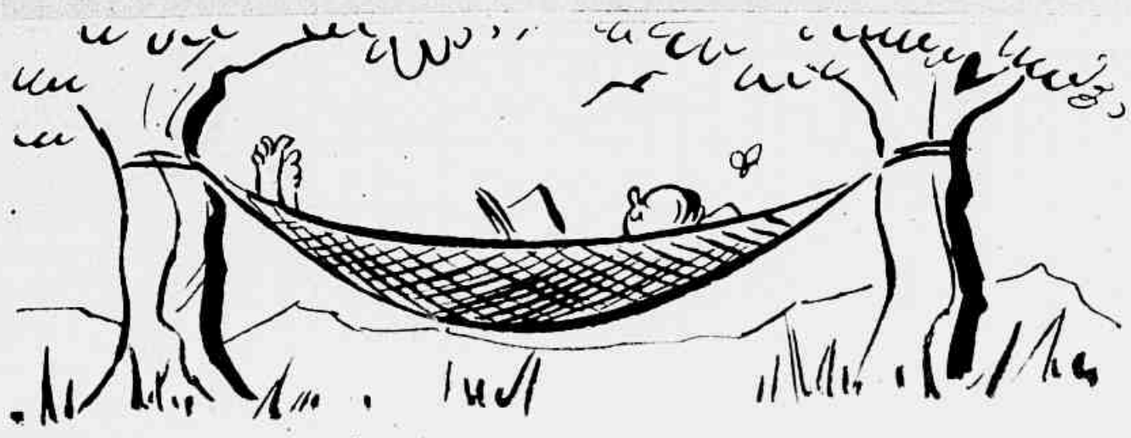
PORQUE AS MULHERES FALAM TANTO?

•

O FANTASMA QUE ESCREVIA LIVROS

E mais

2 ROMANCES ★ CONTOS ★ HISTÓRIAS
CIÊNCIA ★ LITERATURA ★ ECONOMIA
DOMÉSTICA ★ PASSATEMPOS ETC.



ARTES JOSÉ ROBERTO

Bolsistas do Brasil na Europa

Em declarações prestadas a um matutino, a senhora Niomar Maria Sodré, recentemente chegada da Europa (como vai noticiado pouco abaixo), referiu-se à situação de penúria em que foi encontrar os bolsistas brasileiros nas diversas capitais por onde viajou. Êsses jovens, de ambos os sexos, acham-se abandonados inteiramente, pelo Govêrno Brasileiro, que só apoio lhes deveria dar. Em Paris, em tôda parte, as dificuldades com que lutam os jovens artistas nacionais, contemplados, só Deus sabe a custa de que sacrifícios, após quantos sonhos e quanta dedicação à sua Arte, com um prêmio de Fome no Estrangeiro, são de ordem quase insuperável. Alguns mais compreensivos repartem entre si as minguadas mesadas que de casa recebem; outros utilizam tôda sorte de expedientes para sobreviver enfim, equilibram-se como podem, os mais afortunados arranjando colocações estafantes, a trôco de algumas notas, com prejuízo evidente de seus estudos. De que serve ao Brasil, tão espoliado, tão vendido, tão negociado pelos poderosos, a economia verdadeiramente irrisória de alguns dólares, subtraídos por meios vergonhosos a artistas que do próprio Govêrno receberam um prêmio que não mendigaram?

Notícias locais

● Retornou da Europa, até onde fôra a fim de estudar diversos problemas relacionados com a próxima construção, no atêrro onde há pouco se realizou o Congresso Eucarístico, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a senhora Niomar Muniz Sodré, um de seus diretores. Dona Niomar percorreu inúmeros museus alemães, italianos e franceses, e suas observações sôbre questões como iluminação dos museus, ventilação, etc., serão certamente de grande valia para a casa que dirige. Aproveitando sua estada nas grandes capitais européias, adquiriu também Dona Niomar Muniz Sodré, para o pequenino acêrvo da rua da Imprensa, algumas obras de arte, entre as quais telas de futuristas italianos, e uma escultura de Arp.

● Ao referirmo-nos, há duas semanas, ao êxito alcançado na Europa pelo pintor Bandeira, dissemos ser êle pernambucano, naturalmente influenciados por outra bandeira, essa recifense legítima: o poeta Manuel. O caso, porém, é que Antônio Bandeira é cearense. Aí fica pois nossa retificação, bem como nossas desculpas.

● Fêz 139 anos a Escola Nacional de Belas Artes. Por êsse motivo, no dia 12 foi inaugurada uma exposição de desenhos e estudos de Grandjean de Montigny, restaurados por uma equipe dirigida por Edson Mota, na própria Escola.

● Foi afinal inaugurado, após inúmeras protelações, que não deixam de tê-lo prejudicado alguma coisa, o IV Salão Nacional de Arte Moderna, no primeiro andar do Ministério da Educação e Cultura. Voltaremos ao assunto oportunamente.

● O pintor Carlos Bastos (um dos três vencedores do Concurso «Cristo de Côr», patrocinado pela Revista FORMA), inaugurou dia 19, nos salões do Copacabana Palace, sob a égide dos ARTISTAS UNIDOS, uma exposição de seus últimos trabalhos.

● O crítico Mário Pedrosa pronunciou, no recinto do Museu de Arte Moderna, cercado por um público numeroso, e tendo ao alcance de seus olhos as obras de seu idolatrado Grupo Frente, uma conferência sôbre «Arte de nosso tempo». Começou por analisar recentes declarações de Portinari (a quem afirma admirar, por ter sido um dos pioneiros da Arte Moderna entre nós), segundo as quais a Pintura estaria agonizante; a seguir, teceu considerações sôbre o Grupo Frente, defendendo-o de alguns ataques que soem de vez em quando acontecer; mais uma vez postou-se decisivamente ao lado do Concretismo, de que é entre nós o paladino. Terminada sua exposição, abertos os debates, Onofre Penteado, da Escola de Belas Artes (por cujo fechamento optou Pedrosa), pediu licença para ler uma carta de sua autoria endereçada a Jaime Maurício, do «Correio da Manhã», em que se falava do **horror ao ecletismo** de Mário Pedrosa — carta que havia sido truncada, por falta de espaço. Trocados confetes mútuos, ofertado um desenho representando Dom Quixote pelo jovem ao crítico, num clima de compreensão (ao menos aparente) encerrou-se sem complicações o caso, sob palmas gerais. E o debate que estava sendo aguardado com ansiedade acabou cancelado, de vez que David ficou íntimo de Golias.

INTERNACIONAIS (De GERSON TAVARES)

● **PARIS**

O grande acontecimento artístico em Paris é a Exposição, no Musée de l'Orangerie, das mais valiosas obras do Museu de Colônia, na Alemanha. São algumas dezenas de quadros, muitos pela primeira vez expostos em França, pertencentes às mais diversas Escolas, dos primitivos italianos aos grandes representantes europeus do século XIX.

Na Galeria Charpentier foi apresentada uma coleção de cinqüenta telas de André Dérain, há poucos meses falecido.

As gravuras de Picasso estão sendo apresentadas na Biblioteca Nacional de Paris.

● **SUIÇA**

No Museu de Winterhur vem de encerrar-se a importante exposição «Mestres da Pintura Européia de 1790 a 1910», que apresentou dezenas de pintores, de David a Renoir.

● SAN FRANCISCO

Em comemoração ao 10º aniversário de assinatura da Carta Nações Unidas, foi inaugurada interessante mostra de «Arte do Século XX», reunindo trabalhos de Cézanne aos nossos dias.

TV EM REVISTA

SPECTATOR

"TELE-SEMANA GARSON"

CARMEM MIRANDA

● A televisão é realmente um invento maravilhoso! — Essa foi a exclamação de muitos telespectadores, quando as TV Rio e Tupi encerraram as transmissões do Hipódromo da Gávea, por ocasião do Sweepstake. De fato, deve ser louvado o esfôrço dos técnicos e locutores que, com seu trabalho durante horas seguidas, apresentaram o mais detalhadamente possível o desenrolar dos páreos até ao Grande Prêmio, fazendo rápidas entrevistas com as personalidades de destaque do nosso mundo social que ali se encontravam, e dando oportunidade a que os telespectadores apreciassem o desfile de graça e beleza das elegantes que compareceram ao hipódromo. Depois do sucesso de transmissão da tarde, seguiu-se d programação noturna dos domingos na TV-Tupi. Uma nova apresentação de «Tele-Semana Garson» encantou os espectadores. Um variado número de entrevistas com gente de teatro, cinema, esporte, sociedade, artistas, etc., feitas por Lídia Matos, Al Neto, Van Jaia, Heloísa Helena, Brício de Abreu, Carlos Frias, por certo teria que agradar. No entanto, deve-se destacar o cuidado que têm os animadores do programa em escolher para entrevistar pessoas de destaque no momento, e que sempre têm algo de novo e interessante para contar aos ouvintes.

Nas várias apresentações de «Tele-Semana Garson» nos é dado o ensejo de ver e ouvir pessoas que sempre desejamos conhecer. Algumas vêzes êsse prazer é enorme, como quando foi entrevistada Margarida Lopes de Almeida, que, além de brindar os telespectadores dizendo duas das poesias do seu repertório, a todos encantou pela graça e simplicidade com que narrou, a pedido de Lídia Matos, como são preenchidas as horas do seu dia de trabalho.

Na mesma ocasião Carlos Frias, com sua esplêndida dicção, lendo um escrito de Guilherme Figueiredo, emocionou os espectadores em uma simples e tocante homenagem à nossa Carmen Miranda. Por oportunidades como essas de, sem sair de casa, ver e ouvir tudo o que de mais palpitante ocorre no país e no mundo, conhecer personalidades de destaque, nacionais e estrangeiras, tudo feito da maneira mais agradável, com o fim de distrair e melhor informar os telespectadores, não se pode negar que a televisão é realmente um maravilhoso invento!

NOVIDADES DA SEMANA

Nancy Montez estreou na TV-Tupi. Trata-se de uma jovem loura, simpática e atraente, que foi apresentada como grande rumbeira, acabada de chegar de Cuba. Infelizmente, quando principiou os seus números, cantando e dançando, não conseguiu agradar. A voz é bastante fraca, e os seus movimentos, bruscos e por vêzes até deselegantes. Numa segunda exibição, a rumbeira apresentou quase todos os números da estréia. O repertório, pelo menos, não poderá ser melhorado?

★

Lídia Matos tem agora, aos domingos, mais um interessante programa, que anima com muita graça e alegria. «E' proibido falar», apresenta dois grupos de candidatos, um masculino e outro feminino, que procuram fazer-se entender através de mímica, explicando assim aos companheiros, uma frase ou provérbio que um dos membros do grupo tirou de dentro de um saco.

Para o primeiro programa, Lídia convidou Fada Santoro e Oscarito que, com os outros candidatos, torceram e se distraíram bastante. Por fim, os dois artistas do nosso cinema fizeram também algumas mímicas para os telespectadores adivinharem. Êste é mais um bom programa, que lamentamos ter tão curta duração.

★

Com o título «Atrações», às sextas-feiras, às 22 horas, a TV-Tupi apresenta um programa com números de música, dança, pequenas cenas cômicas. Como muitos outros programas feitos com atrações variadas, essas apresentações só conseguem agradar quando exibem algum artista realmente de valor.

● **Há já algum tempo, de volta de sua viagem à Argentina, Dalva de Oliveira reiniciou seus programas na TV-Tupi. A querida cantora, talvez devido à longa permanência em terras portenhas, voltou entusiasmada com o tango e músicas argentinas que incluiu em seu repertório e apresenta com muita freqüência. Mas, embora apreciem muito essas interpretações de Dalva, os telespectadores gostam muito mais quando ela canta a nossa música, os baiões e sambas-canção que fizeram a sua popularidade. Que tal atender ao desejo dos ouvintes?**

VAMOS MELHORAR!

Por mais de uma vez louvamos a obra dos organizadores do "Programa do Guri", que procuram variá-lo bastante, com números cívicos e também incentivando o talento das crianças.

A idéia de colocar ante as câmaras meninos e meninas, como locutores e animadores do programa, é bastante interessante. No entanto as crianças devem ser melhor ensaiadas para que, na hora da apresentação não tropecem ou digam como pronúncia errada nomes estrangeiros de escritores, músicos, etc. Vamos melhorar, para tornar o programa ainda mais interessante e fazer com que êle alcance plenamente um dos seus objetivos: instruir as nossas crianças?

A televisão, êsse extraordinário meio de distração que ainda há pouco ressaltamos, é também um importante veículo de difusão cultural e deve levar aos espectadores mensagens dos mais elevados fins morais. É claro que para manter êste aspecto positivo a TV tem que lançar mão da publicidade pois, do contrário, não poderia ser mantida a programação. Os anúncios e filmes exibidos, portanto, devem ser feitos com tôda a atenção, pois serão assistidos por pessoas de tôdas as idades. O anúncio de uma certa academia para tratamento de beleza e massagens é apresentado por uma j ovem vestindo bikini e que aparece em "close-up", nas mais diversas posições, enquanto recebe massagens. Afinal, o objetivo do filme é fazer a propaganda da casa comercial, ou causar sensacionalismo? Já não bastam as revistas e jornais que os pais de família têm que evitar trazer para casa, por não poderem ser vistos por seus filhos? Também a televisão, que entra em todos os lares, irá concorrer para aumentar ainda mais o problema já tão difícil da formação moral das nossas crianças?

★

Os programas feitos através de entrevistas são dos mais interessantes, pois o espectador tem oportunidade de conhecer e saber de fatos e curiosidades da vida de muita gente de destaque, em todos os meios sociais. Os animadores, no entanto, parecem encontrar certa dificuldade em iniciar a conversa com os seus entrevistados e, com raras excessões, todos, cada nova pergunta, dizem: "Gostaríamos de saber"; "Gostaríamos de perguntar", etc.

Essas repetições constantes, ao fim de certo tempo, cansam os espectadores e fazem mesmo com que a entrevista perca parte do interêsse. Não será mais fácil fazer logo a pergunta, sem maiores introduções?

DENTRO DE CINCO ANOS

CARMEM ABANDONARIA O CINEMA E A TELEVISÃO

Tencionava trocar Hollywood pelo Rio — Numa demorada entrevista, Aurora e outra Carmem Miranda (sobrinha da grande artista) relatam detalhes dos últimos dias e contactos da cantora mais popular do Brasil — A chegada do corpo embalsamado — David Sebastian narra como encontrou o cadáver da espôsa, oito horas após o passamento — A luta para não deixar o Brasil — Confidências à irmã: "Meu coração já resistiu de mais..."

Texto de VINICIUS LIMA

Por ocasião do casamento de Carmem Miranda e David Sebastian, em Hollywood (1947).

A história começou em agôsto de 1908, quando d. Maria do Carmo Miranda da Cunha, sentindo que ia dar à luz a mais um filho, desejou que o novo nascesse no Brasil, em homenagem ao país para o qual estava de malas prontas para emigrar. Tudo arrumado, deu a família início à viagem para o litoral, tendo o sr. José Pinto da Cunha começado a tratar dos papéis necessários com tôda a urgência, a fim de satisfazer a vontade da espôsa, e mesmo

da esquerda para a direita: cônsul Afonso Portugal e senhora; dona Maria do Carmo Miranda da Cunha, Carmem, Sebastian e Cecília, irmã de Carmem. A menina é filha de Cecília, chama-se também Carmem. — À esquerda, Aurora e Carmem por ocasião de sua derradeira visita ao Rio.

porque temia que a criança, naquela época de navios morosos, viesse a nascer em alto mar. Mas a burocracia torceu os planos da família Miranda. E ali mesmo na cidade de Marco de Canavezes, a espera dos papéis, a 9 de fevereiro de 1909, nasceu Maria do Carmo, a menina que iria tornar-se mais tarde a cantora mais famosa do Brasil.

Agora, junto ao Cruzeiro da necrópole de São João Batista, bem próximo à sepultura de Francisco Alves, está aquela que se fêz mundialmente famosa com o nome de Carmem Miranda. Nascida em Portugal, tinha porém o espírito, o jeito, a malícia (no cantar) e o ritmo de uma brasileira, temperados pelo sangue quente da favela, e por isso mesmo tornou-se a mais popular cantora de nossa terra..

Dissemos que Carmem Miranda nasceu em Portugal, fato que ela sempre deixou bem claro, porque amava também o seu país de origem, acrescentando ainda em tom de blague: «Nasci em Portugal e cheguei ao Brasil com TRÊS MESES de idade. No Brasil estou há **17 anos.** A maioria absoluta está do lado de cá...» Realmente, havia a maioria absoluta proclamada por Carmem em 1930, 1940 e 1955, porque, afinal de contas, tôda artista que se preza, depois dos vinte deixa a idade por conta das boas ou más línguas. E além disso, Carmem jamais envelheceu, sobretudo, espiritualmente. Nunca

DA URCA A HOLLYWOOD V

Em sua residência em Beverly Hills, Carmem conversa com um empresário, pelo telefone. Ao lado, Carmem entre sua progenitora e sua irmã Aurora, quando de uma das visitas que ambas periòdicamente faziam à cantora patrícia. Esses flagrantes foram batidos em junho de 1951.

No London Palladium, em companhia do marido e de Aurora (1948), Carmem examina um novo par de sapatos «arranha-céu» com que iria estrear pisando um palco inglês. — Por ocasião de sua última visita ao Brasil, Carmem e seu antigo companheiro de rádio, César Laleira.

VIA NEW YORK — SEMPRE NOTÁVEL

A famosa casa de Carmem em Bewerly Hills, onde os brasileiros eram recebidos sempre como velhos amigos e parentes. No momento em que a chapa foi batida, saía da garage o carro de David Sebastian.

passou dos 17, em que pese ter nascido no dia 9 de fevereiro de 1909.

OS ÚLTIMOS DIAS DE SUA VIDA

Graças a Aurora Miranda, conseguimos reconstituir os últimos dias e também últimas horas da vida de sua irmã Carmem, em Hollywood. Disse-nos Aurora que sua irmã estava há cêrca de 8 horas já sem vida, sem que ninguém soubesse de nada, fato que é deveras lamentável, e que Aurora explica da seguinte maneira: «Ao contrário do que foi dito inicialmente, Carmem ao ser encontrada pelo marido estava de quimono, o que levou a polícia de Los Angeles a crer que minha irmã, ao sair do banheiro, tenha sido fulminada por um colapso. Ela caiu no corredor que leva ao quarto de dormir, sem ser percebida, porque a casa é tôda atapetada e muito grande. Assim sendo, tudo se passou de maneira imprevista, mesmo porque David Sebastian (o viúvo), quando se deita, dorme em três minutos. Por isso, estou convencida de que êle já estava dormindo quando Carmem morreu. Carmem estava maquilada; foi tirar a maquilagem, mudou de roupa, e quando já se ia deitar, veio o desenlace.

Os rapazes do «Bando da Lua», e particularmente o Aluízio me contaram detalhes do fato. Acreditam mesmo que Carmem morreu quando êles, com a liberdade que todos os brasileiros sempre tiveram em casa de minha irmã, ainda comiam e bebericavam, após terem recebido o **boa noite** de minha irmã».

Carmem, Don Ameche e Maria Montez em «Road to Rio»; Carmem ensina seu «it» a Mickey Rooney, e com Groucho Marx, no filme «Copacabana».

ELA APARECEU ASSIM EM «SERENATA BOÊMIA». LEMBRAM-SE?

E ASSIM, EM «COPACABANA», COM NESTOR E ZÉ CARIOCA.

CARMEM MIRANDA

Em 1945, durante a guerra, Carmem ofereceu em sua casa de Hollywood um jantar aos oficiais da FAB em excursão. Aparecem os brigadeiros Trompowsky e Fleuiss, a mãe e a irmã (Aurora) de Carmem, e outros. — Em baixo, num tipo de Lupe Velez (1948) com Aloísio Oliveira e Zé Carioca.

CARMEM IA DEIXAR TUDO PARA VOLTAR AO BRASIL

Aurora Miranda prosseguiu em sua entrevista, secundada pela jovem e bonita sobrinha que tem o mesmo nome de sua famosa irmã e filha de Cecília: «Eu e mamãe desejávamos que Carmem fôsse sepultada juntamente com o nosso pai. Mas, como artista que sou, pensei e concluí: minha irmã é minha irmã, porém, sempre pertenceu ao povo. Nós a amávamos e sentimos a sua falta. Mas o povo também a ama e sente a sua falta. Que seja feita a vontade do povo. E minha irmã foi para o cemitério de São João Batista. Que Deus a tenha em paz, porque Carmem, apesar da morte prematura, muito sofreu. Seu coração estava exausto das muitas emoções vividas. Emoções e trabalho em excesso, que ela pretendia deixar definitivamente em 1960, para vir morar no Brasil — sua casa, como ela dizia sempre — pois apesar de viver pràticamente na opulência, falava diàriamente no Brasil, como se tudo aquilo fôsse passageiro, e como se estivesse apenas de passagem, com saudades **de casa,** desta casa em que o sr. me está entrevistando».

CARMEM NÃO QUERIA VOLTAR AOS EE.UU.

Sempre chorosa, pois afirmava a cada instante, estar apenas sonhando, Aurora Miranda prosseguiu: «No dia em que Carmem viajou, conversamos demoradamente. Ela não queria ir-se embora. Relutou o quanto lhe foi possível, mas os agentes insistiam em grandes contratos, o mesmo fazendo David. Acho mesmo que tudo era saudades do David que queria a espôsa perto dêle, e julgando que ela estivesse em con-

O ÚLTIMO ABRAÇO

Poucas horas antes de morrer, Carmem divertia-se com Jimmy Durante depois de ter filmado com êle para a TV. Esta foi positivamente a sua última pose. Antes, por duas vêzes havia desmaiado, sendo socorrida pelo mesmo colega. A Eternidade esperava por Carmem. Ela atendeu ao chamado.

Nos áureos tempos da Urca — ao lado do senhor Herbert Moses.

Com o dr. Lourival Fontes (na Urca) antes de Hollywood.

dições, insistia, insistia... Carmem pedia: «Pelo menos mais um mês, David. Você não imagina como eu amo a minha terra...»

Êles discutiam o assunto durante horas ao telefone. Acho mesmo que ela foi meia zangada, porque acabaram (os agentes) firmando contratos e obrigando-a a viajar».

CARMEM SENTIA FALTA DE AR

Dizem os médicos que Carmem Miranda não tinha nada no coração, fato que Aurora duvida pelos motivos que passou a expor, após uma pergunta do repórter:

«Carmem tinha falta de ar, o que ela atribuía à bronquite. Eu acho que eram os primeiros sintomas de debilidade de seu coração, principalmente aquela pressão que ela sentia no peito, uma coisa apertando... Não concorda?...»

Nessa altura, várias amigas da família surgiram na sala, onde se podia ver alguns livros sôbre religião, e também obras filosóficas de vários autores. Retendo o pranto, Aurora Miranda a todos atendia cordialmente, e o assunto era sempre a **morte incrível** (palavras de Aurora) da maior cantora popular do Brasil. E Aurora, posando para as fotografias destas páginas, prosseguiu: — «REVISTA DA SEMANA» é sempre benvinda a esta casa, como o são todos. Mas é preciso que se diga que foi a **Revista** que fêz edição especial para a minhã irmã, a qual sempre repetia isso mesmo que estou dizendo».

Assim terminamos nosso palestra com Aurora Miranda, a irmã que mais viveu perto de Carmem, e que junto a ela representou em Hollywood, ajudando-a a elevar bem alto o nome artístico do Brasil.

OS primeiros sucessos de Carmem Miranda registraram-se na extinta Rádio Philips, ao lado de Almirante, Lamartine Babo, Gastão Formenti e outros elementos de relêvo da radiofonia carioca, em seus primórdios. Depois fêz-se exclusiva da Mayrink Veiga em cujo microfone lançou seus maiores êxitos musicais: «O que é que a baiana tem», «Taboleiro da Baiana», «Uva do Caminhão», «Cachorro Vira-Lata» e tantos outros, pois «Taí» já vinha de antes. Fêz uma temporada na Tupi, excursionou pelo país, cantou nas primeiras emissoras argentinas, voltou à Mayrink e também atuou, por fim, na antiga Rádio Clube do Brasil (hoje Mundial). No cinema brasileiro, tomou parte em «Alô, alô Brasil», «Alô, alô Carnaval», «Estudantes», «Banana da Terra» e outros. Cantava na Urca quando, no Carnaval de 1938, foi vista por Sonja Henie, de quem se fêz grande amiga, e a quem acompanhou nos bailes e em outras festas. Sonja voltou aos EE.UU. e em conversa com o empresário Lee Shubert, que também viera ao Brasil, o convenceu a contratar Carmem. Shubert, a princípio, não estava muito disposto a fazê-lo, mas o que o decidiu nesse sentido, foi uma frase da então «campeã mundial de patinação sôbre o gêlo»: — «Essa pequena é negócio fabuloso. Se você não a contratar, eu o farei». Chegando a Nova York e preparando-se para lançar, no New-Amsterdam, o «show» «Street of Paris», Shubert contratou Carmem. Por coincidência, o Bando da Lua também seguiu, mas a princípio apenas para participar da Feira Mundial de Nova York (1939). Em Nova York, o «show» cuja publicidade repousava em Jean Sablon, marcou sucesso extraordinário, ficando ano e meio em cartaz. E já então o Bando da Lua acompanhava Carmem. Depois surgiram os contratos de Hollywood. Foi preferido o da 20th Century-Fox, e nesses estúdios Carmem Miranda participou em nove filmes, que alcançaram invejável êxito de bilheteria. Depois voltou a aparecer em «boites», atuou na televisão, fêz um filme na Paramount, outro na Metro, e com residência efetiva em Beverly Hills, passou a ser uma artista de sucesso rotineiro nos EE.UU. Mas seu coração continuava voltado para o Brasil, que ela não esquecia. Dois anos depois de ter partido (em 1941), veio para matar as saudades. Fêz uma curta temporada na Mayrink e participou de um «show» no Cassino da Urca, mas ali sobreveio um incidente: Carmem aborreceu-se com o comportamento do auditório, que pouca importância ligou à sua presença. Magoou-se bastante e voltou para os EE.UU. disposta a ficar por lá até mais ver. Sempre que a convidavam para voltar, negava-se a fazê-lo. Foi preciso que o tempo se incumbisse de a convencer de não ter sido esquecida pelo grande público. E foi mister que adoecesse, recebendo intimação médica para interromper suas atividades por algumas semanas para refazer os nervos. Veio, gostou, e só não ficou porque seus compromissos nos EE. UU. a reclamavam, bem como seu marido, David Sebastian, que não pudera vir desta vez por motivo de negócios, prometendo fazê-lo futuramente.

Em janeiro de 1946, a REVISTA DA SEMANA mandou aos EE.UU. o nosso companheiro Celestino Silveira que ali realizou uma série de entrevistas com Carmem Miranda, então novamente na Broadway (com Aurora), e uma grande reportagem na residência da artista em Beverly Hills. Foi nessa ocasião que, pela primeira vez, Carmem prometeu vir ao Brasil, não para ganhar dinheiro, mas para rever o Rio, brincar no Carnaval e abraçar os amigos. Cumpriu a promessa: refez a saúde (aparentemente) em Copacabana, chorou de alegria, mas de volta ao «batente», sobreveio o colapso.

O PRESENTE

Conto de ALOISIO G. BRANCO

Desenho de JERONYMO RIBEIRO

MANHÃZINHA, pé no chão, esfregando os olhos, a mastigar ainda uns restos do sono, foi para o quintal sentir as coisas de sempre: a frescura das plantas orvalhadas, o sol mal alourando a copa das árvores, o turturinar de uma rolinha invisível no meio das ramagens, as galinhas no cisco. A névoa leve a princípio intentava envolvê-lo em semi-sonho, mas logo esgarçou-se em fiapos, aquecendo-se com o bafo vindo no bocejo da manhã recém-despertada, e o cheiro adocicado de fruta madura prenunciando o verão gostoso das férias escolares — de maneira que tudo era bom e mandava a gente estirar os braços para os lados e encolher os ombros num espreguiçamento de vontade de viver.

Mas... o sino de São Francisco bateu seis horas assim esquisito, a modo tão diverso dos daqueles dias sem novidades, num tom de presságio, como o pássaro que de súbito cruza o nosso caminho e deixa interrogação sôlta no ar... ou... ou... a lembrança de um dia... um dia ... Já esquecido do programa que se propusera executar — procurar pelo chão os sapotis maduros caídos do bico de algum passarinho travêsso que por ali andasse a fazer a matinada — o menino sentou-se, todo na distração, cotovêlo espetando os joelhos, o rosto mascarado pelos dedos em leque para pensar melhor. Pronto, já voltou a ser o menino retraído que vivia muito pelos fundos do quintal. Desde que dera para desconfiar, então, nem se fala. Aquela impossibilidade de enfiar as mãos nos bolsos e sair assoviando pela rua como os demais companheiros, a recusa em querelar nos jogos de balela, o nenhum entusiasmo nas conversações de contar vantagens — de tudo estava bem consciente, mas não queria saber por que. Queria mas era ficar ali mesmo, entre os muros dos fundos, e sem carecer de furá-los, como os outros faziam, para ver além dêles. Por exemplo: sentado no tronco do cajueiro abatido, agora êle tinha um barco com que sulcava próxima face do mar, tão nítido que a galinha a ciscar junto à bananeira já fôra promovida a seu ajudante de ordens. Ou então por que não grimpar o mastro — aquêle galho mais alto do alto pé-de-abios — e lá ficar singrando ao vento nordeste (mas o nordeste só vinha à tarde) sôbre o telhado revôlto do casario em tôrno? A negra Eulália não dissera? Era nos navios que viviam os heróis naqueles tempos de não-sei-quando. E até na véspera Eulália estivera singularmente inspirada em suas histórias, entremeadas de silêncio quando ficava assuntando sentada na soleira que dava para o quintal, o cachimbo pendente nos beiços, esquecida de prá que coisa servia. Fôra uma noite cálida e o batuque chegando das bandas do Matadouro parecia dilatar-lhe as narinas no mesmo ritmo com que feria os ouvidos. Tudo tão estranho, tudo tão distante dali... sei lá.

Eulália... ah, era ela! As seis horas do sino... o sino do navio... a história de Eulália... dia seis... o aniversário de Eulália! Por isso é que tudo não era bom não. Ali estava a discordância entre o dia bonito como o quê e sua vontade bôba de ficar triste: a promessa forte que perante si mesmo fizera na véspera. Os «causos» foram tão bonitos que, em recompensa, amanhã (sim, hoje mesmo) iria fazer uma coisa difícil, só para Eulália — tirar todo dinheiro do cofre e comprar um presente, só mesmo para Eulália. Não faz mal, a bola êle compra depois. Zeca mais o Orlando, podem comprar primeiro uma, duas, dez bolas, fazer-lhe inveja como quiser, êle vai é comprar o presente de Eulália e pronto! Mas o que é que se pode dar a Eulália, gente? Ficou imaginando, imaginando, imaginando até que a noite chegou — o dia todo êle impaciente, sem jeito diante das pessoas, do espelho, olhando uma porção de vêzes para o cofre, sopesando o cofre, revirando o cofre, e o cofre nada de botar dinheiro para fora. A bola é que crescia de um tamanho enorme fazendo sua mão preguiçosa, de borracha, e êle enganando-se a si mesmo, achando até que estava meio doente.

Zeca e Orlando não iriam se rir? Quem disse? Que é que tem? A gente precisa ser herói de verdade mesmo, comprando presente de uma vez, com todo o sacrifício, bonito, igualzinho ao príncipe que enfrenta o dragão para, depois, ofertar a mais linda prenda à princesa, diferente de todo o mundo, à pessoa que é boa como não há igual — a Eulália. Frouxidão é para os bandidos das histórias, vilania é para as bruxas ou moleques sem educação que nem o Zeca. Mas já é de noite. E o que tem isso? Podia ainda comprar alguma coisa de comer no «seu» Pedro da esquina. E', mas Eulália não aprecia doces nem um tico; ela gostaria muito mais de o ver brincando com a bola ou a tilintar o cofre recheadinho de moedas, ela mesma sabe.

Mas por que essa alegria agora, das meninas, nas cantigas de roda, lá na rua? Só para machucar a sensiblidade do menino arredio que ficou sòzinho em sua dúvida e não teve ninguém — ninguém que o entendesse.

«Nesta rua, nesta rua, mora um anjo...»

Nesta rua mora é o «seu» Pedro, que tem a loja cheia de coisas para comprar com o dinheiro de um cofre fechado por teimoso, a pesar no peito como pedra, irredutìvelmente de pedra. Qual anjo, qual nada, são todos uns bobões: não vêem que já está de noite e essa raiva cresce por dentro, essa raiva de um menino retraído que está com vergonha de procurar Eulália para dizer a verdade tim-tim por tim-tim.

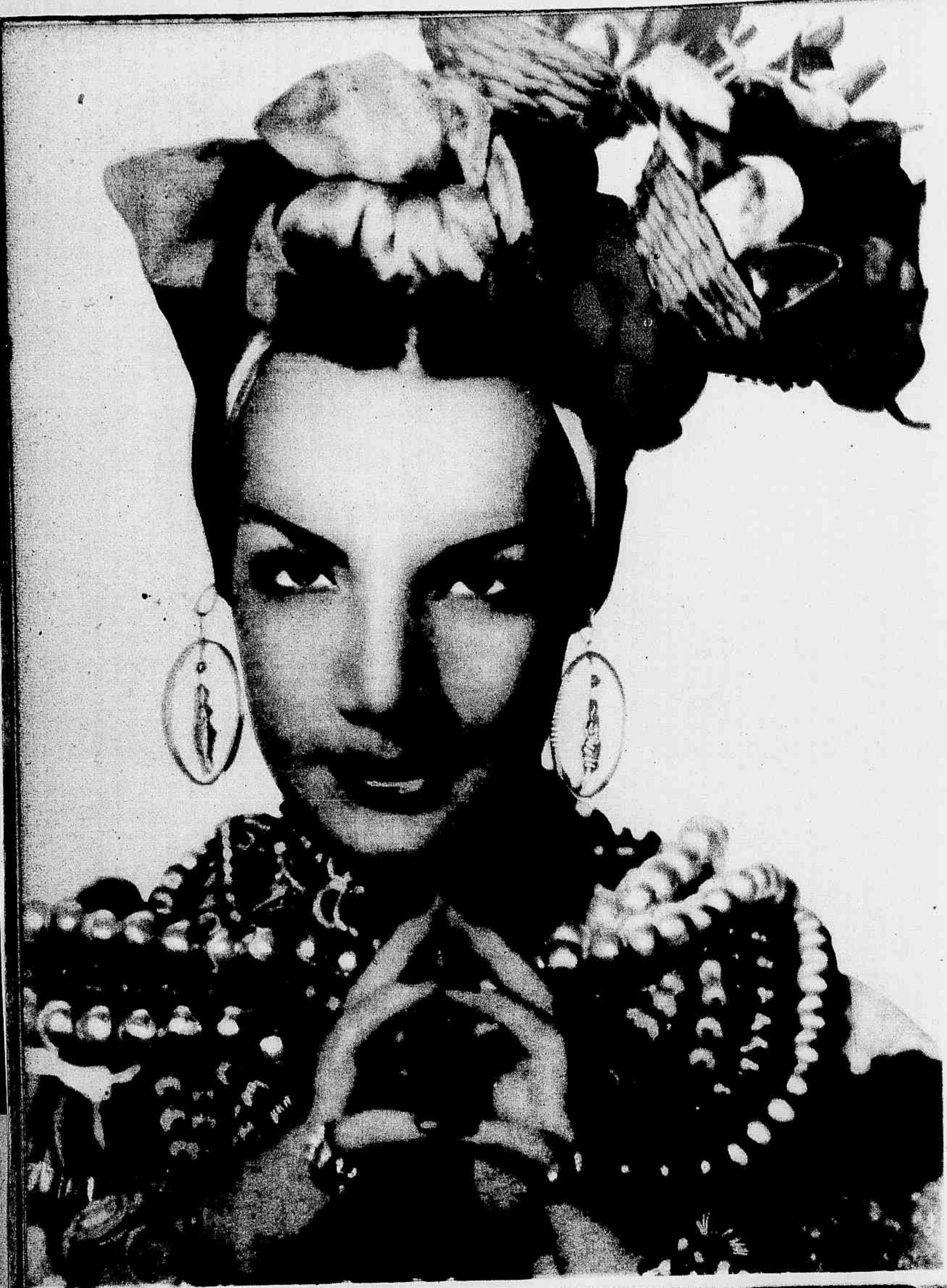
E assim desgastou também a longa noite, longe da festa que oferecia à babá Eulália. Estragou-se todo o dia, todo ruim, sem a mínima lembrança de coisa boa, como a doce rescendência do sapoti maduro, sem o ar fino de início de estio e de férias, nem nada. Mas estava com ganas danadas de morrer (Deus o livre!), de sumir de repente, a todos causando estupefação com a sua grande história que... não, êle não contaria a ninguém, nunca.

Ao recolher-se para dormir, já na cama junto à janela, se chorou? Amargou sim, e longamente. Sacudido pela pena de si mesmo, debruçado ao peitoril, soluçou baixinho a sua altaneira covardia, sob a indiferença das estrêlas.

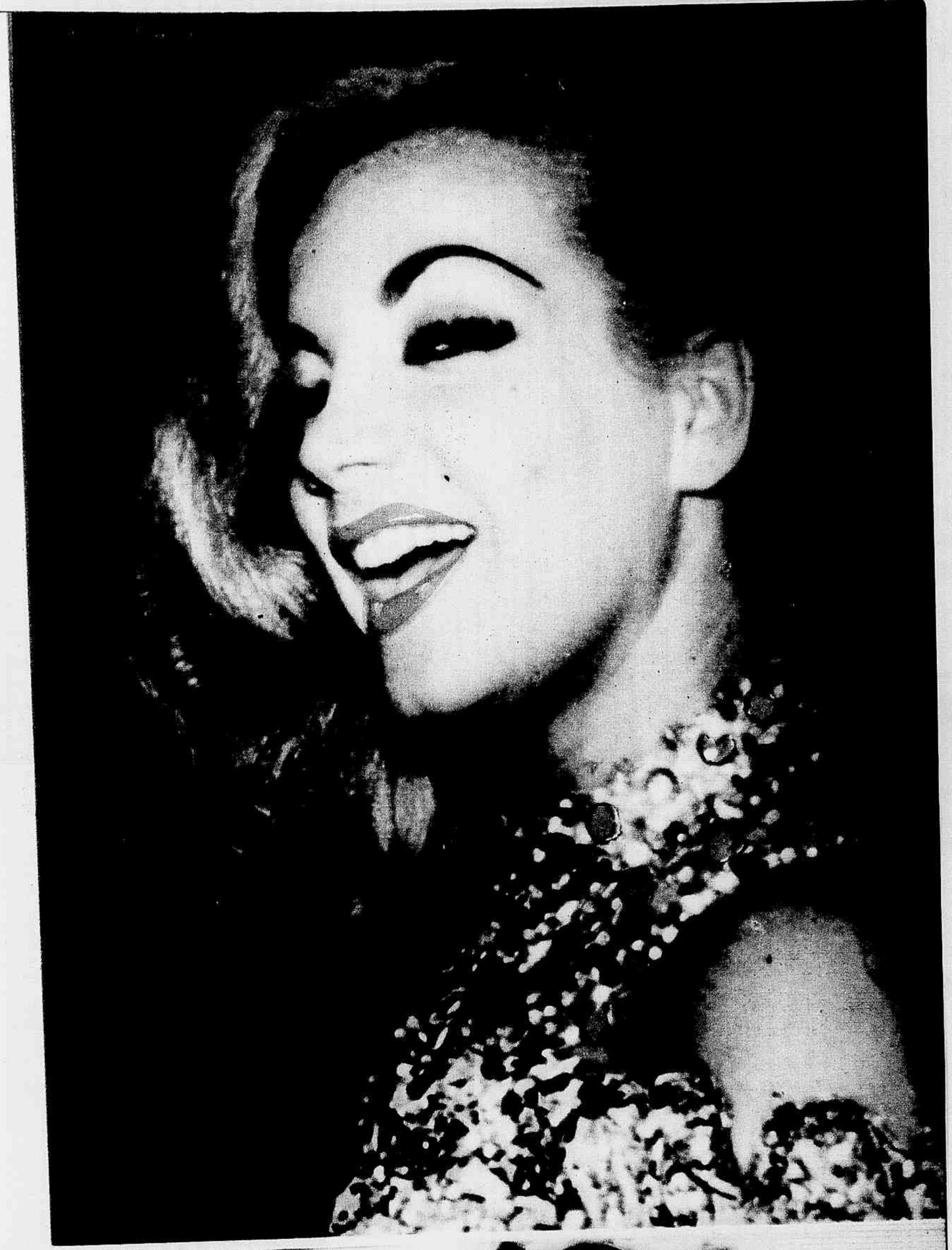
TERONYMO

CARMEM E A SUA PRIVILEGIADA ARTE DE SER BAIANA

As baianas de Carmem Miranda não tiveram a vida efêmera das decantadas rosas de Malherbe, porque elas ficaram a recordar, em muitos países, a atriz de bom gôsto que as lançou em Hollywood e, antes mesmo, em New York. Estilização das autênticas da Baixa do Sapateiro, elas ganharam no seu colorido, na garridice de seus enfeites, muita beleza, e, hoje, as legítimas baianas de Salvador não se importam de as copiar. A arte de ser baiana sem ter nascido perto da barra de Itapoã, eis o que soube criar Carmem Miranda, com o peculiar bom gôsto no vestir, que ninguém pôde negar-lhe. . Quando, na Feira Mundial de New York, em 1939, ela apareceu com o primeiro turbante e os primeiros balangandãs, foi uma sensação de ponta a ponta da Broadway, até lá pertinho de Wall Street...



«— Posso alterar a côr dos meus cabelos ma
— disse uma vez Carmem ao repórter que lh
dicas tonalidades novas. E a razão estava co
ta que jamais se contradisse, fiel às suas co
dos primeiros tempos da Mayrink até quando
estimar o Brasil e os brasileiros, embora ca for
em outra terra. Aí estão expressões de canto
nhuma outra, tão cêdo, poderá substituir. Car
mem rutiva, como nos surpreendeu nesta via
em fins do ano último. Com e sem balangand
«show» ou para um passeio nos seus homer
tica, irradiava simpatia e alegria por todos os
palavra a quem a ouvisse e fazia, de cada
rador para o resto do vida. Muito antes de ex
cados já a levavam a memoráveis sucessos,
visitava com frequência antes do seu bo m
Norte. E — o que poucos sabem — o guard
ela cedido, graciosamente, a muitas de suas
colegas ou para que guardassem da s pes
que vai ser criado o Museu Carmem Miran
viveram, na antiga Travessa do Comér io (q
randa), muitos dêsses troféus inesquecí eis v



«— Posso alterar a côr dos meus cabelos mas por dentro sou sempre a mesma» — disse uma vez Carmem ao repórter que lhe perguntou a razão dessas periódicas tonalidades novas. E a razão estava com ela, porque, se houve uma artista que jamais se contradisse, fiel às suas convicções, foi a «Pequena Notável» dos primeiros tempos da Mayrink até quando, famosa e milionária, continuou a estimar o Brasil e os brasileiros, embora a fortuna lhe sorrisse mais abertamente em outra terra. Aí estão expressões da cantora que o Brasil perdeu, e que nenhuma outra, tão cêdo, poderá substituir: Carmem loura, Carmem morena, Carmem ruiva, como nos surpreendeu nessa viagem da saudade e de despedidas, em fins do ano último. Com e sem balangandãs, preparada para filmar, para um «show» ou para um passeio nos seus momentos de folga, Carmem era magnética, irradiava simpatia e alegria por todos os poros, comunicava o calor da sua palavra a quem a ouvisse e fazia, de cada novo conhecido, um amigo e admirador para o resto da vida. Muito antes de experimentar os EE.UU., êsses predicados já a levavam a memoráveis sucessos, no Brasil e na Argentina, que ela visitava com frequência antes do seu vôo mais alto e decisivo, à América do Norte. E — o que poucos sabem — o guarda-roupa usado de Carmem era por ela cedido, graciosamente, a muitas de suas colegas. Dava-os para auxiliar as colegas ou para que guardassem da sua pessoa uma recordação maior. Agora que vai ser criado o Museu Carmem Miranda na casa onde ela e a família viveram, na antiga Travessa do Comércio (que passará a ser Rua Carmem Miranda), muitos dêsses troféus inesquecíveis vão ser ali reunidos e expostos.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

ADRIANA LECOUVREUR

Por LUDOVIC DE LARTIGUES

Desenho de RAMÓN

QUANDO Adriana apenas desabrochava, e sôbre seu corpinho ainda magro, mas já harmonioso, tímidas e incertas se esboçavam as fascinantes formas que tanto deviam contribuir, unidas à uma viva inteligência, para sua ascenção na Arte, seu pai, chapeleiro com loja em Damery, no Champagne, resolveu mudar-se para Paris, a despeito da oposição da mulher, Maria Bojely, e da própria filha, que nessa extravagante decisão de seu chefe viam outra das perigosas reviravoltas em sua agitada vida familiar.

Roberto Couvreur — faltava ainda o «Le» inicial, mais tarde acrescentado pela filha — não era um homem equilibrado, e com suas maluquices envergonhava a mulher e atormentava a existência de suas duas filhas, a maior empenhada nos trabalhos agrícolas, e a outra ainda em idade escolar. Suas irregularidades eram tão conhecidas pelos vizinhos, tão lamentadas pelos amigos e parentes as desordens quotidianas de sua existência, que ao saber da decisão por êle tomada de mudar-se para Paris, julgaram-no, aliás sem grande êrro, já totalmente louco.

Contudo, não tardou êle em executar sua intenção, e alugou, junto à **Comédie Française,** no coração de Paris, uma pequena loja.

Teve lugar a mudança em 1702, quando Adriana tinha 12 anos de idade sòmente. Com efeito, havia nascido em 5 de abril de 1690 e não em 1692, como alguns de seus biógrafos afirmam, e como retificou Fabiano Pillet com razão.

Com doze anos, muito precoce, parecia ter quatorze ou mais, embora de pequenina estatura. Sua beleza concentrava-se nos olhos profundos e grandes, cujo brilho parecia velado por uma vontade de observar, e de participar do mundo no qual estava ainda por entrar: mundo repleto de incertezas, de ameaças sombrias e de misteriosas promessas. Sua bela província, verde e ensolarada, o cerimonial austero e alegre dos semeadores, os dias festivos das vindimas, os cantos e danças sôbre as eiras, os ventos hibernais que recobriam os sulcos, e pareciam fazê-los arrepiar-se, tinham sido substituídos na sua infância, quando além das soleiras da casa paterna, o mundo exterior lhe havia falado em grandes brados.

Parecia ela então desligar-se dos vínculos de existência, fundir-se com o universo cheio de sorrisos e carícias, deixando-se embalar pelos sonhos que acompanham a infância em suas primeiras fases de inconsciência.

Certamente não lhe faltavam, àquele tempo, as atenções afetuosas da mãe, e de certo modo, também do pai, que no seu cérebro desequilibrado demonstrava certa predileção por Adriana: mas as constantes altercações dos pais, e a miséria humilhante, muitas vêzes vinham transtornar a serenidade de seus dias.

Na escola, quando apareceu pela primeira vez, não encontrou nem buscou nas colegas simpatias e amizades, certamente por causa do pai; deixou-se pelo contrário ficar isolada, o que aliás não lhe foi desvantagem. Louvada pelos mestres, não sòmente pela inteligência pronta e o espírito alacre, mas também pela vontade firme e segura de aprender, principiou a viver encerrada em seu mundo interior, encaminhando-se no conhecimento gradual da mente, como se pressentisse que nêle deveria quanto antes viver e dêle alimentar-se.

Tudo era incerto e confuso nela, e ao redor dela, que ignorava que, por outro lado, o destino a observava, a fim de saturá-la de glória e de decepção, exigindo-lhe centenas de lágrimas e tristezas para cada alegria.

Sol lá fora, em casa tempestade. Silêncios solitários da mãe, imprevista intemperança paterna; litígios pràticamente sem causas, com efeitos excessivamente graves; o dinheiro cada vez menos frequente, e consequentemente, maiores privações.

A culpa de uma queda contínua em penosa indigência cabia, segundo Roberto Couvreur, à permanência em um lugar pequeno e maledicente como aquêle, no qual se sentia sufocar sob a antipatia e sob os comentários gerais. Essa, uma de suas idéias fixas, talvez a mais constante, pela qual foi induzido a abandonar os locais onde nascera, para tentar a fortuna em Paris, para onde afluíam, como para uma terra de promissão, de todos os recantos da França, aquêles cujos recursos estavam à beira de esgotar-se.

Nenhum embargo foi opôsto à vontade do pai e do marido: as três boas criaturas ajudaram-no a carregar o carro com os utensílios, e objetos mais caros: mas a filha mais crescida declarou não desejar seguir o pai.

A partida foi triste e silenciosa como uma fuga, através dos vinhedos e pradarias, saudados tàcitamente, por entre lágrimas. As duas irmãs não se conformavam em separar-se: sempre tinham estado juntas, amando-se ternamente, e só mesmo a loucura do pai conseguira dividi-las.

★

— Essa é Paris, mamãe?

— Sim, Adriana.

Teve a sensação de uma vertigem ou de uma voragem; e viu-se dominada, antes mesmo de opor qualquer resistência. Era à Paris que Luís XIV transformara, para maravilha e admiração dos estrangeiros, depois de tê-la feito centro e coração da política européia, que então era a do mundo inteiro. Paris ébria de tôda alegria e prazer, ávida da glória marcial de seu Rei, — discutível glória, — e da megalomania desventurada de sua côrte, e entregue à dissipação dos grandes tesouros da França, e, forjando uma miséria desesperada e terrível, que devia causar a mais hórrida e sanguinária revolta da grande nação. O Rei Sol ao encerrar sua longa vida, deixaria ao povo uma herança de sangue, ódio e fome.

Mas a cidade era bela, alegre e fervilhava de atividades, feita que era para disfrutar dias e noites de esquecimento, ansiosa de viver exaurindo-se, consumindo-se, sem preocupações com o amanhã.

O dinheiro, em rios de ouro, passava dos cofres do Estado às residências dos nobres, às casas de jôgo, aos grandes exploradores, aos favoritos e ao vento, aturdindo aquêles mesmos que dêle se aproveitavam, a cada dia aumentando a distância entre ricos e pobres, humilhando-a com o cego malbaratar das riquezas mal-adquiridas.

— Sim, eis Paris, Adriana.

As duas ingênuas provincianas não viam na cidade senão seu aspecto grandioso, o movimento caótico, a faustosidade aparente, e o enganoso bem-estar, sob o qual se esconde a miséria. Todos deveriam ser felizes, morando em Paris. As vitrinas exibiam objetos raros de grande valor, vestes suntuosas, móveis embutidos, bronzes e pratarias, cabeleiras alvas, casacos e roupagens recamadas de ouro, espadas com copas cravejadas de gemas, anéis e colares, braceletes e diademas, que refletiam a luz solar, de dia, e a da lua, quando era noite. Parecia que todos eram necessàriamente felizes na cidade enorme que oferecia tantas suntuosidades.

Adriana estava fascinada, e as emoções que esperimentava faziam-na esquecer sua boa e cálida terra a humildade da vida campesina, e seus primeiros sonhos infantis, para atraí-la com o fascínio irresistível da metrópole que o destino lhe oferecia como prêmio inesperado.

— Como seremos felizes aqui, mamãe!

— Se Deus quiser, minha filha.

Deus queria, já tinha desejado, ao meter na cabeça do pai a mudança para a luminosa

capital. E a suave adolescente percebia mover-se a seu redor, contìnuamente, a procura de ouro que saturava o céu parisiense. Era algo de imponderável e incompreensível; mas ela não tentava ponderar e compreender: bastava-lhe o espetáculo da multidão dos dois lados das soberbas carruagens douradas, das belas damas que pareciam ignorar totàlmente os pedestres, dos cocheiros em libré que se faziam ao largo fustigando os distraídos, das patrulhas de mosqueteiros que atravessavam praças e encruzilhadas a galope, com grande e mudo espanto dos que não tinham a suficiente rapidez para fugir.

A chapelaria de Roberto Couvreur, numa viela escura, embora central, era pequenina e mal iluminada, quase desapercebida, e não atraía a atenção dos que passavam metade do dia diante das vitrinas luxuosas. Por isso, os negócios iam de mal a pior, ao contrário do que havia pensado o modesto artesão de Damery: daí as desilusões não tardarem a influir sob seu caráter já irritado. Sem embargo, procurava contornar a situação, vivendo das migalhas da cidade. Maria Bojely era mulher corajosa, já experimentada em tais desventuras, e um pouco com seu trabalho de lavadeira, no qual era ajudada pela filha, um pouco com suas economias, conseguia resistir à sorte negra do marido. Não era uma vida de gozos, mas pão não faltava. E afinal, não pequeno consôlo às lutas quotidianas era a alegria patente de Adriana, que do pequenino beco assistia estasiada às loucuras da cidade.

Olhos desmesuradamente abertos sôbre o agitado movimento de cada dia; alma estendida sôbre o brilhante panorama das luxuosas belezas femininas; curiosidade apaixonada em conhecer os segredos de tantas existências felizes e contentes. Especialmente nos dias em que havia espetáculo na **Comédie Française,** quando a multidão se comprimia sob as arcadas do misterioso templo e lhe parecia como se estivesse do lado de dentro de um paraíso proibido para ela.

A **Comédie Française!** Tão perto da loja de Roberto Couvreur, e ao mesmo tempo tão imensamente distanciada dela!

★

As mestras de Instrução Cristã acolheram benèvolamente a nova escolar, e não precisaram de muito tempo para constatar-lhe a inteligência e a fôrça de vontade. Suportava penosamente a coação dos programas e métodos escolares, pois levada por certas atitudes particulares e por certas simpatias pessoais, apenas estudava aquilo que lhe interessava. Por vêzes era necessário estimulá-la, de outras freiá-la, porque variava de índole, era inquieta e impaciente.

Pari passu com o desenvolver de sua pessoa física, manifestava-se nela uma personalidade independente, como se já em seu espírito um guia oculto a encaminhasse ao seu destino. Contudo, entre seus ímpetos repentinos, uma grande doçura, freqüentemente submissa e resignada, conseguia mitigar-lhe e conter-lhe o ardor.

Era bela, de uma beleza ainda incerta, mas atraente e delicada, da qual não conhecia ainda a importância, embora os levedos da adolescência já fermentassem nela, suscitando por vêzes admirações nem sempre discretas. Mais atraente que suas companheiras, não se orgulhava disso, pelo contrário: esforçara-se por atirar com a chave misteriosa de seu desabrochar impetuoso e com a finalidade de sua existência.

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

SUGESTÃO PARA O LAR

● E' a prova de atenção para com os nosso convidados apresentar-lhes a mesa adornada com o que possuímos de melhor, arrumado com arte e bom gôsto. Na ilustração, a mesa é disposta de forma clássica, com a tradicional toalha branca em linho irlandês, candelabros de prata e jarros com flôres. Notem os três copos um pouco À DIREITA de cada prato (para champagne, vinho e água) e os CINZEIRINHOS INDIVIDUAIS em forma de concha, para o gostoso cigarro depois do cafèzinho final. Uma nota moderna são os pratos em cerâmica fina, negros no centro e com as bordas brancas, côres essas que repetem as dos jarros, no feitio de ânforas gregas.

NOTINHAS ÚTEIS

SE AS PANELAS de alumínio apresentam manchas difíceis de serem retiradas, não as esfregue com soda cáustica que corroi o metal. Em vez disso, faça ferver dentro, por alguns minutos, um pouco de vinagre, e depois esfregue com vontade.

PARA CONSERVAR os encerados macios, esfregue-os de vez em quando com um trapo embebido em leite frio. Depois enxágüe com água pura e deixe enxugar ao ar livre, porém na sombra.

SE A VERDURA pegou no fundo da panela porque o fogo estava muito forte, não tente remediar o mal pondo mais água, para tentar diluir o que ficou prêso; em vez disso, mude imediatamente a verdura, para outra panela com um pouco dágua já quente.

AS MANCHAS de ferrugem que aparecem sôbre tecidos não laváveis podem ser tiradas espalhando-se por cima um pouco de cremor de tártaro em pó. Depois de quinze minutos esfrega-se com um pano ligeiramente úmido. Se necessário, repetir a operação mais vêzes.

Nos Estados Unidos as mulheres representam um têrço dos trabalhadores de tôda a nação. Destas, mais da metade tem mais de 35 anos de idade. As estatísticas provam que, naquele país, do ano de 1900 até hoje aumentou de quatro vêzes e meia o número de mulheres americanas que trabalham...

Numa época em que as mulheres costumam jejuar para emagrecer... (ou para conquistar recordes como a faquir Rossana) estranha-se a notícia da egípcia Dora Shafik que jejuou para... obter que as mulheres de seu país pudessem votar. É ela a dirigente do partido feminino "Filhas do Nilo", e foi êsse o meio que encontrou para que o govêrno concedesse às egípcias aquêle direito político.

Com vinte anos de idade a loura Rosemary Noble abandonou o teatro e ingressou na Scotland Yard, onde seu talento de artista muito tem ajudado a polícia a capturar ladrões e criminosos. A arma de Rosemary é a sedução. Quando o delinquente está "caído", ela põe-lhe um par de algemas e leva-o para o xadrez.

Seu primeiro trabalho foi bancar a apaixonada por um ladrão famoso, conseguindo reaver um roubo de perto de 5.000 contos. Doutra vez, disfarçada em grande dama da sociedade, conseguiu deslindar um caso de fraude.

CASAMENTO "FINANCIADO"

O govêrno norte-americano está desenvolvendo uma campanha intensa a fim de convencer as mulheres a voltarem para o campo, pois verificou-se que naquele país há mais homens que mulheres nas zonas rurais.

Alguns bancos norte-americanos abriram créditos especiais e empréstimos vantajosos para aquelas que se casarem e forem habitar fora das grandes cidades — "a fim de facilitar-lhes a confecção do enxoval, a organização da festa de casamento e a viagem de núpcias". E, com isso, a campanha está tendo bons resultados.

WEEK-END NO... BAR

As noites mais frias desta época do ano convidam a saborear coquetéis, «flips» e outras misturas «acalentadoras»... Eis algumas receitas para o seu «caderninho do bar»:

★ WHISKY COCKTAIL — E' uma bebida muito sêca. Para 3 medidas de whisky, 2 medidas de vermute e meia de suco de laranja (pêra). Tempere com uma pitadinha de noz moscada. Sirva em cálices com uma azeitona dentro.

★ COQUETEL ROSA — Muito decorativo. Para três medidas de vermute sêco, uma de kirsh, e uma de xarope de framboeza. Servir em cálices, com uma cereja em conserva no fundo.

★ SHERRY FLIP — Ponha num cálice grande, meia colher das de sobremesa de açúcar, uma gema de ôvo e um cálice pequeno de sherry. Misture muito bem, e com fôrça. Uma variação dêste coquetel é o «Pôrto Flip» — substituindo-se o sherry por um cálice de vinho do Pôrto.

★ «CLAP» — Agite fortemente na coqueteleira: 2 medidas de whisky, 2 medidas de gin e 2 de conhaque. Sirva.

★ PARADISE COQUETEL — Misture na coqueteleira: 2 medidas de suco de laranja, 2 de gin e 2 de licor de abricó e muito gêlo picadinho. Sacuda com fôrça e sirva.

BELEZA

MANCHAS DE NICOTINA

● **Fumar pode ser uma atitude elegante, um vício ou simplesmente uma distração... O que, porém, não se pode negar é o efeito desastroso para a beleza das mãos quando se formam, entre os dedos médio e indicador, feias e amareladas manchas de nicotina. O uso de uma piteira contribui para que não se formem essas manchas, protegendo as mãos. Há fumantes, no entanto, que não se adaptam às piteiras...**

Eis um preparado ótimo para você esfregar nos dedos manchados, a fim de remover as nódoas de nicotina:

10 gramas de ácido tartárico;
20 gramas de água oxigenada (40 volumes);
30 gramas de álcool;
140 gramas dágua.

Mande aviar a receita na farmácia ou prepare-a você mesma. Ponha a solução em dois vidrinhos: um para seu uso e outro para seu marido... que provàvelmente, se também é fumante, andará com os dedos mais amarelos, ainda, que os seus.

● **A LIMPEZA DA PELE SÊCA...**

... pode ser feita com água e sabão, desde que seguida da aplicação de um creme cuja função é devolver à pele a oleosidade. Os cremes de limpeza são ótimos para as peles sêcas e substituem também a água e sabão, ainda que haja ocasiões em que sem uma boa ensaboada não se pode limpar direito a pele. Uma loção suavizante ajudará a estimular e clarear a pele. Nunca use compressas quentes sôbre a pele se ela fôr do tipo sêco. Depois de lavar o rosto com água e sabão, não se esqueça de enxagüá-lo muito bem, em três ou quatro vêzes, água limpa e fria.

PATRICIA NEAL (W. Bros.)

FOGÕES

FORNECEDORA ROYAL DE
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petrópolis, 1461
RIO — Rua Benedito Ottoni, 62 4
Tels.: 28-2591 e 48-4807

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. .....
NOME.....
RUA..... Nº. ....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

TÔDAS AS QUARTAS-FEIRAS

TELHAS

FORNECEDORA ROYAL DE
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petrópolis, 1461
RIO — Rua Benedito Ottoni, 62 4
Tels.: 28-2591 e 48-4807

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 27 de agosto de 1905

CHRONICA

Acontecimentos notaveis! Quaes nesta semana que succedeu a uma outra de que o chronista experimentado poderia ter traçado um esplendido «compete-rendu»? Qual vivamente impressionou o espirito ou fez vibrar os sentidos? A politica? Oh! a politica — palavra sem significação nesta terra onde os partidos são uma utopia, e na qual, embora sob o disfarce constitucional, se implantou há longos annos uma autocracia temperada pela ficção representativa. No entanto, houve quem se tivesse impressionado com os acontecimentos dos bastidores politicos — os que desde 15 de novembro de 1889 empolgaram as rendosas profissões de que o poder é farto —, uns abandonando velhas crenças, outros deturpando-as, formando esse amalgama de interesses individuais que se disputam as colocações parlamentares, sem ideaes, formando o estagnante agrupamento incolor, sem vontade, que na Cadeia Velha se repimpa no gozo de ordenados diarios, que mui uteis seriam no emprego productivo em favor de institutos de piedade, e que fariam a felicidade de familias inteiras por muito tempo. Sim: que 75$000 dados a um d'estes chefes de familias que por ahi são obrigados a mendigar o passadio bem mais proveitosos seriam do que nos bolsos de muitos ilustres senhores que levam legislaturas inteiras a não fazer cousa alguma! Por muito menos eu faria isso! Em todo o caso ha com que a gente se rejubilar com a chamada politica — baqueou a maldita campanha que ameaçava mais fundo tornar o desgraçado espirito regionalista que — embora se tente negar — neste regime mais pronunciadamente se tem manifestado no Brasil. A candidatura Affonso Penna quando outro valor não tivesse, bastava que destruisse a malsinada arrogancia esclusivista da Comissão Central do Partido Republicano de S. Paulo para que fosse ardentemente aplaudida — dos males o menor.

E que outros assuntos dignos de nota? A passagem de Sarah Bernhardt pelo Rio de Janeiro; O encerramento do Congresso Scientifico Latino Americano? Não parece que mereçam referencias nestas linhas. Sarah, segundo dizem os jornaes, passou 17 dias encerrada no seu camarote e, ao chegar ao Rio de Janeiro, fez cercar o seu aposento no «Magellan» de um verdadeiro cordão de sentinellas tremebundas de alentados marujos. E apenas um mais ousado, o principe das letras, que como sacerdote magno das Artes pôde atingir a culminancia ou o recondito asylo do Dalai-Lama da arte. Ninguém mais! Os admiradores que lhe serviram de bucephalos ao carro triumphal, quando aqui esteve Sarah, voltaram de bordo do paquete francez ruminando umas pragas e convencidos de que desde o dia em que se atrellaram á carruagem da genial artista, nunca mais deveriam ter-se posto em pé. Sarah nem o ar do Rio pôde respirar parecendo ter trazido uma boa porção delle artificial...

O Congresso Scientifico Latino Americano, com as suas sessões rapidas, electricas, que produziu de proveitoso para a sciencia? E' possivel discutirem-se materias de transcendencia, trabalhando atabalhadoamente como foram as sessões do Congresso? Pode-se calcular o que tenha sido essa assemblea de notabilidades nacionaes e estrangeiras, sabendo-se que a maioria das suas conclusões foram votadas por acclamação no congresso pleno.

CAPA de autoria de Bambino: O «Bairro da Saude» ou o «Bairro Vermelho».

CHRONICA ELEGANTE

E' pelos detalhes que a mulher elegante se revela. A forma de seus vestidos é quase comum, mas uma guarnição original e de grande efeito, a cintura, a forma das mangas, a disposição da apparencia, do colete, da gravata, a escolha dos calçados, das luvas, tudo isto é inédito, de um bom gosto perfeito; nada falta para affirmar a correção, cheia de harmonia e sem esta compassada pesquiza que muito prejudica a graça. A ultima novidade é a tulle nervosa, com a qual se fazem volumosas "cols pierrot", que muito tendem a substituir as "écharpes". Verdadeiramente elegante é uma "écharpe" de renda, "drapé" ao corpinho e no "villageoise", especie de tufo com longos pannos que colcheteam o "drapé" do corpinho, á esquerda. Os nós estão hoje muito em moda; nós em forma de escadas, para prender as cinturas; nós nos fofos das mangas, nós acolchoando a frente das blusas, em logar dos potões; pequeninos nós "papillon" ou enormes nós semelhantes a uma peonita gigante. Cada dia é uma pequenina phantasia, que as elegantes cream, e o dever de um chronista é estar sempre de olhos abertos e ouvidos prestes a recolher todas estas informações, que são um dos pontos mais interessantes da moda actual

ACRISIO.

REQUERIMENTO:

Exma. Sra. D. Prefeitura da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, heroica e leal. Dizem as pituitarias e ventas cariocas que a obra do progresso e do aperfeiçoamento de heroica e leal cidade do Sás ficam deveras prejudicadas com as nuvens, verdadeiros simouns de poeira que por ellas se intrometem, sem ceremonia e com microbios. Poderia ter feito essa comunicação á Hygiene Publica, mas vive ella tão azafamada com as fumigações e fumaceiras que não tem tempo de tratar de cousas minimas. Mas as pituitarias e as ventas, como a Exma. Sra. Prefeitura sabe, são os portões intromissores das maleitas para as regiões pulmonares e beccos adjacentes, e d'ahi os grandes prejuizos resultantes da entrada do pó, com seu cortejo de miasmas e outros corpusculos malignos. Nestes termos, requerem a V. Exa. o estabelecimento das irrigações, systema que foi usado no tempo em que Adão era cadete e tem produzido resultado efficaz em algumas nações civilizadas. A agua, inimiga do pó, achata-o de uma vez, reduzindo-o áquillo que na Camara é muitas vezes empregado nas descomposturas — a lama. É preferivel mil vezes a lama aos pés que os pós pelas trombas. Esperam receber mercê.

P. P., **João Municipio.**

MOMENTO PSYCHOLOGICO

(Dumouriez)

— Então? A cousa está quente, hein?

— Sim, assim dizem.

— E você não sabe nada?

— Ora, sabem que um homem politico tem por primeiro dever a discreção.

— Bom, bom, isso é com outros; mas com um amigo velho?...

— A gente não é trahido senão pelos seus...

— Comprehendo. Foi como a cousa acabou?

— Não sei. Estou falando em these.

— E eu estou estudando as theses.

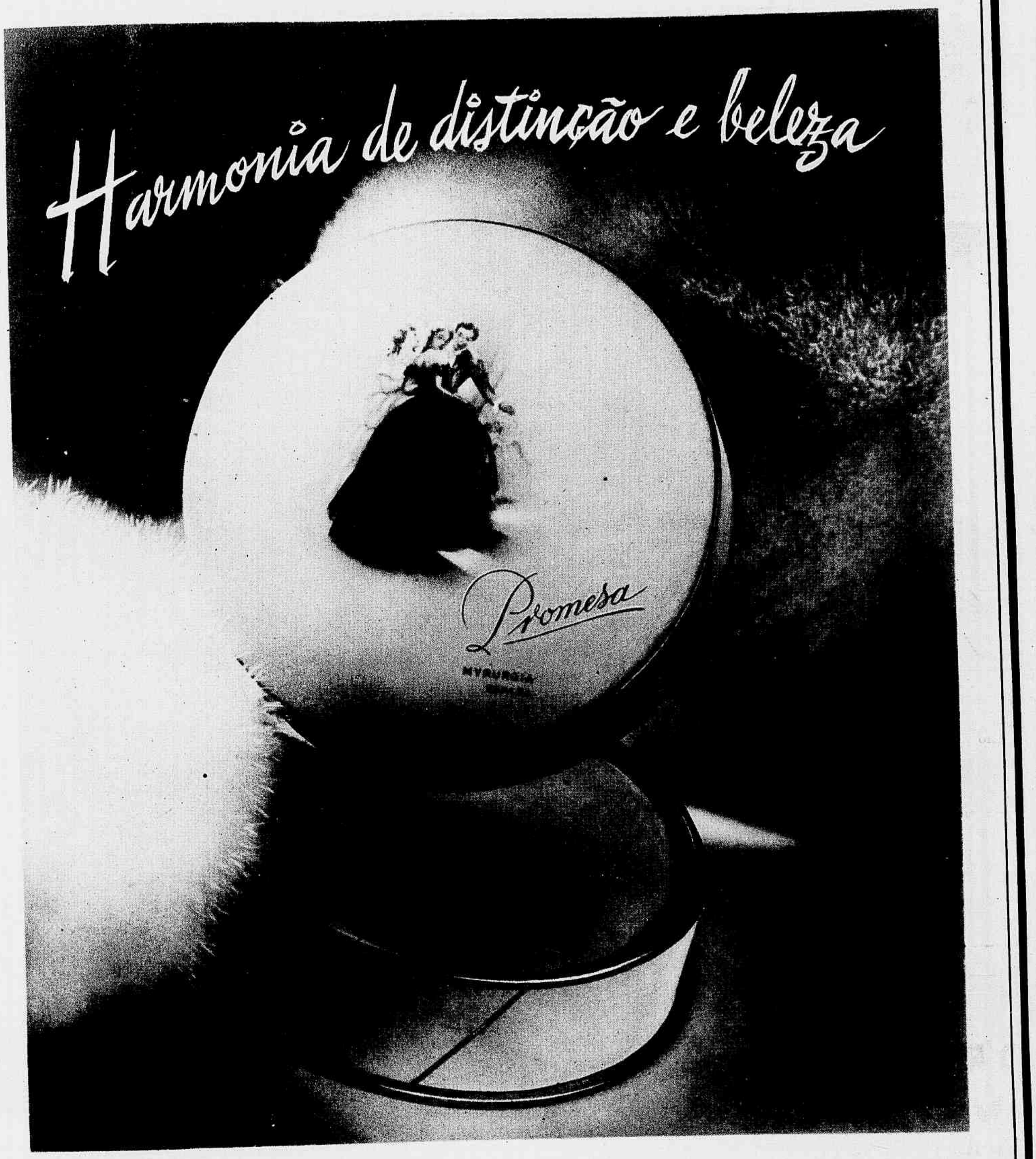
— Mas que diabo! Parece uma fatalidade.

— Trahição no principio, na fundação, trahição, trahições durante longos annos e agora tambem trahição, Quasi no fim!

— Pois não sabem que elle disse que não fosse atirada ás ortigas certa candidatura a cousa estava no periodo final da liquidação?

— E' pavoroso! E dahi?

— Dahi tomou o trem e deixou a senha: "Ou o solitario salvando o regimen, ou o paiz conflagrado na mais pavorosa guerra civil".



PÓ DE ARROZ *Promesa*

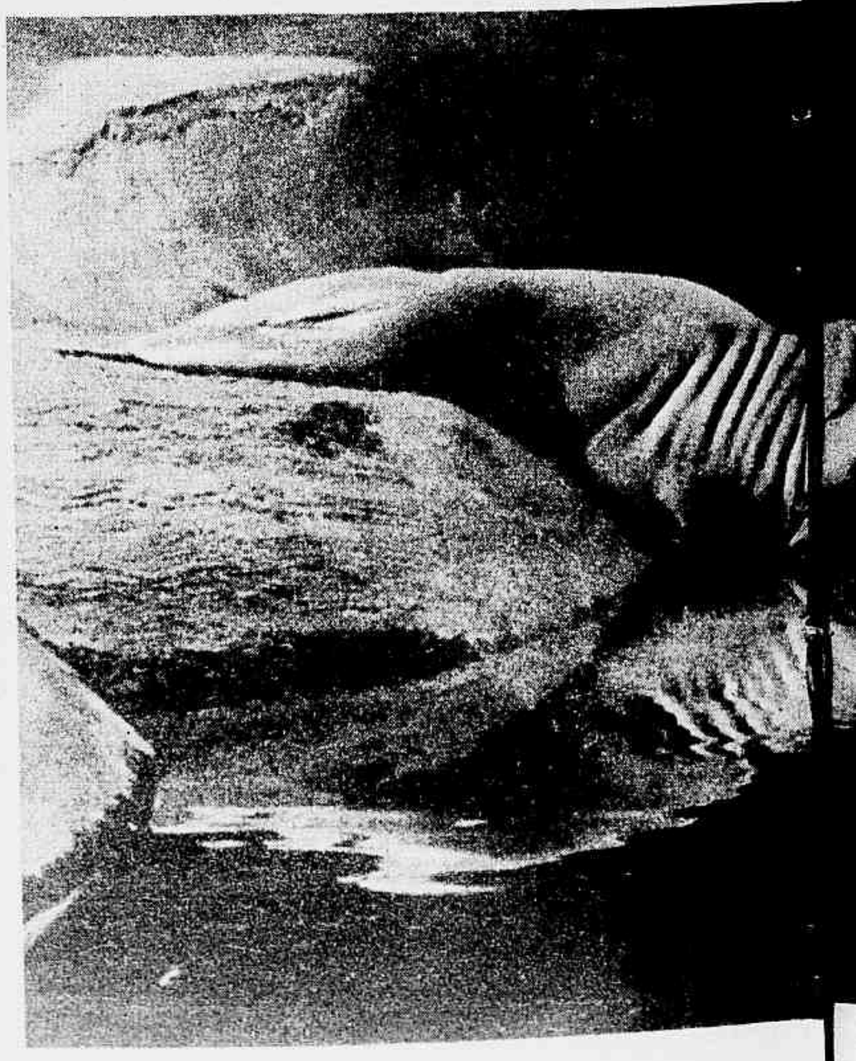
MYRURGIA

SE OS LEITORES REPARAREM bem, poderão ver, atrás da bela garôta do primeiro plano, o último tipo de automóveis Volkswagen, recentemente produzido na Alemanha, e que se prepara para cruzar o Atlântico.

DIZEM QUE O DOUTOR Mirko Sofic quer se divorciar de Gina Lollobrigida, cuja última foto estapamos hoje. Se a coisa fôr verdade, como aliás parece, é conveniente lembrar que **NÓS ESTAMOS NO PÁREO, TÁ?**

GIOVANNI (DOM CAMILLO) GUARESCHI, que por atribuir ao falecido De Gasperi a autoria de uma carta apócrifa foi parar com os costados na cadeia, em Parma, aqui aparece quando, já em liberdade, revia a filha.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



EIS O NOVO MODÊLO de óculos utilizado com entusiasmo cada vez mais intenso pelas melindrosas norte-americanas. Não possui lentes, mas sòmente madeira. Por um pequenino orifício passa a luz solar, já filtrada. A curiosidade é que tais óculos são utilizados há alguns milhares de anos por seus inventores absolutos, os esquimós.

EIS UM ROSTO NOVO, que muito provàvelmente veremos dentro em breve num dos filmes atualmente rodados nos estúdios alemães. Trata-se de Karin, um lindo brôto de 17 anos, em repouso numa das praias do norte da Alemanha. Foi descoberto por um fotógrafo despreocupado.

NO ZOO DE BERLIM, que pouco a pouco readquire o prestígio de antes da guerra, êsse Leão Marinho em flor faz despreocupadamente a sesta, na certeza de que, funcionário da Municipalidade Berlinense que é, um futuro risonho, com uma velhice tranqüila, o aguarda pela frente.

DOIS TERRORISTAS, dos diversos últimamente detidos pelas autoridades policiais marroquinas. Êles estão implicados nos atentados recentemente ocorridos em Casablanca. Onze suspeitos foram presos, entre êles nada menos de sete policiais. A mulher que acima aparece foi a única a ser prêsa. Há várias semanas, essa organização misteriosa assassinou, com explosivos, um francês residente em Casablanca. E promete mais vítimas.

● **A solenidade de inauguração de mais uma importante fábrica da Rádium Indústria e Comércio Americano S/A. compareceram inúmeras autoridades civis e militares, destacando-se dentre outras, as seguintes: (da esquerda para a direita) cel. Sadock Sá, comte. do Corpo de Bombeiros desta capital; tte. cel. José Augusto Moreira, representante do Ministro da Guerra; cap. tte. Maurício Paschoal, representante do Ministro da Marinha; sr. Peter Morris, Diretor Superintendente da Rádium Indústria e Comércio Americano S/A.; cap. Joércio Osório de Paula, representante do Presidente da República e cel. Ururay Magalhães, comte. da Polícia Militar. A bênção à nova fábrica da Rádium Indústria e Comércio Americano S/A. foi oficiada pelo padre Guilherme Schubert.**

AQUECEDORES

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS

LOUÇA SANITÁRIA

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS

AGORA elegantes modêlos em sola fina

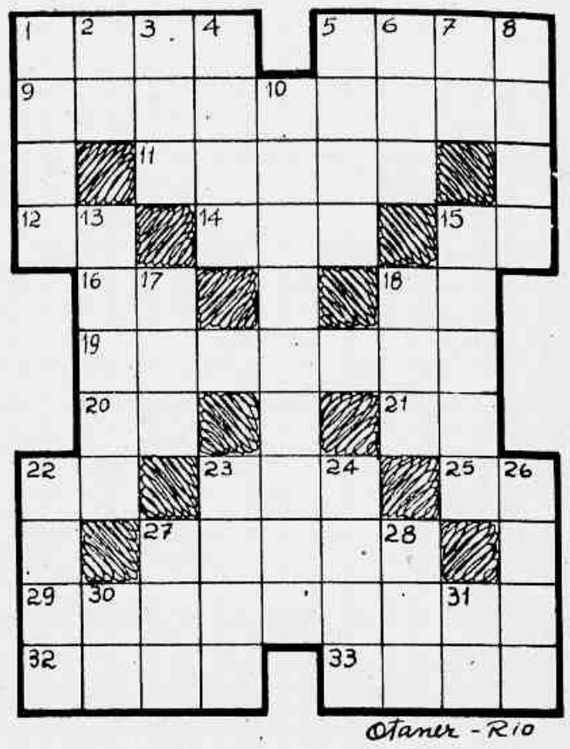
Calçado SOUTO

Conforto máximo
Garantia absoluto

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 81

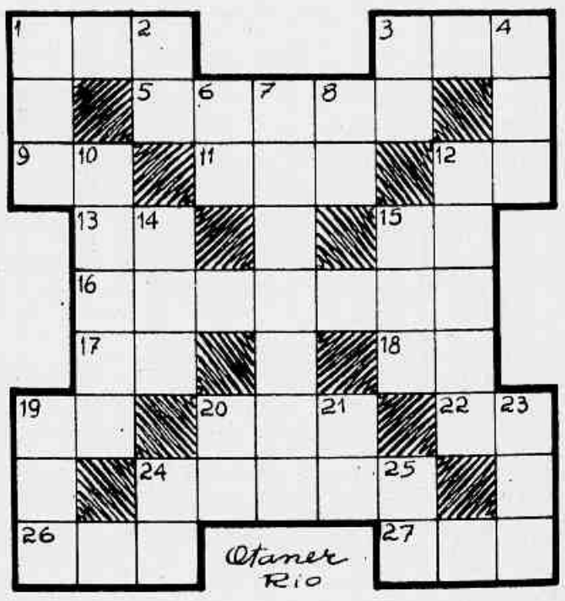
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Estabelecer — 5. Ave aquática da família dos Procelarídeos — 9. Melhorar — 11. Estrondo — 12. Divindade escandinava — 14. Antiga medida holandesa de capacidade — 15. Nome que os antigos egípcios davam ao princípio da energia humana durante a vida — 16. Radical latino que significa bôca — 18. Falta de préstimo — 19. Finjam — 20. Medida japonêsa de extensão — 21. Símbolo do metalóide de pêso atômico 121,76 — 22. Nome do golpe no tambor dado com a mão esquerda — 23. Suavidade — 25. Rio da Holanda — 27. Mercado público, no Oriente — 29. Comovente — 32. Vertigem — 33. Que é feito de cobre.

VERTICAIS: — 1. Pôrto — 2. Interjeição para afugentar cães e outros animais — 3. Nome de mulher — 4. Espuma do leite — 5. Antiga capital dos duques de Auvergne — 6. Sem ponderação — 7. Nota musical — 8. Nome de mulher — 10. Lealdade — 13. Está sobrando — 15. Autoridade em determinado assunto — 17. Espécie de macaco — 18. Lua — 22. Poder dirigente — 23. Aprende na infância — 24. Está oculto — 26. Recifes circulares — 27. Árvore de Malabar — 28. Ter aspecto festivo — 30. Interjeição indicativa do ruído de árvore frondosa ao cair — 31. A mãe de tôdas as coisas, na teogonia amazônica.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Reza — 3. Moléstia — 5. Cheia de ira — 9. Brisa — 11. Íntimo — 12. Aqui — 13. Sufixo designativo de agente — 15. Ama-sêca — 16. Quantia que se paga por um dia num hotel (pl.) — 17. Contração — 18. Batráquio — 19. Seguir — 20. A casa, a família — 23. Igreja episcopal — 24. Impelem com o auxílio de remos (embarcação) — 26. Mau cheiro — 27. Larva que aparece em feridas de animais.

VERTICAIS: — 1. Vazia — 2. Gemido — 3. Perversa — 4. Satélite da Terra — 6. Sorri — 7. Quereriam bem — 8. Pena — 10. Andar em roda — 12. Moradias — 14. Curso de água natural — 15. Botequim — 19. Pedra — 20. Estuda — 21. Batráquio — 23. Época — 24. Símbolo do rádio — 25. Mulo.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 80

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: pear — sala ocre — amel — masculino — arel — agir — rosa — moro — mia — cadi — nata — Acis — Oril — castorina — ougã — atim — saas — saro.

VERTICAIS: — pomar — ecara — arses — reclamistas — salamandras — amigo — lenir — Aloro — cacos — acauã — disga — aritá — tinir álamo.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: arar — adem — auto — reli — tire — ursa — amarraram — purificar — ária — tamo — irar — ados — sama — sara.

VERTICAIS: satá — ruim — atrairiam — roer — aruá — derrocada — Elsa — miam — Rif — pais — urra — iara — itas — amor — rosa.

LITERÁRIA

PETRARCA MARANHÃO

LITERATURA ESPECIALIZADA

● No gênero de literatura jurídica, especializada em processo penal, êsse ramo tão humano e tão apaixonante do Direito Público, pois que afeta diretamente os interêsses mais íntimos e profundos da sociedade, vem de aparecer o 2º volume de uma obra que se constitui num repositório deveras precisos de documentos de alto valor social e político. Referimo-nos ao livro «Os grandes processos do Júri», de autoria do conhecido criminalista Carlos de Araújo Lima, vindo daquele Amazonas que tantos nomes de filhos ilustres tem enviado para as plagas do sul, destacando-se principalmente no Rio e em S. Paulo, no campo do Direito, da Medicina e da Engenharia e outras atividades, além das profissões liberais. Nesse trabalho, estuda os principais processos que têm passado pelo crivo do julgamento do nosso tribunal popular. Sagra-se êle, assim, como o Henri-Robert brasileiro, lembrando, com seu trabalho, a monumental obra do grande **batonier** francês, quando surgiu com seu hoje clássico estudo em dez volumes **sôbre «Os grandes processos da História»** tão conhecido pelos advogados em geral e os penalistas em particular.

Analisa Carlos de Araújo Lima, neste volume de perto de quatrocentas páginas, prefaciado pelo ministro Nelson Hungria, vários dos grandes crimes últimamente cometidos nesta «mui heróica e leal» cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, entre os quais se destacam os capítulos sôbre o «Processo Toneleros», «Os crimes de Olga Suely», «O julgamento de D. Zulmira Galvão Bueno» e «O caso Yolanda Porto». O valor dêsse trabalho avulta, considerando-se que o escritor teve em quase todos êsses casos, atuação direta como profissional, advogando uma das partes em causa.

Já no primeiro volume tratara Carlos de Araújo Lima daquilo a que chamou «O crime do cadete», ou seja, o assassínio do advogado Lauro Fontoura, estudando ainda o caso d'«O amante que matou o marido», «O julgamento do tenente Bandeira» e tratando em capítulo especial, de «Helbe Mascarenhas de Moraes perante o Júri», em páginas prefaciadas pelo hoje desembargador Faustino Nascimento, antigo presidente do Tribunal do Júri.

No caso do crime da rua Toneleros, reúne o autor os depoimentos dos principais implicados no ruidoso processo que abalou todo o país, transformando-se em verdadeira tragédia política, pois até mudança de govêrno determinou, após o desfecho que estarreceu a Nação, abalando-a por assim dizer, nos seus próprios alicerces. Enfeixando, agora, em volume, a substância dêsses famosos processos, Carlos de Araújo Lima, como já disse, — o nosso Henri-Robert, — presta um grande serviço às letras jurídicas, naquilo que tange à ciência penal.

BIBLIOTECA

«CANTIGAS DO CORAÇÃO» é o título do excelente livro de trovas de Onildo de Campos. O autor explora muito bem o gênero, registrando os sentimentos que lhe vão na alma, em trovas de subido valor, bem trabalhadas e melhor inspiradas, com rimas naturais e ritmo sonoro. É, dos que praticam o difícil gênero, dos melhores trovadores que conhecemos. Sabe, ademais, escolher os temas que aborda, tratando com digna elegância, os assuntos que elege, cantando em «Cantigas do coração», as dores e alegrias do mundo.

★

«MULHERES DOS OUTROS», de Hugo Bellard, é o romance de costumes de um romancista nato, que sabe usar da técnica moderna do romance, com graça e vivacidade, conseguindo prender a atenção do leitor de ponta a ponta da história, que conta em agradável estilo, na qual se mostra nas entrelinhas, a identidade dos personagens que movimentam o enrêdo. O autor se serve da oportunidade, para revelar a intimidade da vida literária do Rio, mostrando as lutas, rivalidades, quisilhas, vaidades e concorrências desleais de grande parte dos que se ocupam de literatura, fazendo política de igrejinhas, de elogios cruzados e de sectarismo ideológico muitas vêzes, em detrimento do puro ideal de arte, construtivo e superior, liberto de más influências. «Mulheres dos outros», além do mais, vem revelar a existência de mais um bom romancista, aumentando com êste novo valor, o número dos que realizam de maneira brilhante, o **romance**, no Brasil, tão bem representado pela figura admirável de romancista, de José Lins do Rêgo, o escritor que instilou sangue novo no gênero, que modernamente tem seus expoentes em vários nomes da nova geração, por demais conhecidos.

«As mais belas poesias patrióticas e de exaltação ao Brasil», é a nova edição de mais uma bem organizada antologia da Editôra Vecchi, que assim presta novo serviço às letras brasileiras, num trabalho verdadeiramente cívico, de propagação de nossas coisas e do que de bom e de belo se tem escrito sôbre nossa pátria, em bons versos, por nossos poetas. Nesta obra, se encontram poesias a partir de José Bonifácio de Andrada e Silva, Araújo Pôrto Alegre, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Vitoriano Palhares e Fagundes Varela, até Humberto de Campos, Reis Carvalho, Daltro Santos, Luís Carlos, Araújo Jorge e outros.

★

«Contemplação de Ouro Prêto», é o título do precioso livro de Murilo Mendes, com valiosas gravuras, editado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, sob a proficiente direção de Semeão Leal, livro de bem inspirada poesia, no qual se encontram poemas como o intitulado «Romance das igrejas de Minas», «Flores de Ouro Prêto», «Ao Aleijadinho», de profundo sabor místico e religioso e de grande penetração e acuidade espiritual.

NOTICIÁRIO

— Acaba de aparecer em tradução do Avio Brasil, «O processo Clemenceau» (memórias de um acusado), romance de Alexandre Dumas Filho.

— O governador Cordeiro de Farias sancionou lei pela qual o Estado de Pernambuco oferece ao escritor Alvaro Lins o fardão e o espadim com que o autor de «Rio Branco» tomará posse de sua cadeira na Academia Brasileira.

— Rodrigo Otávio Filho vem de publicar pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação um valioso opúsculo intitulado «Nova conversa sôbre Graça Aranha», no qual afirma ser a terceira vez que escreve sôbre o romancista de «Viagem maravilhosa», dando-nos um interessante e ilustrativo ensaio em tôrno da simpática figura do chefe do movimento modernista no Brasil. Pouco satisfeito estava Graça Aranha «com a nossa pasmaceira literária e queria novidade, entusiasmo, revolução, liberdade, muita liberdade, tôda a liberdade». Aliás, era essa a característica do espírito revolucionário de Graça Aranha: amava o espírito de renovação, que não permitiria nunca o envelhecimento do que quer que fôsse. Tal era o autor de «Canaan».

POESIA

A HUMANIDADE FUTURA

Ora aqui, ora ali, — judeu errante —
Há muito tempo que percorro a vida!
Achei Fausto, com outra Margarida,
Encontrei Beatriz, com outro Dante...

Ricaço e sensual, — pança nutrida —
Vi Job, num cabaret, atrás da amante...
Vi Petrarca, de Laura tão distante...
Messalina, na Igreja, convertida...

Vi Têmis, num festim, com outras mulherés,
Vi sem pão, a morrer, a deusa Céres,
Já que os campos, de trigo não se alouram...

Mas vi, também, que dêste choque insano,
Há de surgir um mundo mais humano,
Como prêmio à bondade dos que foram.

APRÍGIO DOS ANJOS

ENTREVISTA RELÂMPAGO

(Com o poeta Murilo Araújo, autor de «Carrilhões», «A cidade de ouro», «O candelabro eterno» e outros livros).

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual o mais **importante?**

Resposta: — O que mais prefira ser escritor a ser importante.

2ª.: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Os mais próximos parentes do meu espírito.

3ª — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — As mais próprias para minha emoção no momento.

4ª.: — Qual dos nossos escritores gostaria de ver primeiro na Academia?

R.: — Eu.

5ª: — Atualmente onde desejaria morar?

R.: — Neste mesmo Rio em que moro, cidade cruel e bela como as damas fatais.

6ª — Como gostaria de morrer?

R.: — De modo que não fôsse enterrado.

7ª — É o esporte uma atividade útil?

R.: — Útil desde que não se mude em vício.

8ª: — Está satisfeito com a época em que vive ou em que outra preferiria viver ou ter vivido?

R.: — Preferia tempos de mais sentimento no coração dos homens.

O QUE ÊLES DIZEM

DIPLOMATA — «O homem que consegue que a espôsa o respeite». — CELT.

DIREITO — «O direito é o olhar de Deus sôbre o nosso mundo». — KANT.

DIVERTIR — «Nada é mais massador do que a obrigação de ser divertido». — J. PETIT-SENN.

IMAGINAÇAO — «A imaginação é a mãe das paixões, das artes e do talento». — CHÊNEDALLÉ.

IMORTALIDADE — «O tornar-se imortal custa a vida». — CAMPOAMOR.

INFERNO — «É cá neste mundo: não ter que comer, que beber, nem umas palhas em que deitar-se». — CAMILO CASTELO BRANCO.

LIVROS RECEBIDOS:

«ONTEM E HOJE», pelo Cônego Geraldo Mendes Monteiro (Imprensa Oficial — B. H.) 1955.

«VIDA DE JESUS» e «CANTICOS AO CRIADOR» — Renato Travassos (Imp. Of. Rio) — 1955.

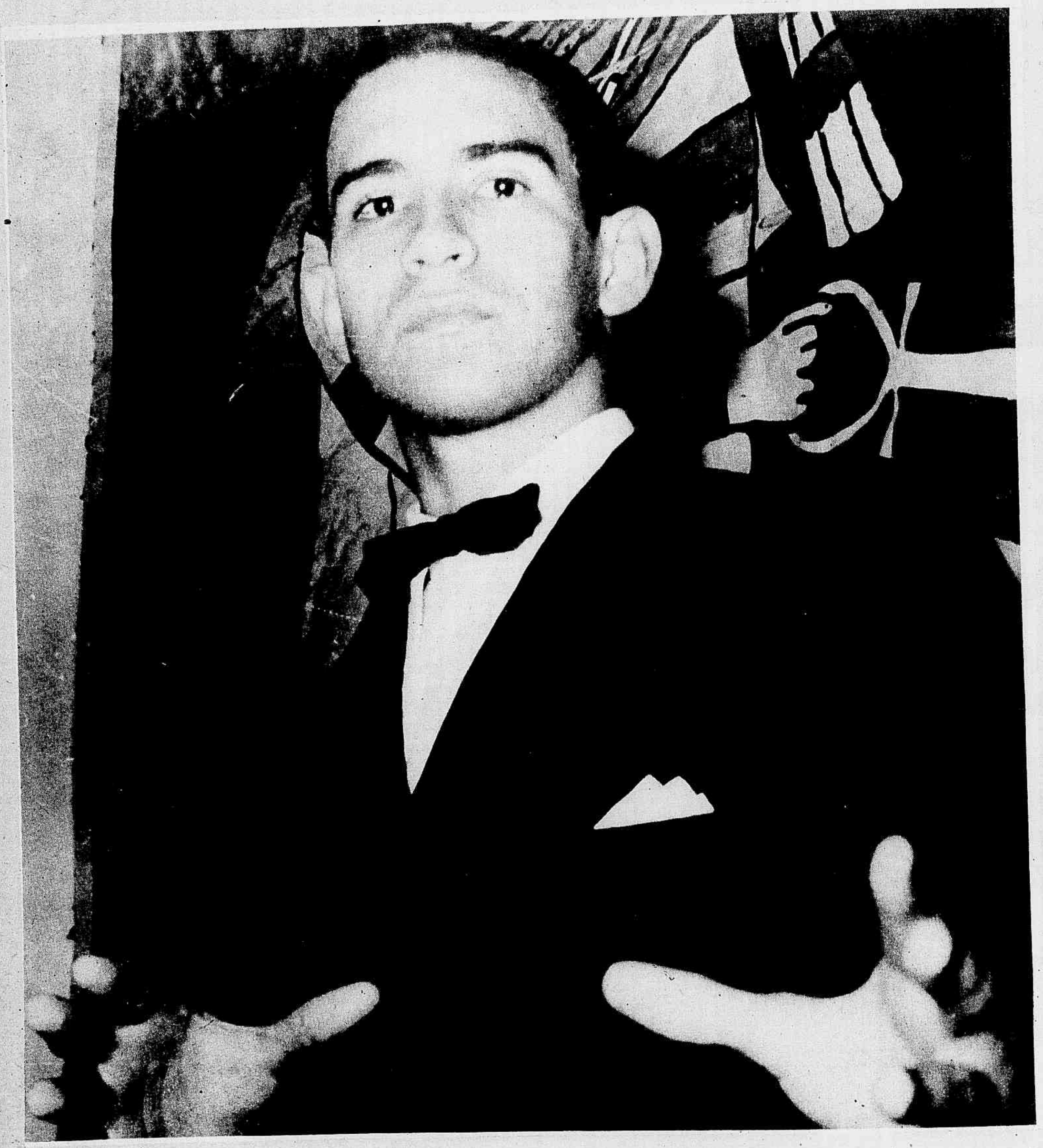
«CAFÉ SOCIETY» — Ary Andrade (Ed. Unidade, Rio de Janeiro) — 1955.

«A NECESSIDADE DE SE ILUDIR» — Pitigrilli (Editôra Vecchi).

«HORIZONTE», de Hélio C. Teixeira (poemas e trovas) — Rio, 1955 (Gráf. Tupy, edit.).

TEM APENAS 20 ANOS E JÁ

HIPNOTIZA MEIO-MUNDO



Ao iniciar-se a chamada SUGESTÃO, frases intuitivas são dirigidas pelo hipnotizador à platéia, de onde sairão os elementos que a divertirão depois.

BANCÁRIO MODESTO, RIVAL DE CECARELLI ★ COMEÇOU BRINCANDO, MAS HOJE EM DIA É A SÉRIO ★ «VOCÊ NÃO PODE ANDAR!», E O MENINO NÃO ANDOU ★ OS MÉDICOS NÃO ACERTARAM ★ TESTEMUNHOS ★ NOVO ALFONSO ORTIZ TIRADO

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

Fotos de HERMÓGENES LADEIRA

Durante o sono hipnótico, dão vasão às mais estranhas situações, em obediência às determinações do hipnotizador. Na seqüência, temos: uma onda de frio; segurando o «guidon» da bicicleta para uma grande corrida, e um pai tendo aos braços um recém-nascido, ao qual segura.

● **BELO HORIZONTE — Em suma, o que há é o seguinte: em meio a letras de câmbio, cheques e promissórias, nos seus vinte anos vividos de maneira intensa desde que deixou a terra natal, vive um modesto rapaz, tipo comum do mineirão recatado — dêsses que a gente encontra diàriamente na Av. Afonso Pena — rapaz êsse que, embora não o sabendo perfeitamente a capital mineira, é um dos maiores hipnotizadores que o Brazil possui atualmente. Seu nome: EVANDRO LORENS; sua profissão: funcionário do Banco da Lavoura de Minas Gerais. Dotado de extraordinária fôrça hipnótica, em nada deixa a desejar do célebre Dr. Cecarelli, ao qual, em determinados números de sua especialidade, supera de maneira admirável, como no caso da chamada «Levitação». Essa a conclusão a que chegou o repórter, após assistir, em dias do mês de junho do corrente ano, a um espetáculo dessa espécie, pelo jovem hipnotizador realizado na capital das Alterosas.**

FILHO de um médico provinciano — Dr. Waldemar Lorens — nasceu Evandro em Monte Carmelo, neste Estado de Minas Gerais, no ano de 1935. Desde cedo iniciou-se na prática do hipnotismo, pois inúmeras foram as vêzes que vira o seu pai empregar a sugestão e o hipnotismo para tratamento de doenças nervosas. Na vida escolar começou a exercitar a sugestão a título de brincadeira. Colocava no bôlso um objeto pequeno — um canivete, uma bola de gude ou mesmo uma tampinha de garrafa — e sugestionava a pessoa dizendo que se procurasse algo ali não encontraria nada. Realmente: a pessoa procurava, revistava e não encontrava absolutamente nada, embora o objeto permanecesse no mesmo lugar. A tudo isso, porém, considerava uma simples brincadeira, não dando ao fato a menor atenção. O hipnotismo só começou a despertar-lhe o interêsse quando sugestionou um garôto de que estava seguro ao solo e não poderia andar, por mais que tentasse, o que de fato sucedeu.

— Para meu espanto — confessou-nos agora, enquanto laborava com afinco no Banco — o garôto ficou realmente prêso ao chão!

UM CASO RARO

Foi por essa época que começou a fazer diversas experiências com algumas pessoas amigas (nadadores da piscina do Cruzeiro Esporte Clube) e a ler tôdas as obras científicas sôbre o assunto que lhe caíam às mãos. Do aperfeiçoamento daí advindo, surgiram bons resultados. Houve um caso que merece registro especial, embora o jovem hipnotizador, àquela época, ainda se encontrasse na fase de experiências.

Visitando, certa feita, umas conhecidas, verificou que as mesmas tinham uma irmã que, apesar dos médicos atestarem sua perfeita sanidade física, ela não conseguia andar direito, tinha acessos constantes de uma tosse nervosa e não suportava, em hipótese alguma, o menor ruído possível.

Resolveu, então, fazer o mesmo que tinha visto o pai fazer: o sucesso foi superior ao esperado. Bastaram cinco visitas para que a senhora melhorasse consideràvelmente. Hoje está completamente boa.

A vida parece amarga para essa pequena à esquerda; já o rapaz do centro oculta o rosto entre as mãos, envergonhado; mas o 3º é francamente do barulho! Com um trombone (que o hipnotizador lhe emprestou por momentos) atroa os ares com os últimos e mais desengonçados foxes.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

HANSEL E GRETEL

● Tivemos a oportunidade de assistir, em sua primeira apresentação no Brasil, à ópera HANSEL E GRETEL, de Engelbert Humperdinck. De linhagem wagneriana, êsse compositor, justamente com Kienzl e outros, seguiu as tendências da ópera de sabor predominantemente popular, não se afastando, contudo, do fluídico e majestoso espírito de Bayreuth.

HANSEL E GRETEL, sua obra prima, inspira-se em conhecido conto de fadas alemão e corresponde exatamente à nossa história de João e Maria. Não obstante o pecado original que faz da ópera um gênero apenas semi-musical, quase que inteiramente despido de poder convincente, dada a artificiosa conjunção do binômio teatro-música, somos forçados a reconhecer que também para esta forma espúria existe uma valoração; e não é preciso acrescentar que tal valoração possui um sentido restrito e relativo.

Entretanto, qualquer que seja a nossa conceituação do gênero em questão, o que não podemos é negar as fulgurantes qualidades da interessante ópera de Humperdinck. A música é simples e terna, e em seus temas principais sente-se a fôrça envolvente de deliciosas melodias populares. O lirismo e a cristalinidade da forma musical são de um agradável efeito, merecendo especial citação o «canto do cuco», de caráter imitativo, a belíssima CANÇÃO DO GNOMO e a PRECE, que é um dos pontos altos do melodrama.

Fundamentalmente a obra de Humperdinck nada possui do universo ideológico de Wagner: a grandeza de concepção e a eloqüência agressiva e doutrinadora do gênio de Bayreuth encontram-se tão ausentes da obra dêsse seu discípulo, como da angústia serena de um Schumann ou da febre mística de um Cesar Franck. A influência de Richard Wagner sôbre Humperdinck restringe-se à forma, à orquestração, à expressão sentenciosa e máscula, que é, de um modo geral, a característica dominante de tôda a música germânica. Enquanto o primeiro representa a vertigem dos grandes espíritos em busca da última etapa da grandeza humana e do sentido apoteótico da tragédia, o segundo acomoda-se à simplicidade bucólica das fontes populares sem quaisquer pretensões ascencionais.

NOTICIÁRIO

UMA DESCOBERTA PRECIOSA. Segundo fontes autorizadas, o musicólogo Renzo Bonvicini encontrou na biblioteca musical da Universidade de Standford, na Califórnia, um oratório inédito de Alxandre Scarlatti. A obra em questão é «La Sposa dei Cantici», do qual só existe um outro exemplar nos arquivos do Conservatório de Paris. Composto para as festividades da Assunção, parece ser uma cópia alterada de um outro oratório perdido, que se intitulava «Assunção».

CONCURSO INTERNACIONAL DE BESANÇON. A êsse concurso, que realizar-se-á entre 1 e 11 de setembro do corrente ano, terão acesso os jovens regentes de todo o mundo, com menos de trinta anos e que ainda não hajam obtido nenhum prêmio de direção e nem sejam profissionais. Todos os anos, dezenas de candidatos apresentam-se para as provas eliminatórias, e os vencedores recebem prêmios em espécie (100.000 para o primeiro colocado) e também valiosas ofertas feitas pela indústria relojoeira francesa. Além disso, os primeiros colocados têm prioridade para os contratos propostos pelas Juventudes Musicais e pelas Associações Sinfônicas.

ERNST KRENEK EM PRIMEIRA AUDIÇÃO. Foi recentemente apresentado em Colônia, na Alemanha, sob a batuta do regente americano William Steinberg, e em primeira audição mundial, o Concêrto Nº 2 para Violino e Orquestra de Ernst Krenek. Os críticos alemães qualificaram a obra de difícil e ingrata. Não obstante o sucesso foi grande. O violinista Tibor Varga atuou como solista.

O NIVEL MUSICAL AMERICANO. Uma informação procedente de Nova Iorque afirma que uma recente sondagem da opinião dos rádio-ouvintes americanos revelou que o número dos ouvintes dos programas de novelas policiais, de operetas e da música de jazz diminuiu de 26 a 30 por cento, enquanto que o número dos que preferem ouvir a música sinfônica apresentou um aumento de 20 por cento.

BAILARINOS HÚNGAROS VIRÃO AO RIO. Estrearão no dia 27 de setembro no nosso Teatro Municipal os bailarinos Istvan Rabowski e Nora Kovach. Ambos nasceram na Hungria e receberam sua educação artística nas escolas de ballet da União Soviética, onde se tornaram profissionais. Depois de se exibirem na Zona Oriental de Berlim, partiram para a Inglaterra e não mais quiseram retornar à sua pátria adotiva. Mais tarde foram contratados pelo empresário americano Hurok para uma longa temporada nos Estados Unidos. Istvan Rabowski, que por várias vêzes foi «partenaire» da famosa bailarina russa Galina Ulanova, fará o papel de Nijinsky em uma película a ser rodada em Hollywood sôbre a vida do inesquecível bailarino.

GUIOMAR NOVAIS. A internacionalmente famosa pianista brasileira Guiomar Novais voltará a ser apresentada para o público desta capital no dia 29 do corrente mês. Êste acontecimento constituirá, sem dúvida, um motivo de grande regozijo para todos aquêles que admiram a exímia pianista patrícia.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petrepolis, 1461
RIO — Rua Benedito Ottoni 62 4
Telas: 28-2591 e 48-4807

CERÂMICAS

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petrepolis, 1461
RIO — Rua Benedito Ottoni 62 4
Telas: 28-2591 e 48-4807

HIPNOTIZA MEIO-MUNDO

Imaginem só o que o hipnotizador foi arrumar: essas pequenas estão procurando algum objeto pelo chão. O que terá sido? Vocês estão vendo?

(Êste repórter, a pedido da referida senhora, exime-se de citar o seu nome e o respectivo enderêço, por motivos óbvios. Tem-nos, entretanto, consigo, para qualquer circunstância).

DOIS TESTEMUNHOS

A partir de então, inúmeras foram as demonstrações de caráter particular levadas a efeito pelo talentoso jovem, sendo de se destacar a realizada na residência do Sr. Mauro Dutra Ladeira, presentes sua espôsa, filhos e diversas visitas.

É o referido senhor quem nos conta, em sua própria casa, ao saber da nossa visita e do nosso intento:

— Conheço perfeitamente o jovem Evandro Lorens, que de algum tempo para cá vem se dedicando ao estudo do hipnotismo. Certa noite do mês de abril do corrente ano, aqui mesmo nesta sala, levou a efeito uma demonstração de hipnotismo em companhia de um filho meu, de nome Hermógenes, e de vários outros moços, seus amigos, demonstração essa que nos proporcionou momentos de agradáveis surprêsas, tal a excelência e a grandiosidade dos números executados. Secundando as declarações do seu progenitor, declarou-nos o jovem Hermógenes, ali presente, também:

— Nessa mesma noite, assistimos pela primeira vez a uma demonstração da tão comentada «levitação», que é um fenômeno de hipnotismo coletivo, no qual a platéia tem a impressão de que o paciente está suspenso no espaço, sem nenhum auxílio de ordem material. Outro fato de grande significado foi a cura de certa senhora daqui de Belo Horizonte. com o mais absoluto sucesso.

Evandro Lorens, cujo nome artístico é WALMY WANA, deu várias demonstrações públicas de hipnotismo, ressaltando-se as levadas a têrmo no 10º Regimento de Infantaria, aqui sediado, perante o Cel. Firmino Lage Castelo Branco (ex-Comandante daquela unidade), Ten. Cel. Luiz Gonzaga de Oliveira (Com. do 1º B.), Cap. Eli (Of. S. 3) e soldados presentes aos espetáculos; no Cine Vitória, em Pará de Minas, por três dias seguidos, casa totalmente lotada, e uma vez ainda no 10º R. I., perante o Cel. João Tavares Filho, atual Comandante daquela unidade do Exército, bem como de tôda a oficialidade ali presente e a soldadesca em geral. Além de bancário, freqüenta a um curso especializado de língua italiana (Centro Brasileiro de Cultura Italiana), enquanto se prepara para a Faculdade de Medicina. Pretende, depois de formado, fundar um hospital para tratamento de doenças nervosas, à base da ciência hipnótica, e para tanto já está amealhando o dinheiro ganho nos espetáculos que realiza com certa regularidade.

Mãos ao alto! E ao pensamento do hipnotizador, dezenas de braços se ergueram. As duas pequenas da 1ª fila não deram importância alguma.

GRANDE HOTEL PRATA

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

●

Gose suas férias economizando e desfrutando o confôrto e fino trato do GRANDE HOTEL PRATA em ÁGUAS DA PRATA.

Desconto de 20% nas diárias a partir de 1º de maio até 30 de junho. (Vinte por cento).

●

Reservas c/s Sxprinter ou diretamente com o hotel — telefones: 20-29-4 — Águas da Prata — Estado de São Paulo.

●

Água Prata a melhor água para o tratamento do fígado, intestino, estômago, diabete — cura a azia.

Água do Villela — a água mais radioativa do Brasil.

●

Meios de transporte — Cia. Mogiana, Viação Cometa — Expresso Brasileiro — Limousines — Panair e Nacional.

EXCELENTE BAR

AMPLA VARANDA

SALÃO DE REFEIÇÕES

ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas - via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

A MORTE SUPEROU A BELEZA

Morreu Susan Ball, vítima do câncer — Há pouco mais de um ano, seu casamento emocionara o mundo cinematográfico — 22 anos de uma vida em que à glória sucedeu-se o infortúnio.

UMA DAS ÚLTIMAS FOTOS de Susan Ball, no Hospital em que viria a falecer no dia 5 de agôsto corrente. A seu lado Richard Long, seu marido, que não a abandonou um só momento. Em baixo, Susan Ball ainda nos bons tempos.

«NO PALCO DA VIDA, ELA MERECEU UM OSCAR POR SUA CORAGEM, COM O AUXÍLIO DIVINO». Com essas palavras o Reverendo Evans, que aparece à esquerda, quando do entêrro de Susan Ball, encerrou sua oração fúnebre.

NO mesmo dia em que, fulminada por um colapso, em plena atividade, Carmem Miranda deixava de ser a Embaixatriz da Música Brasileira nos Estados Unidos, Susan Ball, a atriz de 22 anos cuja luta heróica contra o câncer há longos meses vinha emocionando a opinião mundial, cerrava os olhos para sempre. Os leitores devem estar lembrados de seu casamento, realizado no Domingo de Ramos do ano passado, com o ator Richard Long. Susan, que já havia amputado a perna direita na altura da coxa, entrara no templo presbiteriano de El Montecito, em Santa Bárbara, caminhando por seus próprios passos, sem o auxílio de ninguém, graças à perna mecânica com que se exercitava havia apenas sete dias. Diversos membros da colônia cinematográfica de Hollywood assistiram emocionados à tocante cerimônia.

Foi uma série de fatalidades que precipitou os acontecimentos; tudo começou quando, em fins de 1952, quando filmava «East of Sumatra», com Jeff Chandler, Susan, então com 19 anos, perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos sôbre o cimento, no «set». Meses depois, quando o ferimento já sarara quase completamente, num desastre de automóvel, uma pancada veio agravar-lhe o estado. Desde então não mais andou senão com muletas. E passou a fazer no joelho aplicações de «radium», pois um tumor maligno começara a ali desenvolver-se. Foi então que Susan conheceu Richard Long, recém-chegado da Coréia. Sob a ameaça do câncer, êles se amaram. Amputada a perna em janeiro de 1954 (após terceiro acidente, uma queda em sua residência), a 3 de fevereiro, data de seu 21º aniversário, ficava noiva. Pouco depois se casava. A morte veio surpreendê-la um ano sòmente depois, interrompendo-lhe a carreira e os sonhos de felicidade. O destino, que já fizera quase que o mesmo com Sarah Bernhardt e com Ernestine Schumann Heink, interrompeu, de maneira trágica, mais uma existência, ceifando Susan Ball em plena juventude.

AMPARADA AO MARIDO, Richard Long, e ao Diretor Richard Goode, Susan Ball, a jovem atriz há pouco falecida, quando ensaiava uns tímidos passos, já com a perna mecânica, nos estúdios da Universal International.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 27 DE AGÔSTO E 2 DE SETEMBRO DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Limite suas atividades, durante a semana, aos negócios da sua profissão. Não haverá ambiência favorável às atividades paralelas. O meio social o favorecerá e suas solicitações justas poderão ser atendidas.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — A semana não favorecerá a saúde. O clima astral poderá afetar o «hyleg», ocasionando distúrbios orgânicos mais ou menos sérios. Evite os excessos de alimentação e de bebidas, principalmente.

★ GÊMEOS (21/11 — 27/12) — Não assine contratos nem organize sociedade comercial ou industrial, na vigência da semana entrante. Se o fizer, estará comprando barulho certo, para o futuro. Os negócios imobiliários estão bem postos.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Sua posição durante a semana, em relação à política, será de completo desequilíbrio. Não se manifeste nem tome atitudes, a respeito, pois poderá acontecer o pior. Sua oportunidade virá, certamente, noutra ocasião.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Uma semana muito boa terá o leitor, principalmente para os negócios novos. Tudo lhe será facilitado. Os melhores dias para propostas serão 27 e 29 de agôsto, 1 e 2 de setembro. Com exceção das viagens aéreas, tudo correrá a contento.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A semana não será de todo vazia. O leitor poderá empreender algo de interêsse, especialmente no terreno financeiro. Júpiter lhe acompanhará os passos e o amparará fortemente, nas suas aspirações.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Exceto o dia 30 de agôsto, todos os demais serão altamente favoráveis ao leitor. Poderá viajar, solicitar empréstimos, formular pedidos, requerer e promover qualquer recuperação. O clima dos astros será benéfico aos seus interêsses de tôda sorte.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Seja muito discreto em tudo o que fizer e não confie a ninguém, durante a semana, os seus projetos e os propósitos de que estiver animado. Poderá ser vítima de uma traição de graves conseqüências.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O leitor vai ter, na semana em pauta, uma excelente oportunidade para conseguir a desejada melhoria de proventos. Haverá facilidade na obtenção de lucros e na aceitação das propostas que fizer.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não se afaste, absolutamente, do rumo que estiver sendo observado. O momento é inoportuno para qualquer modificação. As inovações e os empreendimentos novos estão mal astralizados.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Os dias 30 e 31 de agôsto, assim como 1º de setembro, poderão trazer-lhe surprêsas agradáveis. O leitor estará a pique, em tais dias, da recuperação do que houver perdido, mesmo na vida sentimental.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Formule com moderação os seus pedidos e não faça exigências de qualquer espécie, no curso da semana. Sua posição astral não está segura, principalmente nos dois últimos dias de agôsto.

● **OS NOMES DA SEMANA**

Agôsto, 27	—	Sinésio	—	Edna.
" 28	—	Ênio	—	Emília.
" 29	—	Saturnino	—	Brígida.
" 30	—	Mirto	—	Flora.
" 31	—	Alberto	—	Earnestina.
Setembro, 1	—	Romualdo	—	Hermínia.
" 2	—	Edmundo	—	Rogéria

● **EFEMÉRIDE DA SEMANA**

Marcha e posição do Sol, ao meio dia de Greenwich

Agôsto, 27	3º	26'	38"	(Signo da Virgem)
" 28	4º	24'	34"	(" " ")
" 29	5º	22'	31"	(" " ")
" 30	6º	20'	30"	(" " ")
" 31	7º	18'	30"	(" " ")
Setembro, 1	8º	16'	32"	(" " ")
" 2	9º	14'	35"	(" " ")

BANHEIRAS

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petropolis. 1461
RIO — Rua Benedito Ottoni. 62 4
Tels.: 28-2591 e 48 4807

TINTAS SINTÉTICAS E DUCO

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petropolis. 1461
RIO — Rua Benedito Ottoni. 62 4
Tels.: 28-2591 e 48-4807

A morte superou a beleza

O CASAMENTO DE SUSAN BALL com Richard Long emocionou tôda a colônia cinematográfica de Hollywood. Quem poderia supor que a morte, especialmente convidada, a tudo observava atentamente?

RICHARD LONG e sua mãe, Mrs. Sherman Long, no momento em que deixavam o Cemitério de Forest Lawn, aonde foi enterrada Susan. O rapaz foi incansável em sua dedicação à espôsa. Mas a doença acabou vencendo.

CINEMA E TEATRO

CELESTINO SILVEIRA

A VEZ DO AVIÃO A JATO EM "ESQUADRÃO HERÓICO"

Lídia Matos já fêz cinema, no início da sua carreira radiofônica. Lembramo-nos de tê-la visto muito satisfatòriamente em «Aves sem ninho», de Roulien. Volta agora, fazendo um papel antipático no filme de Eurides Ramos, «O Diamante». Aqui a vemos, com Gilberto Marinho. O protagonista é Anselmo Duarte que volta às atividades dos estúdios cariocas.

● **Filmes de aviação, transcorridos durante a guerra, fazem-se periòdicamente e cada guerra tem o seu ciclo. Veio o primeiro, com a de 14, que teve o seu ápice em «Anjos do Inferno», produzido por Howard Hughes, também aviador, com a saudosa Jean Harlow. A segunda grande guerra deu forte contribuição a Hollywood para novo ciclo aviatório, e a campanha da Coréia não podia fugir à praxe. Aí está «Esquadrão Heróico» (Man of The Fighting Lady), com a participação dos primeiros aparelhos a jato nos domínios de Marte, e se bem que o jato não chegasse a resolver o conflito do paralelo 38, com todo o seu poder destruidor, serviu para eficientes «tests» que os EE. UU. souberam aproveitar. E serviu ainda para dar-nos o semi-documentário de Andrew Martin. Cedeu aos produtores da Metro, o Departamento de Defesa norte-americano, de seus preciosos arquivos, a parte melhor dessa película, quando uma corajosa esquadrilha, em águas do Pacífico, decide fazer cotidianas visitas a um ponto estratégico dos vermelhos, e a ligação da metragem documentária com a de ficção, faz-se em «montage» perfeita, dando ao espectador incauto, a ilusão de terem sido realmente os intérpretes do filme, os heróis da história que se inspira em dois episódios autênticos, publicados pelo «Saturday Evening Post». A dose de sentimentalismo, em uma película dessa natureza, acaba por ser muito relativa e rotineira. Lá estão os pilotos que festejam o Natal longe da família, entregues à sua faina de bombardear o inimigo — e um dêles, inevitàvelmente, perdendo a vida. Justamente aquêle que mais se revoltava contra a brutalidade da guerra aérea e o mais saudoso da espôsa e dos filhos. Isso faz que desde cedo o público pressinta a morte de Keenan Wynn. O episódio do pilôto cego, prende a atenção geral e vive um «suspense» prolongado. Atingido pela defesa de terra, Dewey Martin vê-se privado da vista, prêso ao volante e com o rosto ensangüentado — detalhe que o AnscoColor realça em grande efeito — teria êle morte certa, não fôra a colaboração de um companheiro — Van Johnson — que lhe empresta os olhos de maneira simbólica. Comandando outro jato, persegue o aparelho descontrolado e consegue orientar o pilôto, devolvendo-o ao tombadilho do porta-aviões, com o simples recurso da palavra, do estímulo e da orientação ministrada ao companheiro em situação desesperadora. É êsse um dos episódios verídicos, ocorrido na campanha coreana, e que o cinema tão bem aproveita.**

●

Mas o verdadeiro protagonista é sem dúvida o avião a jato. A explosão de um dêles, quando de volta, avariado, de mais um «raid» ao ponto estratégico visado, impressiona a platéia. Van Johnson confirma seus recentes predicados de bom ator, quando, pilotando o seu aparelho, só com o recurso da máscara, consegue guiar o companheiro cego. Walter Pidgeon e Louis Calhern fazem ligeiras pontas, sem relêvo; em outros papéis, Frank Lovejoyk Robert Horton, Bert Freed e Lewis Martin completam a esquadrilha dos vôos baixos.

Demonstrações técnicas do funcionamento dêsse tipo de arma bélica, e a vida de seus tripulantes a bordo dos porta-aviões — emocionante a projeção cinematográfica para matar saudades da família — fazem dêsse filme um semi-documentário de certo interêsse. Mas a verdade é que os filmes cujo conteúdo decorre em função direta da guerra, decaem de curiosidade. O que a própria Metro reconhece ao abrir mão de «Glória de um Covarde», das suas casas próprias, para um único cinema de bairro.

PAPAI NOVAMENTE GRANDE OTELO

● *A cegonha fêz uma visita à casa de Grande Otelo e deixou, de lembrança, um robusto garôto, desde logo batizado (em família) com o nome paterno: Sebastião. O pai coruja recebeu uma grande ovação no auditório do "Night and Day" quando, nessa noite, deu a notícia ao público. E deu-a sob forte emoção, rompendo em pranto. O nascimento ocorreu quando a cidade cobria-se de luto pelos funerais de Carmem Miranda. Grande Otelo, antigo companheiro da cantora querida, viveu simultâneamente horas de tristeza e alegria. Ao visitar o corpo de Carmem, no saguão da Câmara dos Vereadores, seu estado de espírito era indescritível. Como o de todos os que ali compareceram, claro. Mas Otelo emocionava-se mais, com a diversidade de reações porque vinha de passar, naquele dia.*

E Segue o Espetáculo

● Walter Pinto exigiu um aluguel de sete mil cruzeiros diários pelo Recreio, ao empresário Ferreira da Silva, que não ofereceu mais de cinco mil. Razão porque o elenco do João Catetano seguiu para São Paulo, permutando o Santana com a companhia de revistas do Lido. — Não foi tão feliz como das vêzes anteriores o elenco de César e Renata com «Assim de mulheres». Assim mesmo a comédia-musicada está levando seu público ao Dulcina — Muito lamentada nas rodas teatrais a morte de Álvaro Braga, antigo gerente do Teatro Serrador. — e a propósito do Serrador: Iglesias continua a preparar-se para uma excursão à África portuguêsa, no ano próximo, disposto a levar (se possível) os mesmos artistas que pela primeira vez apresentou em Portugal. — Parece confirmar-se a decisão de Odilon em abandonar a carreira de ator, voltando à de escritor. É oportuno lembrar que Odilon já foi romancista, e um de seus sucessos literários foi «A Mulher do Promotor». — Em São Paulo, o TBC anuncia para êste mês, «Maria Stuart», com as irmãs Cacilda Becker e Cleyde Yaconis.

Termas de
LINDÓIA
Serra Negra.

Pelas suas famosas águas radioativas, clima ameno e paisagens deslumbrantes, Lindoia e Serra Negra são ideais para passeio ou tratamento. O Expresso Brasileiro liga São Paulo áquelas cidades com seus modernissimos onibus em diversos horários diários, cobrindo o agradável percurso em pouco mais de 3 horas.

Escalas em: Jaguariuna - Pedreira Arcadas e Amparo

Departamentos de guarda-bagagens

AGENCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395
LINDOIA
Rua Duque de Caxias, 541
SERRA NEGRA
Praça João Zelante, 12 - Fone 43

EXPRESSO BRASILEIRO
VIAÇÃO Ltda.

À VENDA

ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO DE 1955

Preço Cr$ 20,00

LOTEAMENTO CIDADE

BEIRA-MAR

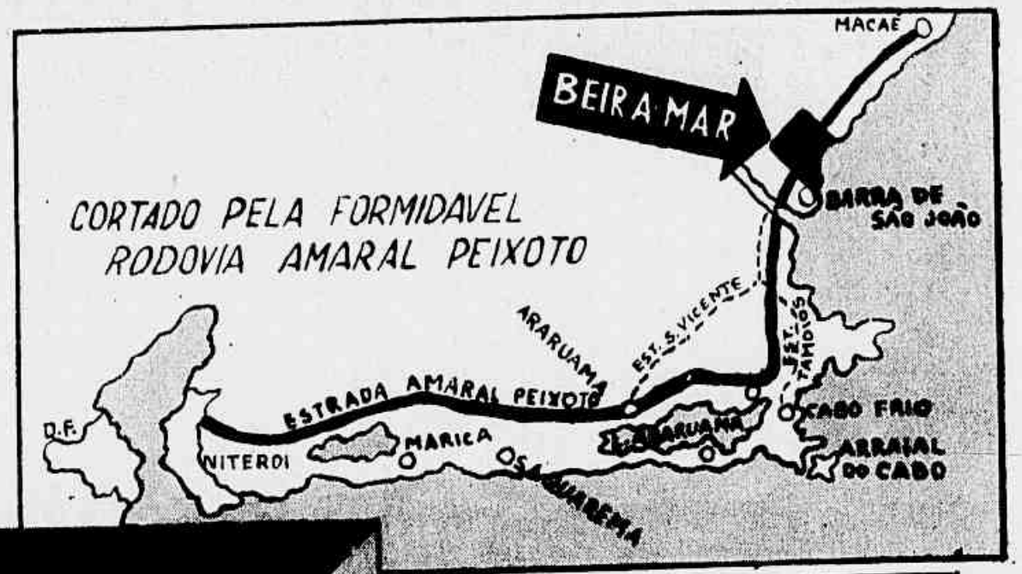
BARRA DE SÃO JOÃO

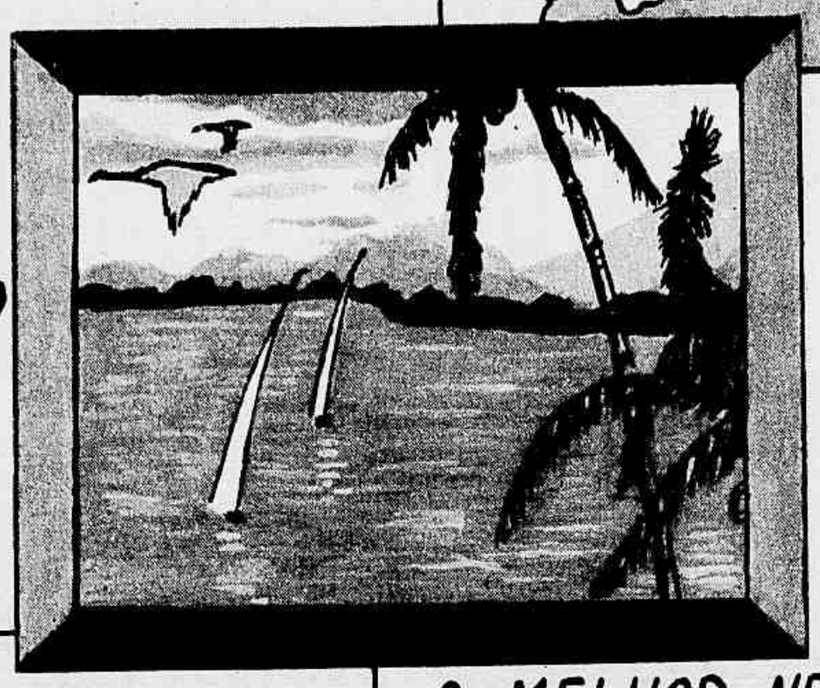
★

NA MAIS LINDA PRAIA NO MELHOR PONTO TURISTICO DO EST. DO RIO

★

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE CABO FRIO





PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR$

70,00

MENSAIS

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

VENDAS E INFORMAÇÕES

CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PÔRTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)
TELEFONE : 32-9933
Horário : 9 às 18 horas (inclusive sábados)
Domingos : das 9 às 12 horas.

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS :

★ Pagamento em 100 meses
★ Sem entrada e sem juros
★ Condução farta : diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
★ Construção livre — Posse imediata.
★ Caça e pesca abundante.
★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

UM HOMEM FELIZ

(Conclusão do número anterior)

— Não é necessário escolher um determinado assunto para conversar. Em tôdas as facetas da vida normal, desde o amanhecer ao anoitecer, os assuntos estão nas conversas. Dentro das frases, das atitudes, nos movimentos, sem que necessário se torne escolher um determinado tema. É provável que tenha dito tudo isto à minha família, aos meus amigos através de condutas, de brincadeiras, de intenções, sem precisar expor teorias. Não sei, não posso orientá-lo com uma resposta definida. Mas afinal doutor, o que tenho? de que sofro? Por que êste desdobramento de sensações indefiníveis, esta espécie de prenúncio de doença que não dói; êsse estado de tristeza quando estou alegre e a sensação de alegria quando sinto tristeza? Possìvelmente o senhor pensará que estou construindo atitudes e frases nesta minha explicação. Pensará talvez que desejo confundi-lo ou desviá-lo das normas comuns da sua ciência, impedindo com estas contradições, levá-lo a um verdadeiro diagnóstico sôbre mim! Não. Eu estou sendo agora o que sempre sou. Estou aqui para que veja se passei a notar esta inquietação vaga, por doença ou por velhice. Se é por doença, cuide do foco. Se é por velhice, não há doença.

— O senhor me parece dentro de tôdas as observações que fiz, dentro de todos os exames que pratiquei, uma pessoa de saúde perfeita, um homem normal, feliz e distanciado de qualquer compreensão psíquica. Não há remédios a receitar nem há necessidade de tempo mais longo para observações, porque não encontrei nenhum vestígio que me fizesse acreditar nessa medida. O senhor é um ente perfeitamente normal.

— Quem sabe doutor eu sofro de... normalidade?

O médico, vestido no seu elegante e impecável avental de linho branco, afrontou com o olhar surprêso Eduardo e, com um sorriso no canto da bôca falou:

— Isto não existe meu caro. Não há nenhuma anormalidade em ser perfeitamente normal. O que o senhor pode sofrer é de felicidade absoluta e, felicidade nunca foi enfermidade!

Eduardo calou-se. Agradeceu, despediu-se e saiu. Ao chegar à rua parou por instantes na esquina e deixou-se ficar olhando aquela multidão de criaturas que passava ao seu lado. Depois andou, repisando para si as confirmações do médico: não estou enfêrmo, sou um homem normal, vivo tranqüilo e amado. Sou um homem feliz... um homem feliz!...

Foi para casa dirigindo o seu automóvel, semre pensando: «Sou um homem feliz, sou um homem normal.»

Ao chegar, recebeu, como sempre, os beijos carinhosos de Teresa e Alice. Conversou como sempre sôbre vários e vagos assuntos. Respondeu com sincero bom humor às brincadeiras de sua filha. Sentou-se numa poltrona confortável e fumou um cigarro. Num dado momento Teresa entrou na sala e de costas, entretinha-se arrumando um jarro, as flores colhidas no jardim. Eduardo examinou-a com uma ternura desmedida, com uma espécie de saudade antecipada, abraçou-a com a alma. Sentiu que era verdadeiramente feliz. Nada lhe faltava. Desde o carinho, o amor, até o confôrto material. Levantou-se tranqüilamente, foi ao seu escritório. Arrumou alguns papéis sôbre a mesa e separou outros para guardá-los na gaveta. Ao abri-la deparou com uma arma de fogo que ali sempre estivera mas, Eduardo jamais havia notado. Agarrou-a e pensou: «sou um homem feliz. E se amanhã eu perdesse tôda essa felicidade, ficasse despojado de todo êsse bem?» Neste instante Eduardo sentiu que o motivo que o fizera procurar um médico havia aparecido. Sofria da angústia de um dia na vida perder a sua felicidade. Essa razão fazia-o sentir-se estranho ao ver Teresa tão suave, tão meiga, tão companheira, sua filha tão bela e carinhosa, os seus amigos tão leais...

Ouviu-se um estampido.

Não houve nenhuma explicação para o gesto tão dramático de Eduardo. Todos repetiam: Era um homem normal, amado pela espôsa, adorado pela filha, querido e respeitado pelos amigos. Era trabalhador, vivia contente nas suas ocupações e não tinha nenhuma dificuldade financeira! Era um homem feliz, era um homem normal...

BOMBAS ELÉTRICAS E MANUAIS

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petrópolis, 1461
RIO — Rua Benedito Ottoni, 62/4
Tels.: 28-2591 e 48-4807

MATERIAL ELÉTRICO

FORNECEDORA ROYAL DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.

VENDAS:
CAXIAS. Estado do Rio — Av. Rio Petrópolis, 14
RIO — Rua Benedito Ottoni, 62
Tels.: 28-2591 e 48-4807

EXCLUSIVO

O candidato Juscelino Kubitscheck responde ao questionário da REVISTA DA SEMANA:

"ESTAMOS CONSUMINDO CÊRCA DE 160000 BARRIS DE PETRÓLEO POR DIA"

«SE UMA PEQUENA PARCELA DA SORTE NOS AJUDAR PODEREMOS RESOLVER O PROBLEMA EM POUCOS ANOS» ★ PONTO CRÍTICO DA ATUAL ESTRUTURA ECONÔMICA: SITUAÇÃO GRAVE DA NOSSA RÊDE FERROVIÁRIA ★ USINAS SIDERÚRGICAS EM VITÓRIA E SANTA CATARINA ★ «MAS ISTO NÃO É UM QUESTIONÁRIO, É TODO UM PROGRAMA DE GOVÊRNO!» ★ E O CANDIDATO JUSCELINO DEIXA DE RESPONDER A 32 PERGUNTAS

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

(3ª de uma série com os Candidatos à Presidência da República)

Fotos de VINICIUS LIMA

" ESTAMOS CONSUMINDO CÊRCA DE CENTO E SESSENTA MIL BAR

ENERGIA

PETRÓLEO

REPORTER: — É nacionalista em política de petróleo? Julga que a lei que criou a Petrobrás deveria ficar tal como está, ou admite seja modificada, a fim de permitir a participação dos capitais internacionais na pesquisa, lavra e refinação?

JUSCELINO: — Já defini claramente a minha posição com relação ao problema do petróleo nacional, francamente favorável à Petrobrás e à política de eliminação de concessões de pesquisa e lavra. A Petrobrás, com os recursos de que dispõe, é o instrumento que mais ràpidamente poderá descobrir e mobilizar nossas reservas de óleo. Se uma pequena parcela da sorte ajudar o grande esfôrço de pesquisa que se realiza, poderemos resolver o nosso problema em poucos anos. Estamos consumindo cêrca de 160.000 barris de petróleo por dia. Ora, se tivéssemos a sorte grande de descobrir uma estrutura petrolífera semelhante às do Oriente Médio que produzem 16.000 barris por poço em média, com 10 poços estaríamos abastecendo o país. Ainda que isso não ocorra, estamos jogando com muitas probabilidades de resolver nosso problema em pouco tempo. Devemos perseverar e agir com energia na diretriz traçada. Tenho confiança em que ela nos levará ao sucesso.

CARVÃO

REPÓRTER: — Que pensa do Plano Nacional do Carvão? Nesse setor de energia, consulta os interêsses do país ou deve ser modificado?

JUSCELINO: — Em meu programa de govêrno há um longo capítulo em que estudo o problema do carvão nacional. O Plano de Carvão foi uma primeira etapa. Precisa ser agora ampliado, com a criação de um grande combinado industrial em Santa Catarina e com a construção de usinas termo-elétricas nas outras regiões carboníferas.

ELETRICIDADE

REPÓRTER: — Como enfrentar o tremendo déficit de energia elétrica que vem freiando o progresso? Acha que a diretriz contida na Eletrobrás é correta?

JUSCELINO: — A experiência que realizamos em Minas através da CEMIG é concludente. Uma entidade de economia mista criada e dirigida com verdadeiro espírito industrial e complementando a iniciativa privada pode nos ajudar a superar o deficit crônico da energia elétrica que retarda o progresso de várias regiões do país. Em Minas já avançamos de tal forma na organização da CEMIG e de suas subsidiárias regionais que já contamos como resolvido o nosso problema de eletrificação. A CEMIG está instalando as máquinas do seu programa inicial de 250.000 cavalos e construindo obras hidráulicas que o elevarão a 300.000. Ao mesmo tempo a iniciativa privada executou um programa de 145.000 cavalos ajudando a elevar o potencial de Minas a 600.000. O mais importante, entretanto, é que criamos com a CEMIG uma máquina de fazer usinas e uma grande emprêsa de operação de nossos sistemas elétricos. A Eletrobrás foi concedida com os mesmos fundamentos da CEMIG e poderá prestar inestimáveis serviços ao país. Deve ser dito entretanto, que o Fundo Federal de Eletrificação não é suficiente para atender a todos os investimentos que temos que fazer no setor da energia. Basta lembrar que êsse Fundo deverá fornecer a Mi-

Candidato a Presidente, tem de madrugar, e Juscelino não foge à praxe: Cinco da manhã, faz a primeira refeição com as filhas, Márcia e Maris Stela. Nesse dia a espôsa, que também trabalha pela eleição do marido, já estava ausente. Muitas vêzes o café é interrompido pelos visitantes.

● Cronològicamente, deveria ter sido publicada em primeiro lugar a palavra do sr. Juscelino Kubitscheck ao nosso questionário, desde que foi o ex-governador mineiro o que também primeiro oficializou a sua candidatura à Presidência da República. Êstes quesitos chegaram às mãos de S. Exa., antes de serem entregues aos demais candidatos, mas só agora, na segunda semana de agôsto, as respostas nos foram entregues. E incompletas. As razões que o levaram a deixar de satisfazer a outra parte do questionário, não as conhecemos nem foram explicadas ao repórter. Aparentemente, terá sido a escassez de tempo, conquanto êsse motivo não haja impedido, até agora, que os seus competidores, general Juarez Távora e Ademar de Barros, dessem à REVISTA as respostas integrais. Se, porventura, o sr. Juscelino Kubitscheck decidir enviar a esta redação, preenchido, o formulário suplementar, êle será divulgado imediatamente. Por um dever de consideração com os leitores, aqui estão as perguntas sôbre Energia, Transportes, Indústria do Aço e outras indústrias pesadas, com as respectivas respostas, e, em separado, o formulário não preenchido. Isso quer dizer que o nosso questionário foi perfeitamente igual para os quatro candidatos ao Catete, restando ainda a palavra do sr. Plínio Salgado, cuja demora, ao que nos dizem seus auxiliares imediatos, encontra justificativa também no acúmulo de serviço, viagens, expedientes e correspondência a despachar, etc. Esperamos publicar em um de nossos próximos números as respostas do sr. Plínio, com as quais ficará encerrado êste serviço, iniciativa da REVISTA DA SEMANA, sem qualquer interêsse publicitário remunerado, para esclarecimento do eleitorado brasileiro.

● Cabe ainda informar que por diversas vêzes o sr. Juscelino Kubitscheck marcou, com êste repórter, dia, hora e local para um encontro mais demorado, e para o registro fotográfico necessário. Por duas vêzes não foi possível avistar-se a reportagem com S. Exa., obrigado a ausentar-se de inesperado e deixando recados pelos seus auxiliares, marcando outras datas que, entretanto, viriam a ser novamente adiadas. Só por uma vez foi possível obter um encontro pessoal, manhãzinha cedo, no apartamento residencial do candidato, à rua Sá Ferreira, por sinal que, nesse dia, S. Exa. estranhou não lhe ter sido entregue, anteriormente, o questionário, que havia ficado em mãos de intermediários. Reconhecendo a profundidade das perguntas e não querendo satisfazê-las sem maior estudo, também então uma transferência de datas foi feita. E das primeiras. Disse-nos, então, o sr. Juscelino:

— Mas isto não é uma entrevista comum! Isto é um verdadeiro programa de govêrno... Uma plataforma, sem tirar nem pôr... É preciso tempo, é preciso estudar tudo isto muito bem... Marcaremos então outro encontro.

★

E aqui está, leitor, o repórter a desobrigar-se de mais uma etapa da sua árdua tarefa.

Aguardemos, por fim, a palavra do sr. Plínio Salgado — a última.

RIS DE PETRÓLEO POR DIA."

nas cêrca de 2,5 bilhões de cruzeiros nos próximos dez anos, enquanto que a taxa de eletrificação estadual fornecerá cêrca de 6 bilhões.

Além do esfôrço que temos a fazer através da Eletrobrás, precisamos mobilizar recursos da iniciativa privada. Nos próximos cinco anos devemos aumentar nossa potência de 3 para 5 milhões de kilowatts e isso custará no mínimo 36 milhões de cruzeiros, ou seja, 300 milhões de dólares, mais 24 bilhões de cruzeiros. Essa é a meta que temos a atingir para manter o ritmo de nosso progresso.

TRANSPORTES

FERROVIAS

REPÓRTER: — Qual a política ferroviária mais adequada para assegurar vitalidade econômica e eficiência à nossa obsoleta rêde?

JUSCELINO: — A grave situação da nossa rêde ferroviária é talvez o ponto crítico da nossa atual estrutura econômica. Temos que reorganizá-la e transformá-la num instrumento capaz de atender as nossas crescentes demandas de transporte. Sou favorável à criação da Rêde Ferroviária Nacional, emprêsa do tipo sociedade anônima, porque a recuperação das nossas estradas de ferro só será possível se as administrarmos com um novo espírito industrial.

RODOVIAS

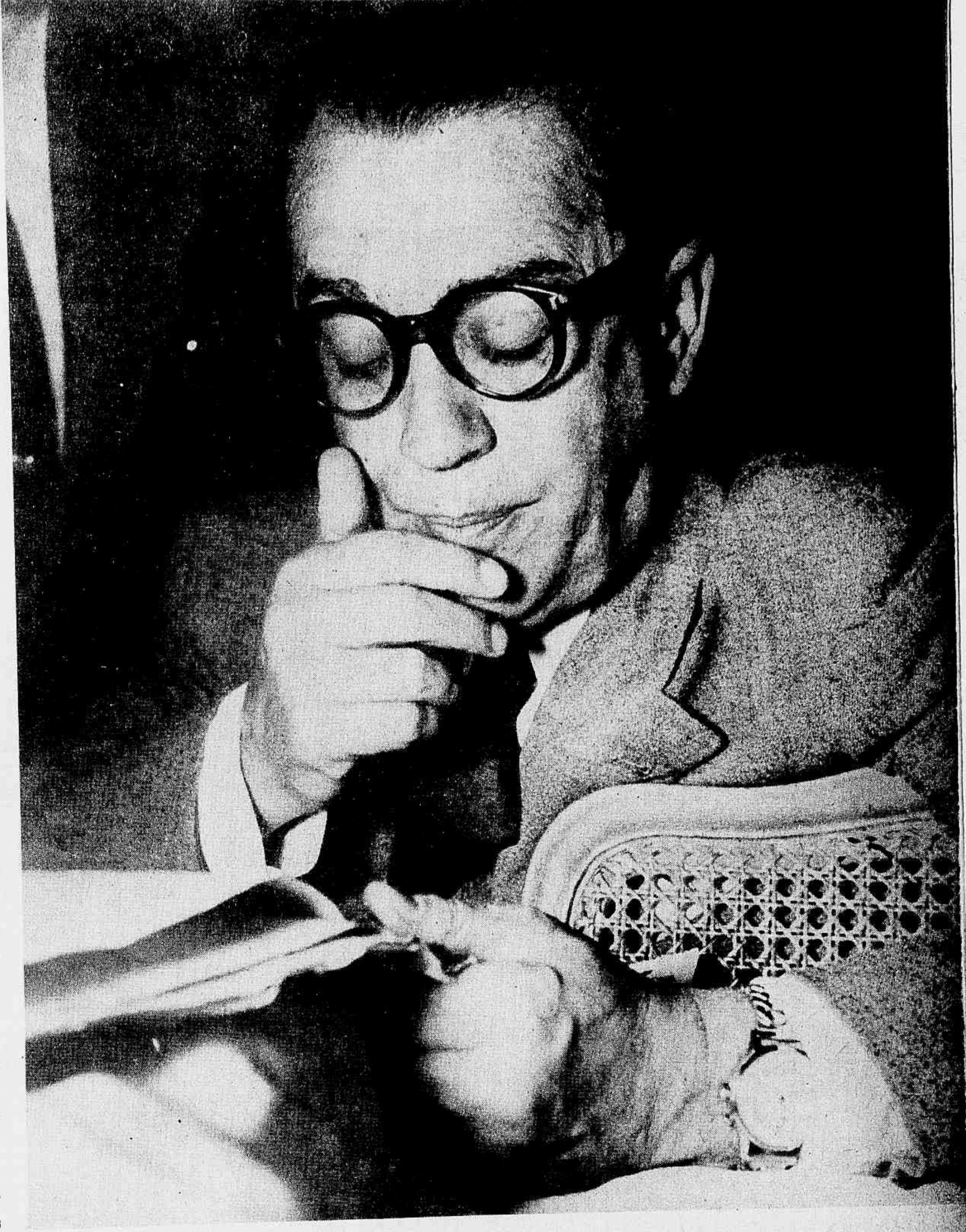
REPÓRTER: — O impôsto único sôbre combustíveis líquidos é o caminho certo para proporcionar ao Brasil o sistema rodoviário de que necessita?

JUSCELINO: — O grande progresso realizado pelo nosso sistema rodoviário nos últimos anos é um testemunho do acêrto da política instituída pela Lei Joppert. O ponto fraco do impôsto único sôbre combustível líquidos é não ser êle «ad valorum» e não acompanhar as flutuações do poder aquisitivo da moeda. Creio que, com o fundo especial da pavimentação, será possível manter-se o ritmo da obra rodoviária que o Brasil exige.

PORTOS

REPÓRTER: — Como enfrentar os problemas de dragagem e do reequipamento dos portos? Esposaria o atual programa, dando-lhe cumprimento?

JUSCELINO: — Os estudos mais objetivos que conheço, demonstram que o ponto de estrangulamento dos nossos transportes marítimos é hoje a falta de equipamento de nossos portos e, em muitos casos, a falta de dragagem. Nos serviços de cabotagem os navios navegam 30% do tempo e ficam retidos nos portos 70%. O simples reaparelhamento dos portos corresponderá a um acréscimo da frota, pela melhor utilização dos navios existentes. Não podemos por isso deixar de realizar um programa enérgico de aparelhamento e dragagem de nossos portos.



Uma passagem rápida pelos matutinos e tudo pronto para começar mais um dia de campanha. Os óculos são apenas para leitura e o flagrante foi obtido de surprêsa. Juscelino prefere posar sem êles — e a última página do «Correio da Manhã» é uma das suas primeiras leituras.

INDÚSTRIA DO AÇO

REPÓRTER: — Como planejaria o aumento da capacidade de produção de aço no país? Acha acertada a construção de uma grande usina siderúrgica em São Paulo? As realizações em curso cobrirão as necessidades nacionais?

JUSCELINO: — Um dos mais completos documentos da base para o meu programa de metais é o que se refere à indústria siderúrgica. Nêle se demonstra que devemos consumir 2 milhões e 300 mil toneladas de laminados em 1960 e que poderemos fabricar no Brasil 2 milhões, importando 300 mil toneladas. Essa meta de produção de 2 milhões de toneladas em 1960 será atingida com os programas de ampliação de Volta Redonda (Plano do Milhão), da Belgo Mineira, da Acesita e de várias outras minas privadas e mais a conclusão do programa de 100 mil toneladas de Mannesmann. Êsses programas já em curso elevarão nossa produção a 1.800.000 toneladas, sendo necessário que a usina de Piassaguera, projetada em Santos, se torne realidade. Por isso apoio essa iniciativa.

No meu programa de govêrno, incluo as usinas siderúrgicas de Vitória e de Santa Catarina, que deverão ser atacadas no próximo quinqüênio. A idéia nova que apresento no meu programa é a da construção de uma usina eletro-siderúrgica na zona de influência de Paulo Afonso. A experiência que está sendo vivida em Minas, nos aconselha a planejar pelo Nordeste uma siderúrgica de 100.000 toneladas de laminadas leves, como um dos temas fundamentais do programa da industrialização do Nordeste, que venho estudando com entusiasmo.

OUTRAS INDÚSTRIAS PESADAS

REPÓRTER: — Acredita que as indústrias do aço e do petróleo já alcançaram desenvolvimento bastante para justificar que se incentive a criação de poderosas indústrias químico-automobilística e de equipamento elétrico?

Ainda com o jornal na mão, sem ter chegado ao fim do noticiário político, atende às primeiras telefonemas. Dois aparelhos não chegam para tanta chamada. Eis porque a resposta ao questionário tardou meses....

JUSCELINO: — Sem dúvida alguma. No Plano de Desenvolvimento Econômico que estamos elaborando, demonstramos a viabilidade e a oportunidade da criação entre nós, de grandes indústrias, tais como a de automóveis e caminhões, a de locomotivas diesel elétricas, a de grandes equipamentos mecânicos, a de material elétrico e a de construção naval.

Já constituímos um mercado interno suficientemente amplo para essas indústrias, de modo que uma política governamental enérgica e clarividente poderá dar nascimento a êsse tipo de emprêsas tão necessárias ao nosso progresso, em face do nosso crônico desequilíbrio da balança de pagamentos.

A indústria química tem que ser desenvolvida em função do petróleo e do carvão de pedra, assim como abrir novos horizontes no setor dos fertilizantes, com a utilização de nossas reservas dos fosfatos e potássio e com a fixação do azôto atmosférico. Êsses temas são estudados em detalhes no Plano de Desenvolvimento Econômico.

O QUE NÃO FOI RESPONDIDO

● **POLÍTICA DE PREÇOS:**

— Em combustíveis líquidos, qual a política acertada: preços baixos para baratear a produção e seu transporte ou altos, tendo em vista proporcionar bonificações de produtos agrícolas?

● ENGENHEIROS E PESSOAL TÉCNICO:

— Como solucionar a carência de engenheiros e pessoal técnico para enfrentar a expansão industrial do país?

● PLANEJAMENTO, DIRIGISMO E LIVRE INICIATIVA:

— Compete ao Estado planejar e intervir diretamente na economia nacional, ou essa deve ficar entregue à livre iniciativa?

● AGRICULTURA:

a) **Trigo:** — Devemos e podemos ser auto-suficientes?
b) **Café:** — Qual a política que prefere nesse setor?
c) **Mecanização da lavoura e adubos:** — Que pensa a respeito?
d) **Relatório Klein & Sacks:** — Aconselha a sua adoção?

● COMÉRCIO EXTERIOR:

— Que pensa do reatamento das relações comerciais com a União Soviética e a China Continental?

● INFLAÇÃO:

— Quais as providências que adotaria para sofrear o surto inflacionário?

● POLÍTICA INTERNACIONAL:

— Qual seria, a seu ver, a política exterior que o Brasil deveria abraçar, no futuro?

● BANCOS E CRÉDITOS:

— Qual é, no seu entender, a política de crédito que o Brasil precisa instituir, partindo-se da obrigação constitucional da fundação do Banco Central e da nacionalização dos bancos de depósito?

ASSUNTOS DIVERSOS:

— Quem foi, na sua opinião, a maior figura de estadista do Império?

— E o maior presidente da República, até hoje?

— Acha realmente difícil a situação política, econômica e financeira do país?

— E a que atribui a situação a que chegamos?

— Qual será o total do eleitorado brasileiro no próximo pleito?

— Considera necessária uma orientação de poupança e de cortes?

— Que pensa da mudança da Capital Federal?

— Quais são, pela ordem, os três maiores problemas de ordem geral e de natureza material do Brasil?

— Como aprecia o panorama político nacional depois do 24 de agôsto?

— Por que V. Exa. não aceitou a articulação de sua candidatura antes dos acontecimentos de 24 de agôsto?

— Qual o maior governante de Minas em sua história?

— Quais os efeitos da Revolução de 30 em Minas Gerais?

— Que votação espera aproximadamente em favor de sua candidatura, decorrente da maioria pessedista que lhe dá apoio?

— Em quanto estima, a grosso modo, a perda decorrente da dissidência?

— Que impressão tem da situação orçamentária pròpriamente dita, do país: sua receita e sua despesa em relação aos princípios da técnica orçamentária?

— Que impressão tem da previdência social no Brasil?

— Qual o melhor critério para a constituição de um ministério no Brasil?

— Há problemas de ordem psicológica e moral de amplitude nacional? Quais são?

— Há algum homem público a quem V. Exa. esteja particularmente ligado por fôrça de influência que porventura tenha tido no lançamento e conseqüente projeção de V. Exa. na vida política?

— Como recebeu o discurso de Getúlio Vargas por ocasião da festa inaugural da Mannesmann?

— Já se apagaram em Minas os reflexos do último decreto do salário mínimo?

(NOTA: Convém lembrar que a primeira cópia dêsse questionário foi entregue na primeira quinzena de maio. Três meses, portanto, antes de respondido pelo sr. Juscelino Kubitscheck.)

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46
PUBLICIDADE:
ORGANIZAÇÃO PAULISTA LTD. (ORPAL)
à rua Sete de Abril, 374
Telefone: 36-4725

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 35 — Rio de Janeiro — 27-8-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente.....**Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidad.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores...**S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

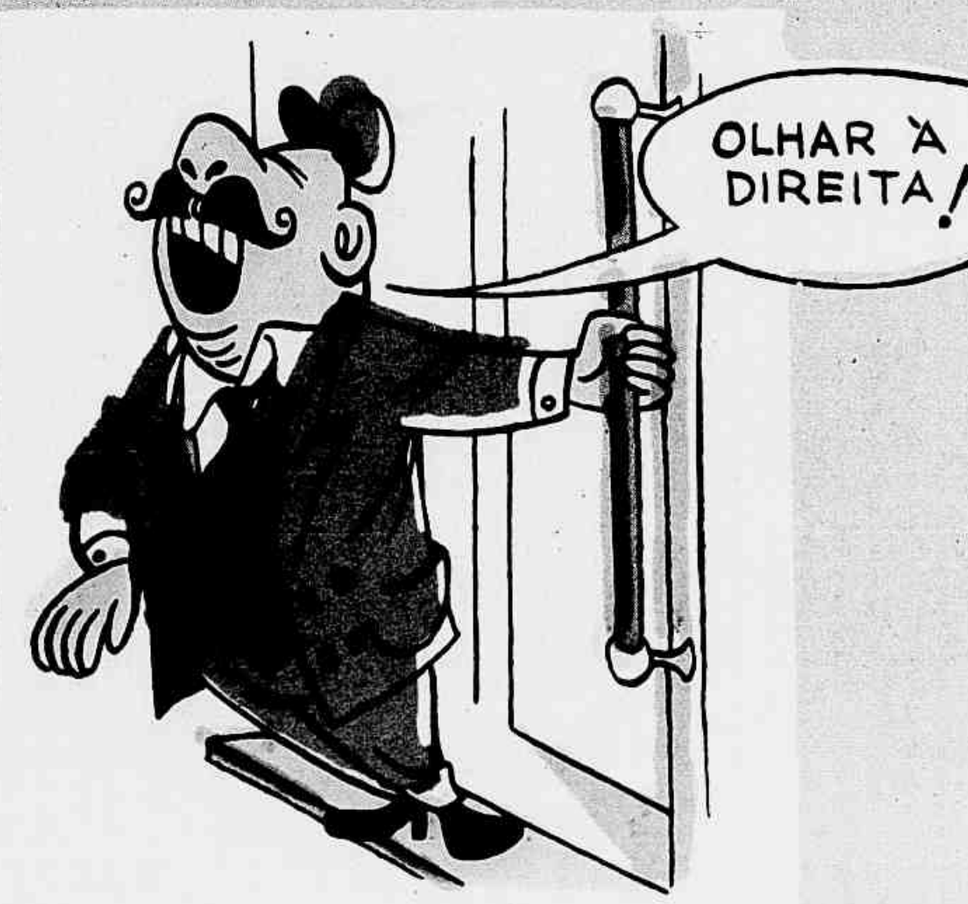
A FIGURA EM FOCO

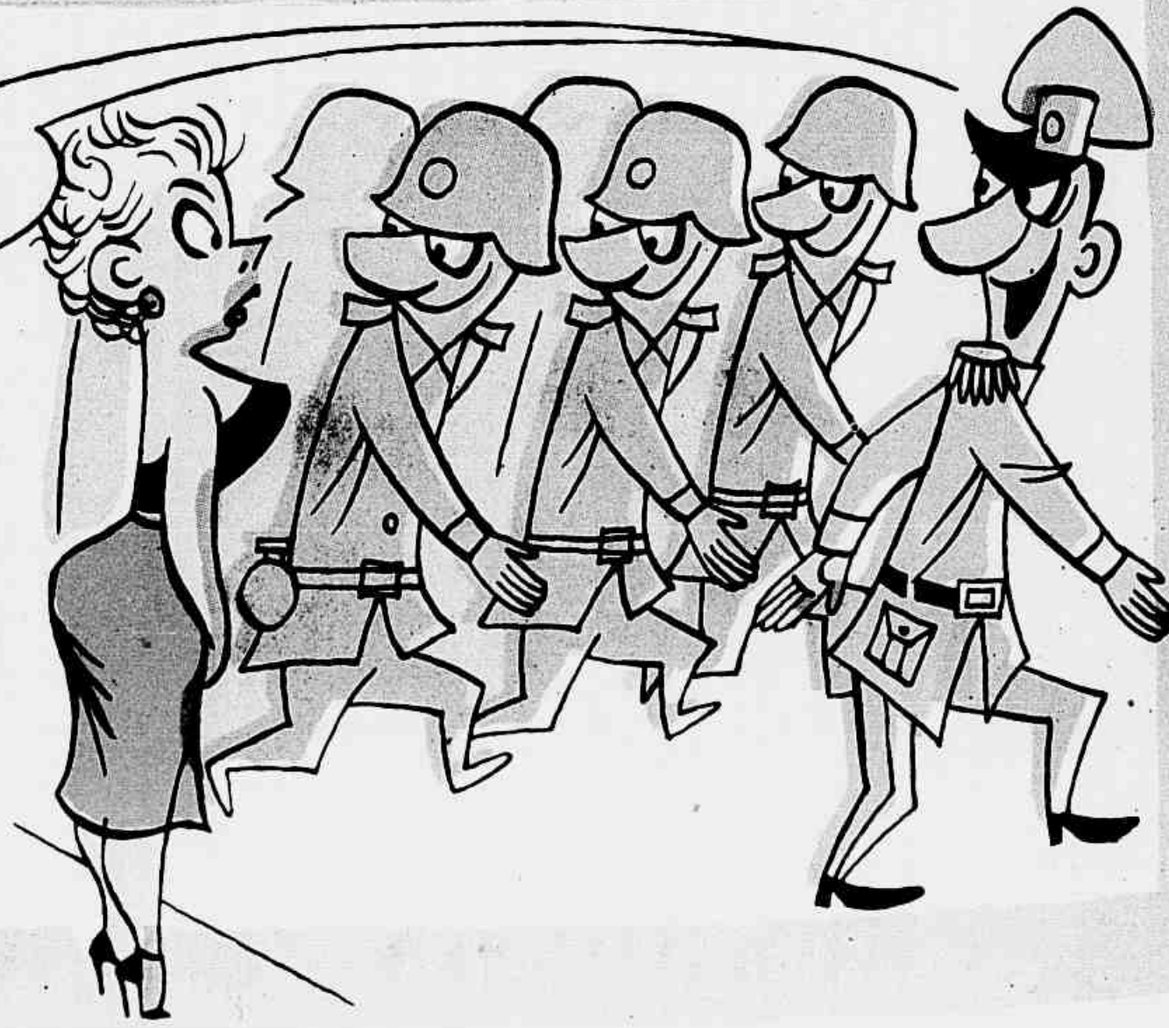
H. S.

De Hollywood o embaixador
Tudo nêle é sedutor,
Tem linha e não desacata.
Fala pouco e acertado
Olha e escuta com cuidado
Em suma: é um diplomata.

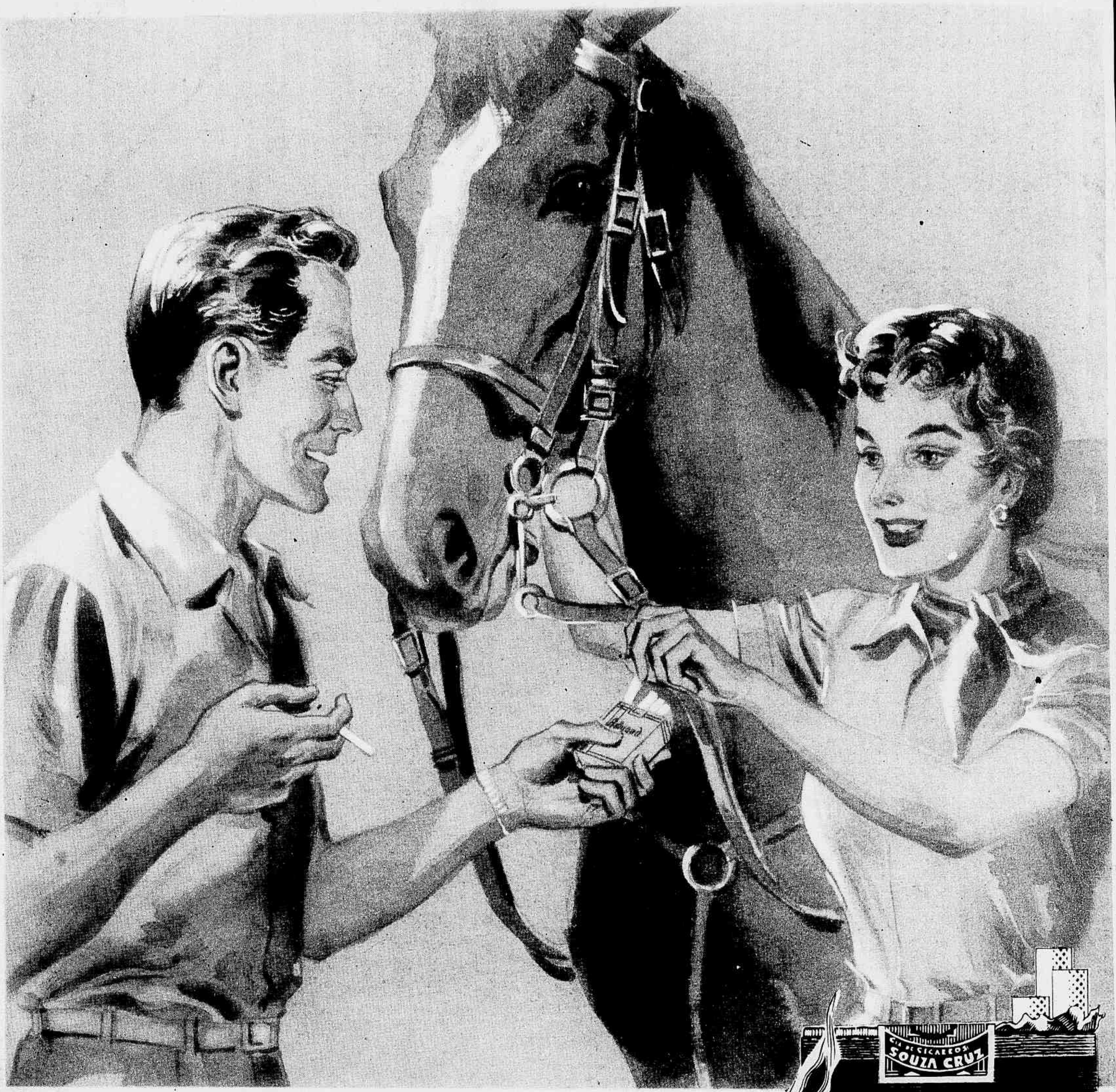
FORTUNA (usando muito poucas) APRESENTA

O SENTIDO DAS PALAVRAS





DEPENDE DAS SITUAÇÕES



Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gôsto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.294